Sérgio Pereira Couto

A EXTRAORDINÁRIA HISTÓRIA DA CHINA

CULTURA | RELIGIÃO | ECONOMIA | POLÍTICA
SOCIEDADE | TECNOLOGIA | LENDAS

UNIVERSO DOS LIVROS

Sérgio Pereira Couto

A EXTRAORDINÁRIA HISTÓRIA DA CHINA

CULTURA | RELIGIÃO | ECONOMIA | POLÍTICA
SOCIEDADE | TECNOLOGIA | LENDAS

Diagramação
Stephanie Lin
Fabiana Pedrozo

Capa
Sérgio Bergocce

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

C871c Couto, Sérgio Pereira.

A Extraordinária História da China / Sérgio Pereira
Couto. – São Paulo: Universo dos Livros, 2008.
160 p.

ISBN 978-85-99187-75-3

1. China. 2. História Antiga. I. Título.

CDD 931

INTRODUÇÃO

Poucos são os países modernos que podem se dar ao luxo de possuir uma história milenar que convive de maneira pacífica com o moderno e o presente. Esse é o caso da China. Trata-se de um país que, ao mesmo tempo, causa receio e fascínio em quem não o conhece.

O receio é pela maneira estranha e controlada que sua sociedade é conduzida a mão de ferro por seus dirigentes. O fascínio é pela história e tradição que remonta há vários séculos, numa época em que ninguém nem imaginava que aquele amontoado de reinos de onde saíram os tibetanos e os mongóis se tornaria hoje uma nação tão forte política e economicamente que atrai as atenções mundiais.

Porém, engana-se quem acha que essa transformação foi suave. Os chineses sofreram muito nas mãos de imperadores déspotas como o mítico Primeiro Imperador Qin Shi Huang Di (também grafado como Huangdi), cujo exército de soldados feitos de terracota em tamanho natural correu o mundo e causou assombro e admiração.

Pouco antes do fim do imperialismo, houve a invasão de seu território por diversas nações européias, a ponto de estas acharem que tinham o direito de colocar placas com os dizeres “proibido cães e chineses” em jardins localizados em suas cidades. O Japão também pintou e bordou dentro daquele país a ponto de se achar o dono do território, sonho que só acabou com sua derrota para os Aliados na II Guerra Mundial.

E finalmente vieram os anos conturbados das Revoluções Comunista e Cultural. Mao Tse Tung possui hoje uma popularidade semelhante à de Lênin na Rússia e o culto à sua personalidade ainda persiste nas mentes de parte da população.

Mas nada disso impediu a China de se tornar candidata a mais nova superpotência mundial. Este trabalho traz todos os aspectos políticos, históricos, culturais e econômicos que você precisa saber para conhecer melhor aquela civilização tão brilhante e dar a ela seu merecido lugar de destaque.

Como diz o provérbio chinês, “há três coisas na vida que nunca voltam atrás: a flecha lançada, a palavra pronunciada e a oportunidade perdida”. Não perca a oportunidade de conhecer a palavra pronunciada deste livro dedicado a esse povo.

Boa leitura!

O autor.

CAPÍTULO 1
HISTÓRIA DA CHINA

Misteriosa e impenetrável. Essas são as duas palavras que as pessoas do ocidente mais ligam à imagem da China quando se fala sobre aquele país. Desde os tempos em que a Revolução Comunista dominou a população e orientou sua mente, a nação, que antes já era envolta por uma camada de isolamento, passou a ser mais impenetrável do que nunca.

Porém, não há nada que dure para sempre. Hoje a China é um dos países que resiste bravamente à queda do comunismo na Ásia e sobreviveu até mesmo à queda de sua principal aliada, a União Soviética. Os dirigentes do PCC (Partido Comunista Chinês), de olho na globalização e nas fontes de gastos para seu povo, com um ganho monetário cada vez mais amplo, aceitaram abrir as portas do país para um evento internacional, no caso as Olimpíadas de 2008. O mundo ficou voltado para a China como um ponto turístico tão procurado quanto qualquer capital cosmopolita da Europa. Estima-se, inclusive, que até 2010 o país "roube" a posição de destino mais procurado pelos viajantes de todo o mundo, que hoje pertence à França.

Pouco ou quase nada é divulgado nos países do ocidente sobre a China, talvez um reflexo ainda tardio dos tempos em que se acreditava que o comunismo era "coisa do diabo". Hoje os comunistas não assustam tanto assim e até mesmo trocam idéias de governo com outros países. Mesmo assim, não se sabe muito sobre a história do país dos "filhos do dragão", somente alguns destaques como a importância da Grande Muralha da China (que hoje faz parte da lista das Sete Maravilhas do Mundo Moderno) e da admiração que o fabuloso exército de terracota do Primeiro Imperador desperta nas pessoas do mundo todo. Também conhecemos muitos dos mitos e lendas que são contados até hoje, embora religiões como o budismo e o islamismo predominem e contrastem com as lendas politeístas de tempos imemoriais, que conheceremos ainda neste trabalho. Fora isso,

ainda há a grandeza da arte chinesa, especialmente na porcelana, que gerou os famosos (e extremamente caros) vasos Ming.

Além disso, o que mais sabemos? Como vivem os chineses hoje e qual foi a importância da Revolução Cultural de Mao Tse Tung? Por que a arqueologia não recebe permissão para escavar o enorme túmulo do Primeiro Imperador? O que precisamos saber caso alguém decida viver ou estudar num país que, segundo diversas projeções estatísticas e econômicas, possui todas as condições necessárias para se tornar uma potência tão atrativa para o ocidente quanto qualquer outro da América do Norte ou da Europa?

Todos esses detalhes, e muito mais, serão vistos ao longo deste trabalho. Ainda há pontos que impedem um estouro de demanda pela China, principalmente a barreira lingüística. Mas a importância do país é tanta que já se sabe que grandes empresas nacionais como o Banco do Brasil, a Companhia Vale do Rio Doce, o Banco Itaú e a BM&F (Bolsa de Mercadorias e Futuros) já se estabeleceram por lá.

Por isso, é importante conhecermos bem esse território antes de pensar em explorá-lo. E nada melhor para começar do que vermos um pouco a história da China.

O país, que hoje possui o nome oficial de República Popular da China, situa-se na parte leste da Ásia. Cerca de dois terços de seu território são constituídos por cadeias de montanhas ou terras semidesérticas, em contraste com sua parte oriental que é formada por planícies e deltas muito férteis. Há ilhas, sendo que a maior delas é Hainan, na costa meridional. Os rios principais são: o Amarelo (Huang He no original, berço da civilização chinesa, com 5.464 km, e uma bacia de 752.000 km^2), o Amur (o oitavo maior rio do mundo, que forma uma parte da fronteira entre a Rússia e a China e no final do percurso entra inteiramente em território russo) e o Yu (também conhecido como rio Sian, localizado no sul do país).

A área do território chinês é de 9.596.961 km^2 e sua população é superior a 1.300.000.000 de habitantes, uma marca de fato impressionante e que já gerou várias “lendas científicas”, como a de que se todos os chineses pulassem ao mesmo tempo poderia deslocar o eixo terrestre. Sua capital é a cidade de Pequim (conhecida mundialmente como Beijing e em chinês como Pinyin, que significa “capital do norte”). A cidade foi a maior do mundo durante séculos e possui hoje cerca de 10.300.000 habitantes. É famosa pela Cidade Proibida, nome dado ao palácio dos antigos

imperadores chineses desde o século XV. Também foi capital do Império Chinês entre os anos de 1421 e 1911.

Há outras cidades importantes na China. A mais conhecida é Shangai (também grafada em português como Xangai), situada no litoral do oceano Pacífico e é hoje a maior cidade da República Popular da China, um município que é um dos quatro que possui estatuto de província, com cerca de 17.110.000 habitantes, 6.340 km^2 e densidade de 2.700 pessoas por km^2 . Além dela também são bem procuradas Tientsin, Luta, Shenyang, Cantão, Wuhan, Harbin e Sain.

Cada um desses lugares possui um pedaço importante da história chinesa e montá-la parece um trabalho quase impossível, dado o tamanho da tarefa. Não podemos esquecer que o país possui mais de quatro mil anos de acontecimentos importantes e que sua civilização é uma das mais antigas do mundo (alguns historiadores chegam a apontar que, de fato, os chineses viriam até mesmo antes da civilização egípcia).

Nunca se falou tanto nas contribuições chinesas quanto nesses últimos anos. Afinal, durante a Idade Média, enquanto a Europa se arrastava numa época em que a ignorância e a violência contra o próximo reinavam pelos mais diversos motivos, os chineses se preocupavam com a ciência e as artes, que eram, de longe, mais avançadas que as européias. Basta lem brar que foram eles quem inventaram e trabalharam o papel, a impressão (bem antes da prensa de Gutenberg), a pólvora e até mesmo tinham pratos culinários que seriam adotados mais tarde pelas nações européias (alguém aí se lembrou do macarrão, trazido de lá para a Europa por Marco Pólo?). O talento dos chineses para a poesia, o teatro e a pintura também é reconhecido como grande produção da história da humanidade.

A Origem do Nome

Historicamente se fala que o nome China teria vindo do Primeiro Imperador, o responsável pela criação do famoso exército de terracota que já esteve em exposição no Brasil (sobre o qual falaremos com mais detalhes no **Capítulo 2**). Lembremos que Qin Shi Huang Di foi o primeiro a unificar a China e deu o nome à nova nação a partir do seu estado soberano que dominou os demais, o Estado de Qin (também grafado como Chin). Assim temos a palavra portuguesa China, que deriva diretamente de Qin, que se pronuncia “tchim”, com a letra q pronunciada como um “tch”.

Para estudiosos, entretanto, há uma outra análise do nome, baseada na pronúncia e na grafia. China escreve-se como Zhōngguó no sistema Hanyu Pinyin (um método usado para transcrever no alfabeto latino o mandarim, nome oficial da língua chinesa) e Chung-kuo no sistema Wade-Giles (sistema de romanização em termos de notação fonética e transliteração para a língua chinesa baseado no mandarim). Os lingüistas afirmam que o termo Zhōngguó pode ser traduzido como "país do meio".

Uma terceira probabilidade é que o termo China se origine da palavra chinesa para *chá* (é igual ao termo em português, que, por sua vez, possui origem etimológica no próprio mandarim). Outra possível origem seria a palavra chinesa para *seda.* Para piorar um pouco a confusão, China, em português e em inglês, também é usada como definição de *porcelana.* Seja qual for a verdadeira origem da palavra, parece que, segundo essa tendência, teria em comum uma associação com um produto típico do país.

O que se sabe ao certo é que o termo China é de origem européia e que não possui similar em qualquer uma das línguas do ramo sinotibetano, originárias daquele país. Qual seria a primeira aparição do termo? Infelizmente não há nenhuma referência histórica a esse respeito, que provavelmente se perdeu desde a época em que os povos daquela região, que atravessavam a chamada Rota da Seda [1] o iam utilizando para definir aquele país. O clima de lenda que ronda os registros daquele tempo, incluindo os que falam sobre o mítico Primeiro Imperador, causaram uma incerteza sobre a real origem do termo.

Sobre a Rota da Seda diz um texto publicado pelo Consulado da China:

"A Rota da Seda foi um importante elo entre o oriente e o ocidente. Ela partia de Changan, Capital da Dinastia Han do Oeste e chegava a Roma. Ela foi inaugurada por Zhang Qian. Porém, segundo novas versões, a Rota da Seda era formada por duas estradas: sul e norte. A sul partia de Dunhuang, atravessando a cordilheira Kunlun, o Xinjiang, o Afeganistão, Irã e a Península Árabe, chegando a Roma. A norte partia também de Dunhuang, atravessando a cordilheira Tian e passando pela Ásia Central e confluindo com a sul.

A estrada sudeste também foi importante. Ela partia da província de Yunnan, atravessando a Birmânia, Índia e chegando ao Irã. Em 1986, foram descobertos sinais de culturas ocidentais, tais como da Grécia e da Ásia Ocidental.

Além disso, ainda foi qualificada uma outra via marítima que partia de Guangzhou, atravessando Malaca, Sião, Índia e África Oriental. Os registros históricos ainda comprovam que a via marítima foi formada na Dinastia Song.

A Rota da Seda marítima foi considerada como um instrumento de diálogo entre o oriente e o ocidente, pois interligou a cultura chinesa e as demais civilizações do mundo. Os registros históricos também mostram que Marco Pólo chegou à China por via marítima, assim como usou do mesmo expediente para retornar a Veneza."

DOCUMENTOS ANTIGOS

Documentos que datam do século XVI a.C. em diante registraram os primórdios daquela civilização. Para os estudiosos das principais universidades chinesas, sua civilização surgiu como um amontoado de cidadesestado no vale do rio Amarelo. A primeira unificação da China ocorreu por volta de 221 a.C., período em que se tornou um grande império. As dinastias que passaram a governar aquele país, bem no estilo das egípcias, desenvolveram sistemas de controle burocrático que permitiram ao Imperador administrar o vasto território que compunha a nação.

Curiosamente, a fundação da civilização chinesa foi marcada principalmente pela imposição à força de um sistema de escrita comum pela Dinastia Qin (a mesma do Primeiro Imperador) e pelo desenvolvimento de uma ideologia estatal baseada no confucionismo (conheça mais sobre este misto de filosofia e religião no **Capítulo 3**). Essa unidade política, entretanto, teve seus altos e baixos, já que apenas quatro anos após a morte do Primeiro Imperador houve um golpe de estado que derrubou a Dinastia Qin e instaurou o poder nas mãos dos Han. Também houve a conquista de seu território por potências externas, algumas das quais terminaram por ser absorvidas pelos chineses. Ondas sucessivas de imigrantes levaram influências externas que se fundiram às já existentes e originaram a atual cultura chinesa.

Não há muito que falar sobre a pré-história chinesa. No início, a China foi habitada pela espécie conhecida como *homo erectus* , que teria vivido no período do Pleistoceno (entre 1.806.000 e 11.500 anos atrás), cujo espécime mais famoso é o chamado Homem de Pequim (chamado cientificamente de *homo erectus pekinensis*), que foi descoberto em 1923. Entre os indícios

encontrados nos diversos pontos de escavação estão alguns que indicam a existência de atividade agrícola datados de cerca de 6000 a.C. e associados à cultura Peiligang, nome dado por arqueólogos para um grupo de comunidades do Neolítico encontrado nas margens do rio Yi-Luo na província de Henan, que teria vivido entre 7000 e 5000 a.C.

A prática da agricultura causou o aumento da população e da habilidade de estocar e redistribuir colheitas, além de fazer com que artesãos e administradores continuassem se especializando. No final do Neolítico, o vale do rio Amarelo começou a mudar no sentido de se tornar um centro cultural, já que foi lá que surgiram os primeiros vilarejos.

De acordo com os *Registros Históricos* do historiógrafo Sima Qian, que viveu no século II a.C. (falarei mais sobre ele nos próximos capítulos), o período seguinte viu a aparição dos míticos Cinco Imperadores (sobre os quais há mais informações no **Capítulo 4**). Todos eles foram exemplos de administração e foram considerados sábios, mas um em especial, conhecido como Imperador Amarelo, é apontado como sendo o ancestral do povo chinês. Qian dizia que a "hereditariedade do poder político" seria estabelecida até o período histórico seguinte, o da Dinastia Xia, cujo modelo foi mantido pelas duas seguintes, Shang e Zhou, tempo em que se começa a sair do campo mítico e adentrar o histórico.

A seguir vamos observar as principais dinastias e os fatos históricos a elas ligados.

A Dinastia Xia

Entre a nebulosidade própria dos mitos, está a história da primeira dinastia chinesa, a Dinastia Xia, que é citada até mesmo pelo Consulado da China. Vamos ver o que seus representantes falam sobre esse assunto:

"A Dinastia Xia foi a primeira dinastia da história da nação chinesa, vivida entre os séculos XXI e XVI a.C., num período de mais de 500 anos com 14 gerações e 17 reis. O lugar principal de seu domínio localiza-se nas regiões do sul da província de Shanxi e do oeste da província de Henan. O fundador da Dinastia Xia foi o Rei Dayi, herói na história chinesa por suas façanhas no controle de enchentes. Segundo registros históricos, ele foi muito aplaudido pelo povo devido ao sucesso no controle do rio Amarelo que tinha ameaçado muito a vida do povo, tornando-se assim fundador da

Dinastia Xia. A fundação da Dinastia marcou a substituição da sociedade primitiva pela de propriedade privada, daí a China entrou na fase da sociedade escrava.”

É claro que a história não termina por aí. Ao final dessa dinastia havia uma situação caótica na corte e as diferenças entre as classes tornaram-se maiores. Quando Xia Jie ou Rei Jie de Xia, o último governante da dinastia (acusado pelos registros de ser um tirano), subiu ao trono viu-se que não tinha o menor talento para administrar um reino, o que fez com que o soberano vivesse uma vida corrupta levada pelo poder que possuía. Diz-se que ele vivia o dia todo em companhia de sua concubina favorita e que não dava absolutamente nenhuma atenção ao povo. Chegou a matar os ministros que reclamavam da situação e que apresentavam alternativas. Não é de se espantar que eles terminaram por se rebelarem um após o outro até que o primeiro reino, que estava sob domínio do governante, o de Shang, levantou-se contra e venceu o exército de Xia. Jie fugiu e morreu na terra de Nanchao, o que pôs fim à dinastia.

Historicamente pouco se pode provar sobre a existência dessa dinastia, que continua a ser uma polêmica entre os acadêmicos. A obra já citada, *Registros Históricos* , inclui uma linha cronológica que é seguida pela maioria dos pesquisadores, embora os arqueólogos chineses vivam com a esperança de ainda encontrar algum sinal ou vestígio que confirme a existência dessas dinastias. Uma tentativa disso aconteceu em 1959, quando começaram a procurar as ruínas de Xia. Sobre os resultados conta o Consulado:

“Até agora, muitos historiadores acham que a cultura de Erlitou, na província de Henan, onde foram encontradas ruínas, provavelmente seriam da Dinastia Xia. Segundo cálculos, os sinais da cultura dessa região datam-se em 1900 a.C., período da Dinastia Xia. Mas ainda não foram encontradas provas que comprovem isto realmente.”

Em Erlitou foram encontrados instrumentos e ferramentas de pedra, ossos e conchas, objetos bastante utilizados pelo povo chinês para lavrar e desenvolver a produção agrícola. Mesmo sem encontrar nada de bronze dos Xia, havia alguns instrumentos daquele metal juntamente com objetos de jade, o que representaria um progresso da indústria artesanal.

Dinastia Shang

Embora os Xia sejam a primeira dinastia da história da China, os que tiveram sua existência confirmada por documentos foram os da dinastia seguinte, a Shang. Ela foi fundada no século XVI a.C. e terminou no XII. Nos primeiros anos de reinado, a capital foi transferida várias vezes e ficou na região de Ying, próxima à província atual de Henan. Objetos encontrados em escavações nesse sítio arqueológico demonstram que, logo no início dessa dinastia, a China já se encontrava num alto nível de produção de objetos.

Vamos abrir aqui um parênteses e avançar um pouco no tempo. No começo do século XX, alguns camponeses da aldeia de Anyang, localizada naquela mesma região, venderam peças de cascas de tartaruga e ossos de animais achados casualmente como remédio. Um exame detalhado feito por especialistas acusou a existência de escrita naquelas peças, o que gerou uma necessidade de localizar os demais objetos que restaram. Lembramos que muitos sítios arqueológicos na China possuem obstruções legais e que sabemos serem a maioria das descobertas arqueológicas naquele país um mero fruto do acaso.

Quando os historiadores conseguiram identificar a escrita, viram que era da época da Dinastia Shang e isso levou à descoberta e escavação das ruínas da antiga capital dessa dinastia, a aldeia de Xiaotun. Desde 1928 até hoje, foram encontradas várias inscrições em objetos de ossos, bronze e outras preciosidades. Nessa dinastia, o imperador era considerado como muito supersticioso e fazia sempre previsões com objetos feitos com casca de tartaruga. Para usar esse material, era necessário primeiro limpar e polir, depois inserir a escrita. Os objetos feitos eram usados para prever acontecimentos segundo a mudança de sinais após a queimadura destes.

Até o momento, foram encontradas mais de 160 mil peças de casca de tartaruga, algumas completas, outras quebradas. Cerca de 4.000 caracteres foram encontrados nessas peças, dos quais mais de 3.000 já foram estudados por arqueólogos que conseguiram decifrar mais de 1.000. O resto ainda não foi decifrado. A quantidade de informação resgatada é o suficiente para conhecer detalhes políticos, econômicos e culturais desse período.

O Consulado conclui sobre a dinastia:

“Os estudos sobre objetos desenterrados comprovam que, durante a Dinastia Shang, já se formou o Estado, e a propriedade privada já era estruturada. Podemos concluir que, a partir da Dinastia Shang, a história da China antiga já entrou na sua época de civilização.”

Dinastia Zhou e os Estados Combatentes

Falemos agora sobre a terceira dinastia da antiguidade chinesa. A Zhou (que também é chamada de Chou, Chow, Jou ou Cheu) foi fundada em 1027 a.C. e terminou em 256 a.C., quando foi derrubada pela Dinastia Qin, que é considerada a primeira dinastia feudal da China e sobre a qual falaremos mais no capítulo seguinte.

A Zhou reinou por 770 anos e transferiu a capital para o leste, fato que marcou seu reinado em dois períodos, a Zhou do Oeste (com a capital naquela região) e a Zhou do Leste. Após essa transferência há mais dois períodos: o das Primaveras e Outonos, e o dos Estados Combatentes.

Vamos ver o que diz a tradição historiográfica chinesa. Para eles, os Zhou derrotaram os Shang e concretizaram seu domínio ao afirmarem que seguiam um antigo conceito chamado de Mandato do Céu, uma antiga noção de que o líder (ou seja, o filho do céu) governava por direito divino. Porém, quando o governante perdia o trono, ele perdia também o mandato. Trocando em miúdos, como os Shang perderam o trono, perderam também qualquer direito que acreditavam ter ao governo.

Pelo Mandato do Céu, os Zhou assumiam ascendência divina (conhecida com o nome de Tian-Huang-Shangdi) sobre a anterior, pertencente aos Shang (Shangdi). Essa doutrina explicava e justificava o fim dos Xia e dos Shang, além de dar suporte à legitimidade dos atuais e futuros governantes.

Os Zhou foram fundados pela família Ji, na época em controle da dinastia, e tinham sua capital estabelecida na cidade de Hao, próxima à cidade de Xian, onde foi encontrado o exército de terracota séculos depois. Como possuíam os mesmos idiomas e cultura dos Shang, os primeiros governantes Zhou estenderam sua cultura por boa parte do rio Yangtze.

O primeiro imperador Zhou foi Zhou Wuwang. Foi seguido no trono por Chengwang, que, por ser pequeno demais, teve que deixar o governo nas mãos de seu tio Zhou Gong, que realizou uma expedição ao leste depois de estabilizar a situação do governo.

Entre os anos de 770 e 476 a.C. aconteceu o chamado período das Primaveras e Outonos. Teve esse nome por causa dos *Anais das Primaveras e Outonos* , uma crônica do mesmo período cuja autoria é atribuída tradicionalmente a Confúcio. Foi durante essa época que o governo se descentralizou. Teria sido inclusive no último período dessa era que nasceu Confúcio.

Sobre esse período diz o Consulado:

"Com o desenvolvimento econômico e o aumento demográfico, estados maiores entraram em suas disputas hegemônicas, com o que se registraram grandes mudanças sociais. Na área agrícola, apareceram ferramentas, infra-estruturas hídricas, com o que a produção tem aumentado muito. O período da Primavera e Outono é um período de transição da Dinastia Zhou do Oeste."

Por fim, veio o chamado período de Estados Combatentes, que durou de 403 a 221 a.C. Foi uma época em que os estados soberanos lutavam entre si pela hegemonia e o controle dos demais. Nessa época surgiram outros estados, como os de Zhao, Han e Wei. A unificação da China pelo Primeiro Imperador teria acontecido ao final do período.

Esses anos foram marcados pela constante mudança na situação geopolítica dos estados, uma vez que muitos deles (os pequenos e médios) foram anexados pelos grandes estados até sobrarem apenas os sete maiores: Qin, Chu, Yan, Han, Zhao, Wei e Qi. Embora a maioria tivesse se dedicado a realizar reformas, foi feita pelo estado de Qin (chamada de reforma Shangyang) a que teve maior impacto.

Dinastia Han

Agora teremos que dar um pequeno salto, já que o período seguinte, o da Dinastia Qin, será falado no próximo capítulo com detalhes. Para o leitor, basta saber, no entanto, que Qin Shi Huang Di foi considerado um governante megalomaníaco e sanguinário. Trouxe com certeza muitos

benefícios para a consolidação da China como país, mas a um custo muito alto. Tanto que sua dinastia foi derrotada apenas quatro anos após sua morte.

Assim nada mais natural do que pularmos esse período e irmos direto para o seguinte, que foi o domínio da Dinastia Han, considerada por muitos historiadores chineses como "A Era de Ouro". Essa dinastia durou de 206 a.C. a 220 d.C. Está dividida em pelo menos duas partes: a Han Ocidental (ou Anterior, entre 206 a.C. e 9 d.C.) e a Han Oriental (ou Posterior, entre 25 e 220 d.C.). Foi fundada pelo Imperador Gao (também chamado de Liu Bang) e tinha a capital estabelecida na cidade de Chang'an.

Gao governou por sete anos e reforçou o poder centralizado. Elaborou uma série de políticas relacionadas com a vida do povo, com as quais consolidou seu domínio. Morreu em 159 a.C. e foi substituído pelo Imperador Hui, apesar de o poder ser exercido na prática pela Imperatriz Lu Zhi, de 16 anos na época, uma das poucas governadoras imperiais da história chinesa.

Depois vieram os imperadores Wen (179 a 157 a.C.) e Jing (156 a 141 a.C.), que aplicaram uma política que favorecia o povo com a redução de impostos, o que fez com que a economia prosperasse. Jing Di foi considerado como um dos melhores governantes de toda a história da China, a ponto de ser comparado como uma espécie de "sopro revitalizador" no período que se seguiu ao Primeiro Imperador, que ele mesmo classificou como "tirano e déspota". Anos depois, os arqueólogos também encontraram um exército de terracota próximo do túmulo desse monarca, mas de um tamanho bem menor que o do Primeiro Imperador e apenas com seu corpo. As roupas usadas pelas estátuas haviam apodrecido, bem como os braços móveis de madeira. Num documentário de TV paga, o exército de Jing Di é mostrado como um grande grupo de estátuas nuas sem braços, mas com feições incrivelmente realistas.

Depois do domínio de Wen e Jing, o poder dos Han foi incrivelmente fortalecido. Conforme conta o Consulado:

"Em 141 a.C., o imperador Wu subiu ao trono. Durante sua administração, ele mandou atacar os hunos, tendo expandido sua área de domínio e garantido o desenvolvimento da economia e cultura no norte. Quando velho, ele parou os ataques, dedicava-se mais à agricultura, continuando assim a promover o desenvolvimento econômico de sua

dinastia. Depois dele, o imperador Zhao continuou a desenvolver sua economia, levando a dinastia Han do Oeste para um período mais próspero."

Cerca de 38 anos depois, o poder dos Han havia aumentado muito, o que também provocou algumas pessoas e fez com que houvessem levantes. No ano 8 da era cristã, Wang Mang tomou o poder, mudou o nome do reino, o que marcou assim o fim dos Han do Oeste.

Essa dinastia possuía um governo favorável ao povo, com estabilidade política e econômica. Registrou-se nesse período um grande desenvolvimento na indústria de ateliê, comércio, cultura e arte, bem como nas ciências naturais. O aumento do nível científico provocou alterações nos de fundição, metalurgia e tecelagem. Também tiveram um grande desenvolvimento os intercâmbios diplomáticos e comerciais com países da Ásia ocidental por meio da já citada Rota da Seda.

A Dinastia Han do Leste reinou entre os anos 25 e 220 d.C. com o Imperador Guangwu. Os dialetos foram unificados e a miscigenação dos diversos grupos étnicos que viviam na região começou. Na mesma época, a China iniciou sua expansão para o ocidente e estabeleceu protetorados e rotas comerciais, realizando comércio inclusive com o Império Romano. Assim, no começo da Dinastia Han do Leste, graças ao reforço do poder centralizado e da união entre as forças regionais, o país estava numa fase estável economicamente, com ciência e tecnologia bem superiores às observadas na Dinastia Han do Oeste. Porém, quando a dinastia já estava em seus últimos anos, os homens das estepes (ou seja, os mongóis) voltaram a atacar o território depois de muitos anos de paz. Essas invasões e outras revoltas internas da nobreza geraram uma série de lutas que durariam cerca de 75 anos no total. Assim os Han do Leste foram destronados e o país se dividiu em três reinos: Wei, Shu e Wu.

Períodos de Transição

Entre os anos 220 e 559, apareceu a Dinastia Wei e Jin, no rastro do fim dos Han. Entre os anos 189 e 265, havia apenas os três reinos descritos no parágrafo anterior. Houve ainda outras divisões e quando chegamos ao período entre 317 e 420, ao sul do rio Yang Tse, vemos que o norte estava

numa situação ainda mais caótica com cerca de 16 reinos que lutavam pelo poder.

Enquanto isso o sul tinha sua economia desenvolvida. Por este motivo, os grupos do oeste e do norte mudaram para o sul, o que terminou gerando uma convivência pacífica e harmoniosa. Nessa época surgiram as escolas de pensamento da filosofia Xuan, do budismo e do taoísmo. O budismo foi protegido pelos governadores. Nas ciências, o matemático Zu Chongzhi foi o primeiro a calcular a razão de circunferência ou número π até o sétimo número depois da vírgula decimal.

Surgiu em seguida a Dinastia Sui, estabelecida pelo Imperador Yang Jian em 581. Porém, durou apenas 37 anos (ou seja, foi até o ano 618), quando o imperador Yang Guang foi enforcado. Diz o Consulado sobre esse período:

"O imperador Wen (Yang Jian) anulou o regime de 6 ministros, e estabeleceu o regime de 3 províncias e 6 ministros, além de ter elaborado novas leis. As penas não foram mais cruéis como na Dinastia Sul e Norte. Além disso, foi estabelecido o regime vestibular, para selecionar altos funcionários. O imperador Yang construiu o grande canal que serviu ao povo, porém, também para seus passeios. Ele foi famoso pela crueldade, por isso, colheu o fruto que semeou e foi enforcado, terminando assim a Dinastia Sui."

A dinastia seguinte foi a Tang, que durou 289 anos (reinou entre 618 e 907). Sua história divide-se em duas fases: a primeira foi uma época próspera e a segunda, em contraste, decadente. Foi fundada pelo oficial Sui Li Yuan, que pertencia à dinastia que havia reunificado a China entre 581 e 618, depois de três séculos separados. O período de ouro logo desapareceu para dar lugar a déspotas que infligiam idéias absurdas para o povo. Por exemplo, a mulher de Kao Tsung, Wu, que ria divinizar-se como a encarnação de Buda e implantou um reinado de terror. Assim, na sua fase final, a situação política do país entrou numa confusão com lutas entre facções e rebeliões de camponeses. O resultado não poderia ser outro: a eclosão de uma grande rebelião em que um dos rebeldes fundou seu próprio reino.

AS ÚLTIMAS DINASTIAS

A dinastia seguinte, a Song, foi fundada em 960 pelo rebelde Zhao Kuangying. Mais tarde foi substituída pela Dinastia Yuan a partir de 1279, que sobreviveu por 319 anos divididos em dois grupos, Song do Norte e Song do Sul.

A Song do Norte unificou aquela região e desenvolveu sua economia e cultura ao mesmo tempo em que tinha um comércio com o exterior mais movimentado. Os resultados da área de ciências foram os mais notáveis. É nessa época que aparecem a bússola, a tipografia e a pólvora, além do surgimento do primeiro aparelho astronômico. Na literatura surgiu a filosofia confuciana idealista além da maior difusão do taoísmo e budismo em todo o país.

Falemos agora dos Yuan. Essa dinastia foi fundada por ninguém menos que Kublay Khan, neto de Gengis Khan em 1271. Foi aí que a capital ficou estabelecida em Pequim desde 1279.

Durante o domínio dos Tang, dos Song e dos Yuan, a China tornou-se o país mais próspero do mundo. Muitos comerciantes vinham ao país, que se mostrava aberto ao exterior. Durante os Yuan, diplomatas ocidentais e asiáticos vinham com mais freqüência e estabeleciam laços estreitos, principalmente com o Japão e outros países do Sudeste Asiático. Enquanto isso, eram freqüentes as idas e vindas de barcos e navios entre a China e a Índia. Foi quando o islamismo se popularizou no país e Marco Pólo apareceu por lá por volta de 1275.

O ano de 1368 marca a fundação da Dinastia Ming, a dos famosos e comentados vasos. Durante os 31 anos que ficou no poder ela reforçou seu poderio feudal e despótico, matando ministros com divergências e reprimindo forças adversárias. Uma situação que não mudou muito quando a Dinastia Qing apareceu…

Durante a época dos Ming viveu um político muito famoso chamado Zhang Juzheng. Ele se dedicou a reformas para aliviar as contradições sociais e manter a dominação de sua família, então passou a reformar o padrão administrativo, fez prosperar a agricultura e construiu canais, além de drenar rios e reajustar impostos.

A agricultura era mais desenvolvida e houve enormes avanços nas áreas têxtil, de porcelana, exploração de minérios de ferro, fundição de cobre, fabricação de papel e indústria naval também. A economia mercantil se desenvolveu e gerou muitos sinais de capitalismo.

No fim de seu período, as terras eram mais concentradas pela corte e pelos soberanos, enquanto os impostos aumentavam. Perante o descontentamento do povo, funcionários propuseram reformas e restrições a corrupções. Quando foram reprimidos pelos governantes, uma instabilidade social surgiu. As lutas rurais ficaram mais acirradas e em 1627 foram registradas várias revoltas que se dirigiram para a capital e derrubaram a dinastia em 1644, quando o então imperador Chongzhen suicidou-se em Pequim.

Por fim, chegamos à ultima dinastia, a Qing. Esta dinastia começou quando os manchus (habitantes da Manchúria Interior) invadiram o norte da China em 1644 e derrotaram a Dinastia Ming. O curioso é que foi exatamente a partir daí que se expandiram para a China e demais territórios da Ásia Central.

Seus imperadores ocuparam a capital entre 1644 e 1911. O final dela é retratado no filme de Bernardo Bertolucci, *O Último Imperador* , quando a nova República da China foi proclamada, o que fez com que o último imperador, Pu Yi, abdicasse seu trono.

Aqui termina a extensa história das dinastias. Veremos a continuação da história chinesa nos próximos capítulos, que tratarão principalmente da vinda do comunismo naquele país.

Nome dado a uma série de caminhos que percorriam a Ásia do Sul, usados no comércio da seda entre o Oriente e a Europa, transpostos por caravanas e embarcações oceânicas que ligavam comercialmente o Extremo Oriente e a Europa a partir do oitavo milênio a.C.

Capítulo 2
O Primeiro Imperador e o Exército de Terracota

Em 2003, o Brasil recebeu uma visita das mais ilustres. Não se tratava de nenhuma celebridade do cinema, da política ou da religião, mas sim de um verdadeiro tesouro arqueológico que veio ao país pela primeiríssima vez: os famosos soldados de terracota, que foram descobertos na tumba do primeiro imperador chinês, Qin Shi Huang Di, que viveu entre os anos 260 e 210 a.C., foi rei do Estado chinês de Qin entre 247 e 221 a.C., e por fim tornou-se imperador da China unificada de 221 a 210 a.C.

A Mostra, que teve como nome oficial de "Guerreiros de Xian e os Tesouros da Cidade Proibida" ficou na cidade de São Paulo por 109 dias e recebeu 817.782 pessoas, de acordo com os números oficiais, o que a torna, até hoje, um dos eventos mais visitados de todos os tempos.

Mas o que havia nessa exposição que causou tanto furor? Por que as pessoas se interessavam tanto em conhecer estátuas de soldados encontradas num túmulo? As respostas estão na própria história que envolve a figura de Qin Shi Huang Di, a época em que ele viveu e seus feitos. Para início de conversa, basta lembrar que o líder da Revolução Cultural Chinesa, Mao Tse Tung, admirava profundamente o primeiro impera dor e fazia questão de se comparar a ele em diversas ocasiões. Mesmo os historiadores mais novos, em declarações feitas em documentários recentemente levados ao ar pelos canais de TV por assinatura, afirmam que as comparações eram válidas em vários sentidos, inclusive no fato de o histórico imperador poder ser comparado como uma espécie de tirano para seu povo e Mao ter sido também do tipo repressor e muitas vezes cruel.

A verdade é que o imperador tornou-se não apenas uma figura lendária dentro da própria China como o complexo em que ele foi enterrado já é

comparado às grandes tumbas do Vale dos Reis, no Egito. Se aquele país possui um grande interesse nas vidas de monarcas com fama de tiranos como Quéops, que ergueu a Grande Pirâmide de Gisé, o interesse por Qin Shi Huang Di não é menor, ainda mais por um fato curioso: embora a localização de seu túmulo seja conhecida e até mesmo divulgada, as escavações naquele lugar são consideradas tabu, o que impede que os arqueólogos façam uma exploração completa do local. Curiosamente tudo o que foi descoberto sobre o Primeiro Imperador foi de maneira acidental.

O túmulo do primeiro imperador está na cidade de Xian, localizada na província de Shaanti, que é um centro industrial, comercial e turístico, mas já foi a capital da China para pelo menos três gerações: Chin (255 a 206 a.C.), Han (202 a.C. a 25 d.C.) e Tang (618 a 907). O exército de terracota, descoberto em 1974 por acaso durante as atividades de alguns agricultores, é hoje considerado Patrimônio da Humanidade.

Mas vamos com muita calma, para que o leitor entenda melhor sobre a importância dessa descoberta é necessário que façamos primeiro algumas explanações. Comecemos por esclarecer quem foi esse polêmico imperador.

Ele, como foi dito, foi o primeiro rei a unir e governar toda a China. Porém, suas origens são cercadas de mistério. Havia pelo menos duas possíveis origens para sua ascendência. Uma afirma que era o filho legítimo de Zichu, então conhecido como rei Zhuangxiang do estado de Qin durante o chamado Período dos Reinos Combatentes (entre meados do século V a.C. até a unificação da China em 221 a.C.). Detalhe: Qin também pode ser grafado como Ch'in, de onde teria se originado o nome China.

A segunda possível origem de Qin Shi diz que ele era filho de Lü Buwei, um poderoso mercador que se tornou chanceler do estado de Qin. Buwei fez fortuna como mercador no estado de Wei, cujo território ficava entre os Estados de Qin e Qi. Segundo algumas fontes, Buwei era um talentoso e ambicioso comerciante que conheceu Zichu em Handan, capital do Estado de Zhao, que fazia fronteira com o de Xiongnu (território dos hunos) e que era o principal inimigo de Qin. Zichu era filho de Anguo, o príncipe herdeiro de Qin, e fora enviado por seu pai como uma espécie de garantia humana que manteria a frágil paz entre os dois estados. Buwei teria percebido que Zichu estava lá como uma peça valiosa e que ele poderia ser sua chave para a fama e a fortuna. Juntamente com essa percepção, havia também os conhecimentos que ele possuía dos assuntos relativos a Qin. Ele sabia, por exemplo, que a concubina favorita de Anguo era uma mulher

chamada Huayang, alguém que ele queria para si quando conseguisse subir ao trono.

Havia apenas um problema: Anguo já possuía pelo menos 20 filhos, incluindo Zichu, mas o que valia seria o fruto do casamento com Huayang, e ela não havia ainda dado um menino que seria seu herdeiro. Buwei teria subornado a irmã mais velha de Huayang para que esta adotasse Zichu. Dessa forma, quando Anguo subisse ao trono, Zichu seria o próximo príncipe herdeiro. E foi isso mesmo que aconteceu.

Assim o casal Anguo e Huayang deu a Zichu uma soma em dinheiro para que ele contratasse um professor. Buwei foi o indicado. Assim que o rei Zhao morreu Anguo assumiu e mudou seu nome para Xiaowen e Zichu tornou-se o herdeiro.

A mãe do futuro imperador chama-se Zhaoji e é nela que reside a maior parte do mistério que cerca suas origens. Originalmente ela era a concubina de Zichu e dizem que Buwei apresentou-os propositalmente. O que o então príncipe herdeiro não sabia era que a moça já estava grávida de Buwei e enquanto eles ainda se encontravam no estado de Zhao ela deu à luz um menino no ano de 259 a.C. que recebeu o nome de Zheng. Mais tarde esse menino se tornaria Qin Shi Huang Di.

Quando o rei Xiaowen morreu, Zichu voltou e assumiu o trono. Seu reinado foi curto e após sua morte o jovem Zheng tornou-se rei de Qin. Como tinha apenas 13 anos, foram sua mãe, a rainha Zhao (novo nome de Zhaoji) e Buwei que assumiram o controle do Estado. Não se sabe ao certo até hoje se ele era o pai biológico do futuro imperador ou não, mas o fato era que o jovem monarca o chamava de “segundo pai”. Quando completou 21 anos, liderou um golpe de estado e assumiu o poder completo, apesar de Buwei continuar em seu posto como chanceler.

A Origem do Nome de Qin Shi Huang Di

Qin Shi Huang Di teria nascido, de acordo com o calendário da época, durante o mês de Zheng, que é o primeiro do ano chinês. Um esclarecimento: o ano daquela civilização começava, naquela época, antes do Solstício de Inverno, e não depois, como acontece hoje em dia. De acordo com algumas fontes, as pessoas não faziam a união do nome próprio

com o sobrenome como é feito atualmente. Assim, o nome do imperador poderia ser também lido como “Ying Zheng” como anacronismo. Seu nome próprio era usado somente por parentes próximos e como rei era chamado apenas como “Rei de Qin”. Mesmo quando morreu teria recebido um “nome póstumo”, mas esse foi um costume que, não se sabe por que, nunca foi cumprido.

Antes de continuar a falar sobre a biografia do imperador, vale fazer uma pequena explicação sobre os termos utilizados em seu “nome oficial”. Depois que conquistou o último Estado independente, por volta do ano 221 a.C., Qin Shi passou a dominar toda a China, feito até então inédito. Para não parecer um rei como eram os dos demais estados, assumiu o nome Huang Di. Huang era usado para determinar os três lendários Augustos que governaram em tempos imemoriais (mais informações sobre os Augustos podem ser encontradas no **Capítulo 4**). A palavra Di era usada como identificação dos também lendários Dio ou Cinco Imperadores (também comentados com mais detalhes no **Capítulo 4**). Por hora, basta dizer que os três Augustos (ou Huang) e os cinco Imperadores (ou Di) eram considerados os maiores líderes, com imensos poderes e grande longevidade. Além desses usos, as palavras também possuem outros significados como “grande” (para Huang) e “criador do mundo” ou “deus supremo” (para Di). Assim, na junção das palavras estava criado um título que refletia seu feito único de unificação da China.

Assim, Huang Di foi traduzido para a grande maioria dos idiomas ocidentais como sendo Imperador, já que os chineses, assim como os romanos, acreditavam que seu império era o centro do mundo. Assim, o imperador adotou o nome Primeiro Imperador (Shi Huang Di). O soberano aboliu a prática dos nomes póstumos (e talvez seja por isso que não exista registro de um nome póstumo para ele), porque os julgava “inapropriados e contrários à piedade filial” [1] . Assim, ele seria o Primeiro Imperador e seu sucessor, o Segundo, assumiria a denominação Er Shi Huang Di (que literalmente significa “imperador da segunda geração”), da mesma maneira como o Terceiro seria conhecido como San Shi Huang Di (“imperador da terceira geração”). Essa denominação deveria seguir, segundo suas orientações, em uso por cerca de dez mil gerações, uma vez que ele acreditava que a casa imperial reinaria na China por esse tempo. A denominação “dez mil anos” significa, em chinês, tanto “eternamente” quanto “boa sorte”.

Assim, Qin Shi Huang tornou-se o Primeiro Imperador do Estado de Qin. Como esse estado absorvera todos os demais, tornou-se o nome do todo o território chinês. A versão que chegou até nós era de uma grafia comum na Pérsia e no Industão (equivalente ao sul da Ásia, onde estão hoje Índia, Paquistão, Bangladesh, Nepal e Butão), que escrevia o nome do estado como Chin e não Qin. Dessa forma, Chin tornou-se China.

O historiador chinês Sima Qian (entre 145 e 90/85 a.C.) registrou o nome de Qin Shi Huang (que traduzido seria "Primeiro Imperador da Dinastia Qin") em sua obra *Registros do Historiador.*

A Grande Muralha Da China

Voltemos então à história de Qin Shi Huang Di. Quando os esforços que ele empregou aos poucos para dominar seus vizinhos começaram a fazer efeito, a China antiga (ou seja, ainda não unificada) era composta por sete estados guerreiros.

Depois que tomou o poder, o futuro imperador demitiu Lü Buwei e nomeou alguns homens de sua confiança para que o ajudassem no exer cício de seu poder, dentre eles nomes como Wei Liao, Li Si e outros. Conta um texto do Consulado Chinês Brasileiro que entre 236 e 221 a.C., a Dinastia Qin derrotou os soberanos Han, Wei, Chu, Yan, Zhao e Qi, encerrando o período dos Reinos Combatentes e fundando assim a Dinastia Qin. Foi o início de um período feudal e autocrático na China.

Durante seu reinado, Qin tornou-se um reino fortalecido por meio de batalhas sangrentas com os demais estados. E o novo monarca parecia disposto a impor-se não importando o custo. Num episódio muito citado pelos pesquisadores, ele ordenou a execução de cerca de dez mil prisioneiros oriundos do estado de Zhao, o que quebrava uma regra tradicional que defendia a proteção dos presos.

Sete anos já haviam se passado e Qin agora estava a ponto de dominar a maioria dos estados vizinhos. E como seria de se esperar medidas severas foram tomadas para que ele conseguisse controlar as ameaças que o cercavam, que iam desde tentativas de assassinato encomendadas por vizinhos estrangeiros até tentativas de golpe por parte de sua mãe e um novo marido, que havia lhe dado filhos em segredo. Assim, depois de uma tentativa de assassinato que ocorreu em 227 a.C., o rei assumiu a posição pela qual seria lembrado séculos depois, a de um déspota impiedoso que

controlava os movimentos de todos, independentemente do nível hierárquico ou do vínculo familiar.

A reunificação tornou-se uma realidade por volta do ano 223 a.C. O Rei de Qin havia conseguido uma vitória importante contra o Estado de Chu e, com apenas 34 anos de idade, ele se proclamou imperador.

Seus primeiros atos foram dissolver as regras feudais para substituí-las por um novo sistema de governo com uma filosofia do tipo autoritária. Novas leis foram criadas para quase todos os aspectos da vida diária. Todas elas eram supervisionadas por um grupo de governadores que aplicava essas leis com o uso de brutalidade.

Por volta do ano 220 a.C. uma grande obra começou a tomar corpo, aquela que seria uma das maiores construções do planeta: a Grande Muralha da China. Originalmente foi concebida como uma barreira que isolaria o império de Qin. Não há nenhum registro escrito conhecido sobre as técnicas de construção utilizadas pela Dinastia Qin ou sobre o número exato de trabalhadores que se dedicaram à sua construção. Apenas reco nhece-se que a obra reaproveitou uma grande quantidade de fortificações que haviam sido construídas em reinos anteriores. Seus muros são constituídos por grandes blocos de pedra ligados por uma argamassa feita principalmente de barro. No total, a construção ocupa três mil quilômetros de extensão, destinados a conter as invasões de povos que ocupavam as terras ao norte do país. O Imperador Qin cobrava pesadas taxas e impostos do povo chinês para sustentar suas extensas campanhas militares e projetos de construção, o que só contribuiu para que o soberano fosse marcado como déspota e tirano.

Após a época do Primeiro Imperador, houve um período marcado por grandes agitações políticas e revoltas. Nesse meio tempo, os trabalhos da Grande Muralha foram simplesmente paralisados e só vieram a ser retomados por volta do ano 205 a.C., quando a Dinastia Han subiu ao poder e o crescimento chinês foi reiniciado. O atual aspecto da Muralha data do século XV, quando a Dinastia Ming (a dos famosos vasos) estava no auge do seu esplendor. A Muralha contava então com sete mil quilômetros de extensão e ia de Shangai, a leste, até Jiayu, a oeste. Atravessava quatro províncias (Hebei, Shanxi, Shaanxi e Gansu) e duas regiões autônomas (Mongólia e Ningxia). Porém, por maior que fosse a obra, não conseguiu impedir de todo as incursões de mongóis, xiambeis e outros povos que

ameaçaram o império chinês ao longo de sua história. Foi no século XVI que perdeu sua função estratégica e terminou por ser abandonada.

Apenas na década de 1980, a Muralha foi priorizada pelo secretário-geral do Partido Comunista Chinês Deng Xiaoping como símbolo do país, o que, por conta da falta de métodos para conservação e restauração, foi criticado por muitos preservacionistas.

A Tumba

Em 215 a.C. sua enorme tumba, que ele mesmo idealizou para se proteger depois da morte, ficou pronta. O detalhe curioso é que, embora seja tabu até hoje pensar em escavar naquele local, o enorme monte de terra e grama, que cobre o complexo e dá ao local a silhueta de uma montanha, é tido como sendo uma espécie de pirâmide, onde haveria um complexo tão intrincado que se supõe que seja a reprodução de seu reino. Uma vez que o imperador optou por levar consigo seu exército, representado pelos guerreiros de terracota em tamanho normal, a presença de algumas outras estátuas que representavam animais dá uma pista de como deve ser o interior daquele complexo, que muitos afirmam ser mais fabuloso que qualquer pirâmide ou túmulo egípcio.

Seja como for esse complexo ainda hoje levanta polêmica. Veja, por exemplo, o trecho reproduzido adiante, retirado de uma notícia divulgada pela agência France Press em 2007:

"Deve-se ou não exumar o primeiro imperador da China? O debate, aberto há muito tempo, voltou à tona pela intervenção de um conhecido economista, que relançou o confronto entre cientistas e promotores do turismo.

'Os ensinamentos culturais que trará a exploração da tumba de Qin Shi Huang superarão os das pirâmides do Egito', declarou no fim do ano passado o economista Zhang Wuchang, da Universidade de Hong Kong. 'Não fazer as escavações equivale a não ter nada', acrescentou, provocando reações em cadeia na Internet e comentários, segundo a agência de notícias Nova China, de mais de 240 mil pessoas.

Um dos argumentos de Zhang é que a abertura da tumba – uma das 2,2 mil que existiriam na região – permitiria duplicar a torrente turística de Xian, a antiga capital imperial da China, situada na província pobre de

Shaanxi. Em 1974, foi encontrado no local o exército de terracota de Qin Shi Huang: centenas de estátuas em tamanho natural de combatentes, cavalos e carros, enterradas junto com o fundador da Dinastia Qin (221 a.C. – 207 a.C.).

As autoridades locais atrairiam muito mais turistas propondo novos locais, seja a tumba do primeiro imperador da China ou os numerosos mausoléus de representantes de dinastias posteriores, intocados há séculos e até mesmo milênios. 'Esse tipo de raciocínio é um dos grandes problemas da China de hoje', lamentou Duan Qingbo, chefe dos trabalhos no mausoléu de Qin Shi Huang. 'Muitos representantes só pensam em lucro e não lhes importa nada a ciência', acrescentou."

Os programas de diversas TVs por assinatura afirmam que o governo chinês não permite a exumação do Primeiro Imperador ou a exploração do seu complexo funerário por uma simples questão de tradição. Porém, o sucesso que os guerreiros de terracota conseguiram quando foram exibidos no mundo todo mostra que o país pode perder uma valiosa fonte de renda por uma bobagem.

Ainda mais com as histórias fantásticas que rondam o complexo funerário. Por exemplo, sabe-se que Qin Shi Huang Di ordenou a construção de sua tumba, mas, na mesma época em que ficou pronta, o imperador mudou de idéia e adquiriu uma obsessão por encontrar uma maneira que o permitiria viver para sempre. Levado pela paranóia e pela desconfiança, começou a ouvir alguns conselheiros que lhe indicaram a ingestão de mercúrio como uma substância que iria garantir sua longevidade. Assim ele começou a ingerir doses de mercúrio regulares e chegou mesmo a enviar um de seus conselheiros em busca de uma ilha lendária onde poderia obter o elixir da longa vida. Um tipo de obsessão que o fez gastar muito dinheiro em viagens por seu império.

A mais famosa dessas missões de busca envolveu um feiticeiro chamado Xu Fu. Ele havia relatado que as três ilhas imortais registradas no Shan Hai Jing (Pergaminho das Montanhas e do Mar) ficavam no Mar do Leste. Lá estava a montanha Penglai, onde crescia uma erva que guardava em si o segredo da imortalidade. Ele estava disposto a empreender essa arriscada viagem e trazer a planta, mas os imortais que guardavam o local exigiam presentes, armas e cerca de três mil meninos e meninas. Quando ele obteve uma autorização do imperador para levar tudo isso, o feiticeiro partiu para o

leste e conta um relato que ele atravessou os mares orientais. Porém, como era de se esperar, quando se envolvem mitos e lendas, ele nunca encontrou a montanha.

O feiticeiro voltou à presença do imperador e dessa vez requisitou arqueiros para que matassem uma gigantesca criatura marinha que o impedia de alcançar seu objetivo. Mais uma vez ele obteve o que queria, mas essa foi uma viagem só de ida, já que ele nunca mais foi visto novamente. Irritado, o grande Primeiro Imperador decidiu que ele mesmo iria até a montanha a fim de obter a planta maravilhosa. Mas, ele não só nunca atingiu seu objetivo, como o esforço de tal viagem provocou sua morte.

Um dado interessante fala, inclusive, que no interior da tumba dele há rios de mercúrio líquido para ajudar na reprodução de seu império após a morte. As equipes acadêmicas de diversas universidades mundiais estiveram na região com equipamentos de tecnologia de ponta e admitiram que de fato o interior do enorme monte de terra mostra que há concentrações de mercúrio. Porém, sem uma autorização para escavar, tudo não passa de especulação.

O Ano Negro do Pensamento Chinês

A obsessão do Imperador em obter a vida eterna foi um fator que aos poucos mexeu com sua psique e fez com que se tornasse cada vez mais paranóico e desconfiado. Era o tipo do déspota que queria controlar tudo e todos que quisessem viver em seu reino. Assim, com sua permissão, o primeiro-ministro Li Si, para controlar o livre pensamento, consolidou o controle autoritário do soberano ao promover a queima de bibliotecas completas de escritos em pranchas de bambu. Esse ato de vandalismo acabou por eliminar quase todas a sobras que retratavam o pensamento filosófico da China. Apenas os textos médicos e de agricultura conseguiram se salvar.

Muitos historiadores analisam esse período como sendo alimentado principalmente pelo fato de que ele passou muito tempo ingerindo mercúrio em busca de vida eterna. Como resultado, seu corpo e sua mente começaram a ser envenenados. Ele não distinguia mais a verdade do mito a ponto de acreditar nas histórias do feiticeiro que falava sobre a erva da ilha Penglai.

Pouco depois de sua morte, a Dinastia Qin encontrou seu destino num golpe que mudou o regime para sempre. Seu governo que duraria séculos desapareceu para sempre apenas quatro anos após sua morte. Seu maior legado, entretanto, foi a unificação do país e sua autonomia como nação.

O Exército de Terracota

Os Guerreiros de Xian, como passaram a ser conhecidos, é uma coleção composta por mais de oito mil estátuas de guerreiros e cavalos em tamanho natural, todas feitas de terracota, encontradas em valas próximas ao túmulo do Primeiro Imperador. Os agricultores locais es tavam ocupados em escavar um poço de água a leste do Monte Lishan, o nome da elevação de terra que cobre a pirâmide que marca o complexo do túmulo de Qin Shi Huang Di. Estima-se que a construção, datada de 246 a.C., levou 38 anos para ser completada e que empregou a incrível marca de 700 mil trabalhadores, sem dúvida nenhuma características que se colocam no mesmo nível de uma obra faraônica.

Como já foi dito, escavar o túmulo em si é tabu e ilegal, por isso pouco se sabe sobre a verdadeira função daqueles guerreiros. A explicação que é aceita como a mais plausível diz respeito aos hábitos religiosos da China que, independente da religião que sigam, possuem algumas características em comum.

Por exemplo, até hoje um enterro chinês segue alguns hábitos para nós peculiares. Aquele povo acredita que há um mundo além do nosso que só é acessado depois da morte. Um mundo que guarda muitas semelhanças com o nosso, principalmente por ser materialista, por assim dizer. Acontece que, quando a pessoa morre, acredita-se que passe inicialmente um período numa espécie de purgatório à espera de seu julgamento para então poder seguir para uma vida mais elevada. Esse período no purgatório pode ser demorado. Como a crença estabelece que aquela dimensão é similar à nossa, o que geraria necessidades de coisas materiais como dinheiro, carros, geladeiras e até TVs, o morto pode usar o dinheiro que é queimado nas cerimônias fúnebres para subornar os juízes do além, abandonar o purgatório e ascender para esferas mais elevadas. Por isso, os preparativos funerários vêm com uma grande quantidade de notas do “Banco do Inferno”, dinheiro comprado para servir aos propósitos do morto no além. Durante os funerais, essas notas são queimadas e acredita-se que é aí que o

dinheiro sai deste e entra no outro mundo. Da mesma maneira os parentes podem comprar réplicas de muitas coisas que o morto poderá precisar (geladeira, televisão e até carros, feitos de pequenas maquetes de bambu com papel de seda) para queimá-los e então o objeto real se materializará no outro lado. Assim, o morto poderá sair do purgatório o mais breve possível e seguir para a sua nova vida. Essa crença é antiga e é praticada até hoje em certas regiões da China.

Se levarmos isso em consideração, começa a se explicar a necessidade que o Primeiro Imperador tinha das estátuas de terracota. Para eles, isso significaria que o soberano tencionava levar para o além seu exército, pois as estátuas, embora não fossem queimadas, poderiam se tornar servos e guardas vivos por meio de fórmulas mágicas e encantamentos, no mesmo molde das pinturas internas nos túmulos egípcios.

O mais curioso é que um canal de TV por assinatura mostrou um documentário que falava sobre um novo poço escavado próximo da pirâmide de Qin Shi Huang Di. Até onde se sabia, o exército do imperador possuía apenas soldados e cavalos, mas o material daquele poço mostrou que as estátuas que lá estavam possuíam cintos que portavam materiais de papelaria. Isso indicava claramente que não apenas soldados, mas também burocratas, secretários, nobres e outros tipos de estátuas ainda podem ser encontradas.

Isso entra em acordo com os estudos feitos em outras sepulturas da região, hoje alcunhada pelos pesquisadores de Vale dos Imperadores, numa alusão clássica ao Vale dos Reis egípcio. Apenas um túmulo foi aberto para visitação pública no local, o sepulcro de um príncipe da Dinastia Tang (que reinou entre 618 e 917 da nossa era), que havia sido saqueado por ladrões de túmulos. A decoração interior é muito bem acabada e o teto mostra um mapa estelar completo. Se o local de descanso de um príncipe é assim, imagina-se se os boatos sobre os rios de mercúrio no túmulo do Primeiro Imperador não possam ser verdadeiros, pelo menos no que diz respeito à decoração.

O historiador já citado Sima Qian conta que Qin Shi Huang Di foi enterrado em 210 a.C. juntamente com grandes tesouros e objetos artísticos. Ele relata a existência de uma réplica do mundo onde pedras preciosas representavam os astros, pérolas os planetas, além dos já citados rios e lagos de mercúrio.

Porém, não se sabe se um dia poderemos ver essa maravilha por causa da proibição dos trabalhos de arqueologia. A pirâmide de terra, onde fica o túmulo, possui 47 metros de altura e 2,18 km^2 de área, onde se localizam os poços em que foram encontrados os soldados de terracota. As autoridades chinesas afirmam que a área não pode ser explorada por receio de que a erosão provocada por chuvas possa danificá-la. Projetos que facilitariam a exploração foram apresentados, incluindo um que cobriria a área com um telhado especial, mas ainda não foi posto em prática e nem há uma previsão para que isso aconteça.

Os leitores podem achar que isso é um desperdício de recursos turísticos, já que a perspectiva de abrir o túmulo para a visitação pública traria muito dinheiro para a atual China. Porém, não se pode esquecer que o sítio arqueológico é muito antigo e que o fato de a área estar envolta numa enorme pilha de terra faria com que os trabalhos de remoção desse entulho durassem meses. Sabe-se, pelos relatos escritos, que o complexo do mausoléu foi construído para servir como um palácio ou corte imperial. É dividido em vários ambientes, salas e outras estruturas e cercado por uma muralha com diversos portões. Imagina-se que fosse protegido pelos guerreiros de terracota, justamente como um exército de verdade faria para proteger o imperador vivo.

Um detalhe macabro dá um toque de terror ao quadro: no local também foram encontrados os restos de muitos artesãos e suas ferramentas, o que leva os pesquisadores a acreditarem que os mesmos tenham sido enterrados com o imperador para impedir que revelassem as riquezas ou as entradas do local para os ladrões. A julgar pelo modo com que o local é considerado sagrado, talvez esse esforço todo tenha valido a pena…

Mas há tanta coisa assim para ser revelada ainda no lado de fora do túmulo? Ao que parece os guerreiros são apenas um detalhe. Desde sua revelação, muito sobre as estátuas continua sendo descoberto. Após mais de trinta anos, os trabalhos de recuperação das peças seguem em pleno vapor, o que não espanta ninguém, já que a fragilidade natural do material e sua difícil preservação são os fatores que mais atrapalham.

Um detalhe para quem não conhece: a terracota (que muitas vezes é simplesmente traduzida em textos acadêmicos e nas legendas dos documentários das TVs pagas como simplesmente “barro”) é feita de terra assada levada em fornos com temperatura relativamente baixa. Após cada figura ser assada, era coberta com uma camada de laca (uma espécie de

incrustação resinosa, produzida em certas árvores, resultante da ação de insetos) que permitia uma maior durabilidade. Cada figura possui características faciais próprias, que as tornam únicas, o que leva a crer que o molde dos corpos era o mesmo, mas as cabeças eram feitas separadamente e depois colocadas juntas. Todas eram coloridas, o que aumenta ainda mais o realismo de sua aparência, de suas roupas e equipamentos. Algumas das peças retêm traços da pintura, o que deixam os pesquisadores chineses com grandes problemas, já que, quando a peça é retirada e exposta ao ar, sofre uma rápida descoloração.

Até a época em que este trabalho foi escrito contabilizavam-se 8.099 peças, entre soldados, arqueiros e oficiais, todas elas com reproduções de poses naturais e armadas com lanças, arcos ou espadas de bronze. Além das armas também foram encontradas reproduções de carruagens, todas elas com grande precisão de detalhes. Acredita-se, inclusive, que as armas das estátuas foram feitas antes de 228 a.C. e podem ter sido usadas em guerras reais.

As mais de oito mil figuras estavam dispostas em pelo menos três poços diferentes, todas em posição de batalha. Desses poços (que alguns chamam de trincheiras), há um em especial, o maior de todos, que continha cerca de seis mil figuras de soldados, carruagens e cavalos, que os pesquisadores crêem ser a principal armada do Primeiro Imperador. No segundo poço havia 1.400 figuras de cavalaria e infantaria, além de carros e cavalos, que seriam a guarda militar. O terceiro, que continha apenas 68 figuras, apresentou a unidade de comando, com oficiais de alto nível e intermediários e um carro de guerra puxado por quatro cavalos.

E quem foram os construtores dessa maravilha que nos encanta até hoje? Acredita-se que sejam obras de artesãos do governo Qin. Todas as figuras variam em peso, vestimenta e penteado, de acordo com a patente. Tudo para mostrar para a posteridade o poder de um monarca sanguinário.

Mas o local guarda ainda outras informações. Recentes pesquisas mostram que o sítio dos soldados de terracota foi vítima de um incêndio que queimou as estruturas originais de madeira que abrigava as estátuas, exatamente como descrito no livro de Sima Qian. Essa invasão foi conseqüência de uma revolta liderada pelo general Xiang Yu cerca de quatro a cinco anos após a morte do Primeiro Imperador. Apesar do ato, muitos dos guerreiros de Xian sobreviveram em diversos estágios de conservação, apesar de cercados pelos restos do incêndio.

O local do exército de terracota, que é aberto ao público, é visitado hoje por cerca de dois milhões de pessoas por ano. Um perfeito final para lembrar eternamente o poder do maior déspota da China.

Texto retirado do site www.chines.info .

CAPÍTULO 3
CULTURA E RELIGIÃO

É um pouco difícil, para quem não conhece, apontar o que se sabe sobre a cultura chinesa. Para nós, pobres ocidentais, freqüentemente há uma confusão entre os hábitos chineses e japoneses e só conhecemos, no máximo, a cozinha chinesa por meio dos muitos restaurantes. Ou de fazer compras em bairros daquele povo, como no caso da Liberdade, em São Paulo, onde há também a cultura japonesa, para acentuar a confusão.

Por isso, é importante que se conheça bem o que vem a ser a cultura chinesa. Este capítulo servirá como um miniguia turístico, em que serão apresentados os aspectos mais importantes dessa fascinante e milenar cultura para, depois, analisarmos as principais correntes de outro item importante que é a religião chinesa. E não pense que as coisas andam separadas por lá, pois no fundo são bem interligadas. Por exemplo, o confucionismo (que, como veremos mais para frente neste capítulo, é uma corrente filosófica que inclui questões religiosas) é a fonte principal dos valores tradicionais da cultura chinesa. Para se ter uma idéia, o confucionismo era ensinado nas escolas e era inclusive parte de exames de administração pública imperial.

Como era de se esperar, os líderes da república chinesa, que assumiram o poder após a Revolução Cultural de Mao Tse Tung ocorrida em 1966, quiseram, mas não conseguiram mudar os conceitos já enraizados na população chinesa. Diversas fontes afirmam que eles nunca tiveram a intenção de transformar a cultura chinesa completamente, pois, como administradores, os líderes do PCC (Partido Comunista Chinês) quiseram se concentrar em alguns aspectos tradicionais (como a posse de terras) enquanto mantinham outros (como a estrutura familiar). Na prática, as mudanças estruturais provocadas pela Revolução foram menores e menos consistentes do que afirmam seus dirigentes.

O leitor pôde ver no capítulo passado o furor que o exército de terracota causou no mundo todo a ponto de ser considerado Patrimônio da Humanidade. Mais do que ser apenas um amontoado de estátuas, cada peça do exército e de outros achados, que são desenterrados em velocidade de tartaruga, representa os primórdios da arte chinesa. A maneira como as estátuas, mesmo hoje sem as cores que as caracterizavam, parecem vivas é impressionante. E isso é apenas a ponta do iceberg.

Sabemos que a cultura chinesa se expandiu a uma velocidade extraordinária e obteve a longevidade que hoje possui há muito tempo. Pesquisadores da Universidade de Pequim falam que essa expansão teria acontecido por volta do terceiro milênio antes de Cristo, quando os chineses se concentravam na região do rio Amarelo.

Costuma-se dividir a história da China em períodos relacionados diretamente com as dinastias reinantes. Assim, as primeiras dinastias, como a Shang (1650 a 1027 a.C.) e a Zhou (1027 a 256 a.C.), enquadrar-se-iam no período do bronze. A maior dimensão territorial só foi alcançada durante a época da Dinastia Tang (618 a 907 d.C.). As dinastias que se sucederam praticamente encerraram a época imperial, que foram a Sung (960 a 1279), a Ming (1368 a 1644) e o chamado período Qing ou Manchu, que é considerado o da última dinastia imperial (1644 a 1911).

No geral, é possível comentar algumas características da cultura chinesa que se recusaram a desaparecer com o passar dos anos, como a serenidade, a permanência das formas expressivas e a rigidez dos valores estéticos. Esses são alguns dos itens que são mais facilmente reconhe cíveis nas obras artísticas daquele país. Fora que há também a estreita relação entre o homem e o universo, sempre em busca de um ponto de equilíbrio ou harmonia. Foi durante a Dinastia Ching (1644 a 1911) que a China se abriu para o exterior num período que se caracterizou por algumas influências externas nas linguagens estéticas utilizadas.

Pode-se dizer com certeza que, embora fosse dona de uma cultura fechada e que tinha suas próprias idéias, a China recebeu sua quota de influências, mas foi também o ponto principal de referência para outros países da Ásia, como Japão, Coréia, Tibete, Mongólia, Indochina e outros. Com uma força criativa dessas não é de se espantar que os europeus absorvessem muito de seus impulsos artísticos e a adoção de várias técnicas, inclusive em áreas como cerâmica e tecelagem. O ocidente e a China tinham diferenças evidentes no que dizia respeito às artes. Por

exemplo, um amador erudito conseguia ter uma posição social maior que a profissional, o que sem dúvida chocaria muita gente nos dias de hoje. Além disso, não havia muita distinção entre as belas-artes e as artes aplicadas. Afinal, para a China (talvez uma reflexão de sua tradição milenar) a mais nobre das artes era justamente a caligrafia.

A pintura mostrava-se como uma forma desenvolvida de caligrafia. Até os dias modernos, essa relação íntima de uma com a outra pode ser notada. O pintor chinês não montava seus quadros em tela ou madeira com tintas a óleo, como os pintores que conhecemos, mas usava aquarela em seda ou papel. Os chineses consideravam, inclusive, a vitalidade e o ritmo das pinceladas mais importantes que o naturalismo da representação.

Vejamos como isso era aplicado na escultura. Aqui o escultor trabalhava com um número limitado de materiais: ou era pedra ou madeira ou bronze. Por vezes modelava ou revestia as suas obras com laca para obter durabilidade.

Uma forma de arte que deve muito aos chineses é a feita em porcelana. Ela foi praticada pela primeira vez naquele país cerca de mil anos antes que virasse moda na Europa, que aconteceu durante o século XVIII. Também vale a pena citar o jade, que era muito utilizado para fabricar objetos rituais, armas cerimoniais, jóias e pequenas esculturas.

As Casas

As habitações chinesas possuem, no geral, apenas um andar e espalham-se por terrenos amplos, a maioria deles com jardins e pátios entre as várias alas. Só são superadas em altura pelos palácios, templos e pagodes.

Os telhados são construídos sobre portões, pontes, muralhas e monumentos. Muitos deles são colocados uns sobre os outros, artifício que forma graciosas curvas ascendentes, que são uma das características mais marcantes da arquitetura chinesa.

Sobre as casas tradicionais encontradas no sul do país, o Consulado da China no Brasil conta em sua página na Internet:

"As casas populares no sul da China caracterizam-se pelas salas dadas a um pátio pequeno e retangular.

No sul da província de Fujian, no norte da província do Guangdong e no norte da Região Autônoma da Nacionalidade Zhuang do Guangxi, os

grandes conjuntos de casas, ora retangulares, ora quadrados, são os modelos típicos regionais habitacionais. Estes conjuntos têm no centro um salão principal rodeado de prédios de quatro ou cinco andares a seu redor. O mais representativo modelo deste tipo de casas são as casas tradicionais no distrito de Yongding da província de Fujian. Existem, hoje em dia, mais de 8 mil conjuntos de casas tradicionais em forma retangulares, quadradas, octogonais ou ovaladas.

Em Fujian, as casas eram construídas antigamente com terra, madeira e pedra, e ligadas depois em conjuntos como 'castelos' fechados e defensivos. Estas casas são sólidas, seguras, fechadas e com forte caráter de clã. Dentro, há poços de água e celeiros. Nos cenários de guerra ou assaltos, estas casas tornaram-se castelos isolados e o seu poço e celeiro podiam garantir o abastecimento de água e alimentação durante vários meses. Estas construções são quentes no inverno e frescas no verão além de ser resistentes à tempestade e terremotos."

De fato quem tem oportunidade de verificar fotos dessas construções tem uma péssima impressão. Para nós, ocidentais, que estamos acostumados a ter nossas habitações fechadas e com certa privacidade, um conjunto desses é muito parecido com um cortiço.

A jornalista Claudia Trevisan ficou em Pequim durante um ano. Nesse período teve acesso a muito da vida cotidiana dos chineses e falou um pouco mais sobre essas habitações comuns. Conta ela, em seu livro *China: o Renascimento do Império* , que é comum topar com um casal que anda de pijama ao cair da tarde, com um jovem que corta seu cabelo na rua, ou, ainda, com uma dona de casa que cozinha na calçada. Essas, segundo ela, são cenas ligadas aos chamados *hutongs*, as construções mais antigas da capital chinesa.

Esses conjuntos ficam localizados em ruas estreitas onde não passa um carro e são rodeadas de amontoados de casas, em que dezenas de famílias dividem espaços contíguos.

A jornalista conta ainda que os *hutongs* foram construídos durante o período das três últimas dinastias imperiais, entre 1714 e 1911. Diz ela em seu livro:

"Os hutongs moldaram hábitos, culturas e formas de relacionamento que sobrevivem até os dias de hoje. Caminhar por eles é como olhar pelo

buraco da fechadura das casas e poder observar a intimidade e a vida cotidiana das famílias de Pequim."

Esses conjuntos residenciais podem estar ligados à cultura chinesa e até mesmo ser um dos símbolos a ela relacionados, mas o fato é que apenas as famílias mais pobres vivem por lá. Trevisan fala ainda que a maioria das casas desses conjuntos, em contraposição com as observadas em Fujian, por exemplo, não possui banheiro ou cozinha. Para sanar essas necessidades básicas, os moradores costumam utilizar banheiros e sanitários públicos, além de compartilhar cozinhas ao ar livre.

E apesar do desconforto, poucos são os que estão dispostos a abandonar esses lugares. A jornalista afirma que o crescimento econômico da capital chinesa obrigou o governo a destruir vários desses complexos, o que forçava os antigos moradores a se mudarem para apartamentos onde o isolamento é maior. Os *hutongs* não são casas tradicionais, mas são uma espécie de complexo residencial que os dirigentes chineses querem se ver livres, uma vez que a capital passou por uma reestruturação completa para ser a sede das Olimpíadas de 2008.

Trevisan acrescenta:

"Li Younghua vive no mesmo hutong *desde que nasceu, há 43 anos. Hoje ele divide os vinte metros quadrados da casa com sua mulher e o filho. O imóvel tem apenas sala e quarto, o banheiro é comunitário, na rua, e a cozinha fica em um pequeno corredor, para o qual dão as portas das casas das dezessete famílias que moram no local."*

Curiosamente o personagem citado no livro da jornalista afirma, mais para frente, que não quer deixar o *hutong*, apesar que, se fizesse isso, receberia uma indenização equivalente a R$ 57 mil, o suficiente para a aquisição de um imóvel nas proximidades do centro de Pequim. Se o problema não é o dinheiro, então qual é?

Aparentemente, os chineses dão mesmo muito valor à cultura da Pequim antiga. É o caso do morador citado acima. Ele afirma no livro de Trevisan que gosta da cultura antiga e que a proximidade com os vizinhos é grande. "Num apartamento não poderíamos nos comunicar da mesma forma", afirma ele.

A Evolução da Arte Chinesa

Voltemos nossas atenções agora para a evolução da arte da China. Os especialistas dividem a história em pelo menos cinco longos períodos sem limites claros. Após uma seqüência de anos, em que a arte passa por um período obscuro, ela reaparece na ordem descrita abaixo.

O primeiro período ocorre durante a segunda parte da Dinastia Shang (1711 a 1066 a.C.), em que os trabalhos encontrados mostram objetos como vasos de bronze utilizados em sacrifícios, com desenhos de formas rígidas e decorados com animais que possuem significado religioso.

O segundo começa na unificação da China em 221 a.C, que é o período do Primeiro Imperador. Dessa fase há objetos de bronze e jade, além de vasos de cerâmica vitrificada e figuras diversas encontradas em túmulos.

A Dinastia Han (206 a.C. a 220 d.C.), que derrotou a Dinastia Qin e tomou o poder, é conhecida como a Dinastia da Era de Ouro. Foi durante seu período que houve a introdução do budismo, que teria vindo da Índia e da Ásia Central. Afinal, eram os templos e mosteiros budistas que apoiavam e protegiam as artes. Os exemplares recuperados mais significativos são aqueles encontrados em locais religiosos que eram escavados na rocha e decorados com esculturas e afrescos. Esses templos são provenientes do terceiro período da arte chinesa, cujo ponto máximo ocorreu entre as épocas das Dinastias Sui (581 a 618) e Tang (618 a 907). Durante essa fase, a China se dividiu, mas foi reunificada após várias invasões e guerras civis, o que ajudou ainda mais no florescimento das artes.

A próxima fase aconteceu durante o século X. Este quarto período culminou na Dinastia Song (960 – 1279), uma época em que a arte atingiu seu ápice. Aqui pode ser observada a transformação da simples pintura de paisagens em algo de maior alcance e técnica séculos antes de os artistas europeus poderem desenvolver algo com o mesmo potencial. Aqui o destaque vai para a arte em cerâmica, que era importante pelas suas formas e beleza na decoração.

O último período começou durante o reinado do imperador Ming (1368 a 1644) e vai até a última Dinastia dos Manchu ou Qing (1644 a 1911). Aqui a pintura e a cerâmica mantêm o alto nível da fase anterior e aparecem novas técnicas na fabricação de porcelana, principalmente na aplicação da cor azul e variações esmaltadas sobre o vidro.

No que tange ao desenvolvimento da arte, vale ressaltar que, ao longo dos anos, também foram muito trabalhadas as esculturas de marfim e jade. No século II, entretanto, observou-se uma certa minimização da arte chinesa devido a uma combinação de influências ocidentais.

Quando a Revolução Comunista estourou no país, em 1949, e formou-se a República Popular da China, houve uma certa repressão nos movimentos vanguardistas artísticos. Em compensação, as formas artísticas ancestrais renasceram e o povo reaprendeu a valorizar sua história. Como conseqüência disso, tesouros artísticos antigos, como o folclore, foram também redescobertos como fonte de renda para o país.

FILHOS DO DRAGÃO

Uma denominação que os chineses insistem em utilizar até hoje é a de que são "filhos do dragão". A origem desse termo é um dos maiores tesouros culturais que esse povo possui e reflete bastante a importância cultural que eles dão às suas coisas.

Essa denominação tem origens totêmicas. O Huang Di (ou Huangdi) era o nome que se dava ao Imperador Amarelo, um dos Cinco Imperadores míticos que teria reinado entre os anos de 2698 e 2599 a.C. É considerado o verdadeiro e único ancestral dos chineses da etnia Han, que representa quase 92% da população chinesa.

Huang Di usava o desenho de um urso como totem e somente depois de unificar a região central do país é que passou a utilizar um outro animal no lugar do urso. O escolhido foi o dragão, apesar de algumas versões da lenda indicarem que a verdadeira escolha do símbolo foi o desenho de uma cobra com cabeça de urso. A partir daí o dragão passou a ser o símbolo principal do país e ocupou o centro das atenções. O animal mítico possui um carisma grande entre os chineses, que não o consideram do mal como acontece com os ocidentais, pois é tido como uma criatura interessada, inteligente e animada que espalha seu charme e atração por onde passa e ganha um número crescente de admiradores.

Os dados sobre o caráter do dragão foram colhidos por meio de inscrições em ossos e carapaças de tartaruga, além das encontradas em recipientes de bronze datados das épocas das Dinastias Ying e Shang.

Assim, o dragão tornou-se o símbolo da nação chinesa e gerou muitas lendas sobre seu surgimento. Uma delas, que fala sobre ele ser um dos

animais míticos que acompanham Pan Gu, o criador do universo para os chineses, pode ser consultada no **Capítulo 4** , que trará mais detalhes. Há também uma lenda que conta que um dos imperadores foi qualificado como o filho de dragão. Desde então os chineses se autodenominam “filhos do dragão”.

O Consulado da China diz sobre o assunto:

“Essa força (dos nativos do signo do dragão) vem da energia interior e da autoconfiança nutridas pelos nativos deste signo. Às vezes, são definidos como exibicionistas e esnobes, mas a verdade é que eles realmente possuem muitas qualidades e têm consciência disso. Os chineses dizem que o céu e a terra estão em equilíbrio nas pessoas nativas desse signo e, por isso, o sucesso sempre os acompanha. Além da ajuda dos céus, são muito obstinados e persistentes. No entanto, segundo a tradição chinesa, os nativos deste signo devem tomar cuidado para que todas essas qualidades não se voltem contra eles mesmos, tornando-se pessoas egocêntricas e intransigentes.”

CULINÁRIA

Os chineses acreditam que sua comida deve trazer equilíbrio e força para mente, corpo e espírito. Por isso a cozinha chinesa é muito mais do que qualquer prato de yakisoba ou yakimeshi que você possa encontrar à venda por aí.

Como será falado em diversos pontos deste trabalho, a multiplicidade étnica reflete em quase todos os campos de atividades dos chineses, e com a cozinha não é diferente. Para se ter uma idéia, os grupos de variedades são divididos entre oito tipos diferentes de cozinha chinesa, a saber: Anhui (derivada da região das montanhas Huangshan, na região sudeste), Cantonesa (da província de Guangdong, na região sul), Fujian (na província de mesmo nome, também na região sudeste), Hunan (também chamada de Cozinha Xiang, originária das regiões do rio Xiang, do lago Dogting e do leste da província de Hunan), Jiangsu (da região de mesmo nome no leste chinês), Shandong (também conhecida como Cozinha Lu, originária da região de mesmo nome, também localizada no leste chinês), Szechuan (originário da província de Sichuan, no sudoeste do país) e Zhejiang (da

província de mesmo nome na região sudeste). Há também subcozinhas budista e muçulmana que atuam dentro das variedades chinesas.

Uma refeição na cultura chinesa é composta em geral de dois ou mais componentes: uma fonte de carboidrato, em geral arroz, macarrão ou pães recheados de carne (conhecidos como *pautzi* , quando este pão não tem recheio dá-se o nome de *manton*).

Depois de escolhido o carboidrato, é a vez do acompanhamento, em geral vegetais, carne, peixe ou outro alimento. É um contraste com o pensamento ocidental, em que a carne é considerada o prato principal, mas é mais próxima a muitas cozinhas do Mediterrâneo, em que só se come macarrão.

O macarrão em pedaços, muito usado em forma de sopa, é parte crucial da cozinha chinesa. Em muitas partes do país, em especial no norte, produtos à base de trigo como o macarrão e os bolinhos já citados predominam na alimentação, em contraste com o sul, em que o arroz é mais dominante.

Apesar da importância do arroz na cozinha chinesa, em ocasiões extremamente formais, às vezes ele simplesmente não é servido. Nesse caso, a pessoa que vai comer pode eventualmente pedir esse prato apenas quando não houver nenhum outro à disposição. Outra diferença está na sopa: geralmente é servida no começo de uma refeição no norte e ao final no sul.

A refeição chinesa não termina tradicionalmente com uma sobremesa. Entretanto, um prato doce pode ser servido no final de um jantar formal, como frutas cortadas ou uma “sopa doce”, que é servida quente.

Um detalhe interessante: os chineses crêem que somos cercados por cinco campos de energia, que são fogo, madeira, terra, metal e água. Na culinária cada um desses elementos corresponde a um sabor diferente:

- Amargo – Fogo;
- Azedo – Madeira;
- Picante – Metal;
- Doce – Terra;
- Salgado – Água.

Para a medicina chinesa, é necessário saber o estado desses elementos para tratar um paciente. O excesso ou a falta de um deles pode levar ao aparecimento de doenças no corpo. Por exemplo, se um indivíduo tem desejo por comidas azedas pode ser um sinal de que há problemas no

fígado. É claro que o modo como esses diagnósticos são proferidos é muito mais complexo e profundo do que simplesmente uma simples associação.

Por fim, vamos dar uma olhada em alguns pratos famosos da cozinha chinesa:

- **Caranguejo cozido no vapor** : o caranguejo é uma especialidade do rio Yang Tzé muito apreciada.
- **Song Shu Gui Yu** : peixe montado no prato na forma de um esquilo. O peixe é frito e servido num molho dourado. Sua pele fica crocante, e a carne, fina. Possui sabor doce e azedo ao mesmo tempo.
- **Qing Tang Yu Wan** : sopa de bolinhos de peixe. A sopa é clara, feita com bacon, cogumelos, brotos de bambu e ervilhas.
- **Chun Juan** : nome oficial do conhecido rolinho primavera. É um prato comum na China e mais famosa no sul do país.
- **Yang Zhou Chao Fan** : arroz frito com bacon, ovo, camarão e legumes da estação.
- **Bolinho de arroz recheado** : prato ligado a uma lenda curiosa. Há mais de dois mil anos, o pai do poeta Qu Yuan se suicidou e o filho fez o mesmo jogando-se num rio. Os habitantes da cidade próxima ao rio correram e começaram a atirar esses bolinhos de arroz para que o dragão que vivia no rio não ferisse o poeta. Por isso, todo mês de maio os chineses fazem essa delícia em honra de Qu Yuan.
- **Tofu recheado** : prato também ligado a uma lenda. Diz a história que Zhu Yuanzhang, o fundador da Dinastia Ming (que foi uma das mais estáveis dinastias chinesas) passava fome em sua juventude. Não agüentando mais a situação, ele bateu à porta de uma senhora, que lhe serviu sobra de queijo Tofu com carne e verduras cozidas. O rapaz, quando se tornou imperador alguns anos depois, lembrou-se do prato e ordenou que este se tornasse parte do cardápio real.
- **Camarão-trovão** : camarão com molho de tomate levemente apimentado. Quando é jogado por cima de um biscoito de arroz e servido, reproduz o som de trovão e chuva, por isso o nome. Durante a II Guerra Mundial, a primeira-dama da China, Shong Meilin, fez um banquete para os aliados e serviu justamente este prato. As tropas americanas gostaram e quando o comandante perguntou o nome do prato a primeira-dama teria respondido “bomba de Tóquio”.
- **Camarão à moda de Shanghai** : camarão cinza que mede de oito a dez centímetros cada um. É preparado com casca, tempera do com sal,

pimenta-do-reino e maisena. É então frito e escorrido, depois refogado em fogo alto e servido com saquê e cebolinha.

A Religião

Desde tempos imemoriais, há uma grande variedade de religiões que foram e ainda são praticadas na China. Os primeiros chineses tinham uma religião politeísta, com muitas divindades que representavam a natureza e o culto aos antepassados.

Foi nesse ambiente que o confucionismo e o taoísmo cresceram. Os dois são religiões ainda praticadas naquele país e curiosamente começaram como filosofias que não se importavam com os deuses e se voltavam para as ações cometidas enquanto as pessoas eram vivas. Diz-se que os taoístas se apropriaram de crenças populares chinesas e as misturaram com a estrutura do budismo, outra religião bastante praticada por lá.

Sobre as religiões, o Consulado da China diz:

"A China é um país multirreligioso. As principais religiões são o budismo, taoísmo, islamismo, catolicismo e protestantismo.

Segundo as estatísticas incompletas, a China possui 100 milhões de crentes religiosos, 85 mil sítios para suas atividades, cerca de 300 mil profissionais religiosos, assim como mais de 3 mil organizações e 74 escolas das diversas religiões.

As principais entidades religiosas são a Associação do Budismo da China, a Associação do Taoísmo da China, a Associação do Islamismo da China, a Associação do Catolicismo da China, a Missão dos Bispos Católicos da China, a Comissão Chinesa do Movimento Patriótico de Auto-administração, Auto-sustentação e Autopropagação das Igrejas Protestantes, o Conselho Cristão da China. Todas estas organizações realizam eleições da sua própria direção, de acordo com estatutos próprios, tratam os assuntos religiosos com autonomia, abrem escolas, imprimem e distribuem sutras e revistas religiosas, além de prestarem serviços de assistência social."

Vamos ver a seguir as principais religiões em prática na China:

Taoísmo

É uma filosofia mística em que nenhuma afirmação é considerada totalmente certa ou errada. Para o adepto, tudo flui continuamente em direção ao seu oposto. Mas também é imutável e eterno ao mesmo tempo. Assim, para os taoístas, uma afirmação pode ser ao mesmo tempo verdadeira e falsa. Seguindo essa lógica, pode-se afirmar, por exemplo, que um efeito pode proceder ao evento que o causou, ou ainda considerar que uma coisa está em dois lugares ao mesmo tempo.

O taoísmo (também grafado como daoísmo) é usado para traduzir dois termos distintos: Daojiao, referente aos ensinamentos ou à religião do Dão; e Daojia, escola do Dão, a linha de pensamento.

A origem do Tao é atribuída a três fontes principais. A versão mais antiga diz que foi um legado do já citado Imperador Amarelo. Já outra delas fala que começou por causa do livro chamado *Dao De Jing* (também grafado como *Tao Te Ching*), que teria sido escrito por Lao Zi (ou Lao Tsé), um importante pensandor contemporâneo de Confúcio. E a terceira versão atribui a origem aos escritos do filósofo Zhuang Zi (também grafado como Chuang Tse).

Seu dogma central é a existência do Tao, um caminho com muitos sentidos. Um deles seria o da existência para a não-existência, manifestado como a energia “chi”, baseada nos princípios yin e yang, feminilidade e masculinidade, respectivamente.

O *I Ching*, chamado *Livro das Mutações* , é considerado como uma fonte extra do taoísmo. É uma das práticas de adivinhação (ou como é mais conhecido, um oráculo) mais antigas da China. O I Ching trabalha como base para muitas obras que servem de oráculo com sua maneira simples de ser consultado: abre-se o livro ao acaso e a sentença que aparece

é tomada como resposta a uma pergunta que se formula. A obra pode ser estudada tanto por religiosos e filósofos quanto por praticantes da filosofia taoísta.

O taoísmo cultiva a natureza e os ancestrais. Existiam antigamente muitas escolas taoístas que terminaram por evoluir gradualmente para duas escolas principais, a Quanzhen e a Zhengyi. O taoísmo não exige a realização de rituais nem tem estipulações para a admissão de crentes. Hoje a China conta com 1.500 templos taoístas e 25 mil monges.

Por fim, resta falar um pouco sobre Lao Tse, um personagem nebuloso em termos históricos. Diz-se que ele permaneceu 70 anos no ventre de sua mãe e que, quando nasceu, já tinha cabelos e barba brancos. Diz-se também que ele foi um arquivista anônimo da Dinastia Chou que fez uma viagem para fugir da decadência que tomara conta de suas terras. Quando passou pelo porto de sua cidade, o porteiro pediu que ele escrevesse suas idéias, o que teria originado o Tao Te King, com 81 axiomas paradoxais da filosofia bem-humorada.

Confucionismo

Muito já foi falado sobre a atual posição do confucionismo dentro da China, mas para muitos a religião continua viva e forte por lá. Como o taoísmo, também este é um sistema filosófico que foi criado por Kung-Fu-Tze, cujo nome assumiu a forma ocidental Confúcio, que hoje é a figura histórica mais conhecida naquele país como mestre, filósofo e teórico político.

A doutrina que levou seu nome teve uma influência tão forte que ultrapassou as fronteiras chinesas e dominou praticamente toda a Ásia oriental. É conhecida pelos chineses como Junchaio (que se traduz como ensinamentos dos sábios). Entre as principais preocupações do confucionismo estão questões sobre moral, política, pedagogia e religião.

Citada em diversos filmes e até em desenhos animados ocidentais, em que os personagens invariavelmente começavam a se referir a ela com a frase “Confúcio diz”, o confucionismo tornou-se a doutrina oficial do império chinês durante a Dinastia Han (entre os séculos III a.C. e III d.C.) e teve muitos seguido res, entre eles Donz Zhong Shu, que revigorou e reinterpretou a doutrina com o uso das teorias cosmológicas dos cinco elementos, e Wang Chong, que usou um certo ceticismo lógico para criticar tanto as crenças infundadas quanto os mitos religiosos.

Após a época da Dinastia Han, o confucionismo perdeu um pouco sua popularidade e vigor, coisa que só veio a reconquistar no século X, quando um movimento que hoje é conhecido como neoconfucionismo surgiu pelas mãos dos irmãos Cheng e Zhuxi, este último um grande comentador confucionista.

A filosofia-religião possui como princípio básico a busca do Caminho (Tao), que é a ligação entre as vontades terrenas e celestes. Foi adotada como a religião oficial da China por quase 2.000 anos (do século II até o início do século XX). Hoje em dia, 25% da população chinesa declara-se seguidora da ética confucionista. Fora da China, o confucionismo possui cerca de 6,3 milhões de seguidores, principalmente em países como Japão, Coréia do Sul e Singapura.

Budismo

Esta religião chegou à China no século I d.C. e foi amplamente difundida entre a população após o século IV. Aos poucos ganhou terreno e tornou-se rapidamente a maior religião da China.

O budismo chinês é dividido em três facções de acordo com a língua que é utilizada pelos crentes: o budismo Han, o budismo tibetano e o budismo do sul, que é seguido pelos que usam a língua pali (um dialeto indo-europeu que é uma forma simplificada de sânscrito).

Apenas para lembrar aos leitores: os ensinamentos básicos do budismo são para que o crente evite o mal, faça o bem e cultive a própria mente, ou seja, não dê ouvidos aos outros. Seu objetivo principal é terminar o ciclo de sofrimento (conhecido como samsara) para que o entendimento da realidade última (conhecido como Nirvana) seja despertado no praticante.

O budismo tibetano, que também é praticado na China, atinge as áreas do Tibete, da Mongólia Interior e a província chinesa de Qinghai. Englobam cerca de sete milhões de praticantes, incluindo etnias como os tibetanos, mongóis, manchus, yugures, moinbas, luobas e tus.

O budismo do sul possui cerca de um milhão de crentes e tem mais influência na província chinesa de Yunnan. A grande parte dos budistas chineses pertence à etnia Han e se espalha por todo o país.

Islamismo

De acordo com o Consulado, o islamismo foi introduzido na China por volta do século VII. A grande maioria dos 18 milhões de habitantes das minorias nacionais tais como Hui, Uigur, Tatar, Quirquiz, Cazaque, Uzbeque, Dongxiang, Salar, Baoan professam o islamismo.

Nos dias de hoje, a China conta com um número impressionante, para um país do oriente, de mesquitas. São 30 mil no total, espalhadas pelas regiões autônomas de Uigur de Xinjiang, de Hui de Ningxia. Também são muito presentes nas províncias de Gansu, Qinghai e Yunnan.

Catolicismo

O catolicismo foi introduzido na China durante o século VII em vários períodos diferentes, mas apenas obteve influência significativa durante a Guerra do Ópio (conflito entre a China e a Grã-Bretanha ocorrido entre 1856 e 1860).

Hoje existem 100 freguesias, cinco milhões de crentes, cerca de 5.000 igrejas e 12 seminários.

Nas duas últimas décadas, a Igreja Católica da China formou mais de 1.500 bispos, cem dos quais foram enviados para o exterior. Os católicos de lá batizam anualmente cerca de 50 mil pessoas e distribuem cerca de três milhões de exemplares da Bíblia.

CAPÍTULO 4
LENDAS CHINESAS

A fênix, o dragão, a grande enchente [1] , cabeça de boi e cara de cavalo. Esses são alguns personagens conhecidos do público por suas aparições em obras e são referências recorrentes de histórias, mais próximas de nós. Outros são inéditos e até mesmo bizarros. Porém, o que mais fascina na cultura chinesa é a riqueza que sua mitologia apresenta.

Estima-se que muitos dos contos que chegaram até nós possuem mais de 4.000 anos e que pertencem a um período em que ainda não havia uma corrente filosófica propriamente dita na China. A maioria dos relatos que foram compilados em livros e obras acadêmicas foi selecionada a partir de ditos populares que chegaram até os dias modernos por meio de divulgação oral, o que é sem dúvida um feito notável. Quando se lê essas lendas, a primeira impressão é a de que são relatos mais ordeiros, por assim dizer, do que as histórias greco-romanas, por exemplo. Até mesmo mais inocentes. Algo que, com certeza, teria atraído Walt Disney a fazer suas versões animadas mais elaboradas.

Mesmo assim são histórias que encantam pela sua diversidade cultural, algo que em vários outros países do mundo não consegue atingir tal nível. Como vimos nos capítulos anteriores (e faço questão de lembrar isso nos próximos), a China de hoje é formada por mais de 20 etnias, cada uma com uma longa história. Por isso, é um trabalho hercúleo conseguir resumir essas influências de uma maneira que seja um retrato dessa diversidade.

Como veremos mais para frente em algumas das histórias coletadas, esses relatos sofreram influências das correntes políticas e religiosas que conquistaram o país. Na antiguidade, por exemplo, o país viveu sob grandes divisões. Depois da Dinastia Shang (que começou em 1766 e terminou em 1122 a.C.), que foi a primeira a unificar os reinos chineses, o país viveu sob o domínio de diversas outras dinastias e também sob intensas divisões étnicas.

A época áurea do pensamento chinês aconteceu sob a Dinastia Tang (que reinou entre os anos 618 e 907 da era cristã), quando houve um grande avanço significativo da unidade do país e houve a reunificação dos reinos. Foi nesse período que foi registrado um grande desenvolvimento das artes e da literatura e também houve o aparecimento de correntes como o confucionismo e o taoísmo, sobre os quais falamos com mais detalhes no capítulo passado.

Do confucionismo veio o gosto pelo trabalho, pela verdade e pela lealdade. Já do taoísmo veio a simplicidade pelas diversas formas da vida, das quais a poesia é apenas uma delas. E não poderia deixar de citar o budismo, que também teve um papel marcante, afinal deixa clara a busca pela perfeição através do Buda. Essas três filosofias predominaram naquele país até a vinda dos comunistas, em 1949, quando passaram a governar o país. Embora o marxismo não tenha muita ligação com as tradições culturais de lá, os governantes chineses buscam a preservação da identidade cultural do país.

Hoje em dia os avanços da China estão presentes nos principais noticiários. Prestes a atingir a auto-suficiência alimentar, os chineses, que se juntam em um bilhão e duzentos milhões de habitantes, não podem ser colocados de lado quando o quesito é a cultura milenar. E nenhum outro documento pode atestar essa importância cultural do que os relatos que fazem parte de sua tradição. Por isso, vamos conhecer agora a mitologia chinesa e provar um pouco dessa cultura tão rica e densa que possui poucos padrões de comparação no mundo.

Os Primeiros Relatos Escritos

Comecemos com uma rápida análise dos meios pelos quais essas lendas foram transmitidas. As lendas da mitologia chinesa falam, como não poderia deixar de ser, da criação e fundação da cultura e do Estado chineses. Os pesquisadores acreditam que, como nas demais mitologias, essa é uma maneira de relembrar fatos há muito tempo passados.

O início dessas lendas seria, segundo alguns, por volta do ano 1100 a.C. É mais ou menos nessa época que surgem os primeiros relatos escritos das lendas em livros como o *Shui Jing Zhu* e o *Shan Hai Jing* .

O primeiro é um trabalho sobre a antiga geografia da China e pode ser traduzido como *Comentário sobre o Pergaminho das Águas* . A versão

escrita foi compilada por Li Daoyuan durante a Dinastia Wei, que unificou o norte da China por volta do ano 439. Esse trabalho, que já seria uma versão de um texto ainda mais antigo, foi aumentado em até 40 vezes seu tamanho original. O texto anterior, que descrevia 137 rios diferentes na China, é tido como uma compilação realizada durante pelo menos três reinados por causa da diferença que se conhece entre os nomes dos países apresentados. Sua autoria original é atribuída ao pesquisador da Dinastia Jin (265 – 420), Guo Pu. Basicamente fala sobre as hidrovias da antiga China e apresenta muitos aspectos de localidades sem ser ficcionalizado, embora acrescente algumas lendas a seus relatos.

Já o segundo é um texto clássico que possui pelo menos 2 mil anos e pode ser traduzido como *Pergaminho das Montanhas e Mares* . É um relato fabuloso com informações geográficas e culturais da China na Pré-dinastia Qin (que reinou entre 221 e 206 a.C.), além de apresentar uma coleção de mitos. O livro possui cerca de 31.000 palavras e é dividido em 18 seções que descrevem 550 montanhas e 300 canais. Descreve os mitos, a magia e a religião chineses. É tido como uma das primeiras enciclopédias daquele país.

Além desses relatos por escrito, outros mitos encontraram meios diferentes para serem preservados, como o teatro e as canções. No final, grande parte deles foi registrada na obra *Fengshen Yanyi* , uma das maiores novelas chinesas já escritas na Dinastia Ming (que reinou entre os anos de 1368 e 1644). A história trata do declínio da Dinastia Shang e da ascensão da Dinastia Zhou (1122 a 256 a.C.) e intercala vários elementos da mitologia chinesa, incluindo deuses, deusas, imortais e espíritos. No geral, é uma extensão representativa e descritiva da vida chinesa naquela época, em que a religião tinha um papel importante na vida cotidiana. Sua autoria é atribuída a dois escritores diferentes, Xu Zhonglin (morto em 1566) e Lu Xixing (morto em 1601).

Outros livros foram, com o tempo, reconhecidos como o *Hei'an Zhuan* (traduzido como *O Épico da Escuridão*), uma coleção de lendas em forma de poesia épica. Foi preservado pelos habitantes da área montanhosa de Shennongjia e contém histórias variadas.

No teatro e na literatura os destaques são a poesia dos estados antigos, como *Lisao* , de autoria de Qu Yuan, originário do Estado Chu; o romance *A Jornada para o Oeste* , de autoria de Wu Cheng'en, um relato de uma peregrinação para a Índia, em que os personagens deparam com grande

quantidade de espíritos, monstros e demônios; e, por fim, o *Baishe Zhuan* , um conto romântico ambientado em Hangzhou (localizada na costa sudeste da China, hoje uma metrópole perto de Shanghai considerada a capital e centro cultural, político e econômico da Província de Zhejiang), que fala de uma cobra que assume forma humana e se apaixona por um homem.

O Mito da Criação

Uma característica comum a quase todas as mitologias é a existência de um mito da criação, que muitos podem achar ser o primeiro passo na cultura em questão.

Nem sempre. No caso da mitologia chinesa, a origem do mundo apareceu ligeiramente tarde. Os mitos que existem, segundo os pesquisadores, remontam a um período posterior ao da aparição do confucionismo e das demais religiões populares. Todas as versões compiladas, que falam sobre o assunto, apresentam grandes diferenças entre si e atribuem a criação do ser humano a diversos personagens. Fica até estranho falar delas todas, pois muitas se contradizem. A versão a seguir é a mais comum e é a adotada pela maioria dos livros consultados para este trabalho.

Há muitos anos, quando não havia céu ou terra, o universo era semelhante a um grande ovo, cujo interior era habitado por um embrião gigantesco que dormia a sono solto. Ele se chamava Pan Gu (ou em algumas versões P’an-Ku). Depois de 18 mil anos em gestação, Pan Gu começou a acordar. Quando finalmente abriu os olhos e analisou onde estava, viu que era tudo tão negro que não podia ver absolutamente nada. Sentindo-se aborrecido, brandiu seu braço possante e deu um golpe forte contra a escuridão que o rodeava.

Um barulho de algo que se quebrava foi ouvido e então o ovo se estalou com um grande estrondo, dessa maneira fragmentando a negritude estática que estava daquele jeito há centenas de milhares de anos. Por causa desse acontecimento, houve uma divisão dos elementos: os mais leves subiram e dispersaram-se aos poucos, formando o azul do céu, enquanto os mais pesados desciam em direção às profundezas para formar a terra. Quando Pan Gu se pôs em pé e viu que os elementos estavam separados, respirou com prazer.

Porém, o gigante temia que o céu e a terra voltassem a se encontrar. Assim, ele resolveu sustentar o céu com seus braços levantados e segurar a

terra com seus pés. Nesse meio tempo seu corpo cresceu numa velocidade espantosa de três metros por dia.

E assim um bom tempo se passou, mais precisamente 18 mil anos, até que o céu estava a alturas colossais enquanto a terra havia se tornado compacta. E Pan Gu também atingira uma altura desproporcional que, segundo alguns relatos, chegava a 45 mil quilômetros de altura. Ele era agora um gigante que tocava o céu com os braços e a terra com os pés.

Assim, céu e terra foram criados graças à força divina de Pan Gu. A esta altura, a confusão escura do início já havia se desintegrado, mas isso não impediu que o gigante ficasse exausto em seu esforço de separação. Depois disso, ele imaginou que poderia criar um mundo sobre o qual pairassem Sol e Lua, revestido por montanhas, rios e uma grande variedade de seres, incluindo os homens. Mas sua morte prematura (por motivos ignorados, mas que se conclui ser por exaustão devido ao trabalho realizado de separação) o impediu de realizar seu intento. Antes de seu último suspiro, entretanto, conseguiu transformar partes de seu corpo moribundo. Assim, seu hálito tornou-se a brisa, as nuvens e o nevoeiro; sua voz, o estrondo dos trovões; seu olho esquerdo virou o sol brilhante que ilumina a Terra e o direito a Lua; os cabelos e bigodes viraram as estrelas do firmamento; o tronco e seus quatro membros (braços e pernas) tornaram-se cinco montanhas maciças, sendo que quatro delas marcavam as extremidades norte, sul, leste e oeste do planeta e a quinta marcava o centro do universo.

A transformação de seus restos continuou. Seus músculos tornaram-se terras férteis; seus dentes, ossos e tutano, pérolas, jade e recursos minerais, respectivamente; seus pêlos, a relva e as árvores; seu suor, a chuva e a garoa. Assim, cada componente do mundo, como o conhecemos, veio do corpo daquele extraordinário ser.

E o ser humano? A lenda conta que os primeiros homens foram gerados a partir da sublimação da alma do gigante. Assim, o antepassado em comum da raça humana é Pan Gu. Essa é a explicação pela qual a humanidade seria capaz de controlar “tudo quanto existe na superfície da Terra”.

A história sobre Pan Gu possui algumas variações. Numa delas são as pulgas do gigante que se transformam na humanidade. Em outra, ele sai pelo mundo acompanhado de quatro animais imaginários altamente simbólicos para os chineses: o dragão, que é o chefe das criaturas escamosas; a tartaruga, que comanda as criaturas com casca; a fênix, a mais importante das criaturas com penas; e o unicórnio, chefe de todos os

animais que possuem pêlos. Este estranho quarteto é sua única companhia nos dias em que antecedem sua morte.

Variações

O gigante Pan Gu é apenas uma das versões. As demais, apresentadas abaixo, são versões cronologicamente anteriores à do personagem citado.

Shangdi aparece na literatura cerca de 700 anos antes de Cristo. Não há narrativas explícitas como a de Pan Gu que dão a este perso nagem o papel de criador do mundo, embora para muitos estudiosos essa interpretação seja possível. Até a época da Dinastia Han (206 a.C. – 220 d.C.) não havia nenhuma referência escrita sobre Shangdi ser o criador, o que para muitos não é conclusivo.

Tian é outro personagem que concorre ao "papel". Surgiu na mesma época que Shangdi e novamente não há registro escrito de uma fábula que lhe atribua esse papel, embora isso também seja possível por certas interpretações. Tian, que também é conhecido como Céu, parece ter suas qualidades misturadas às de Shangdi, o que leva a crer que se trata de uma divindade única que foi adorada no Templo do Céu, localizado em Pequim.

Nüwa aparece tempos depois, mais precisamente em 350 a.C. Esta personagem possui um relato escrito que o acusa de ser a criadora da humanidade. Seu irmão e marido é Fu Xi e os dois são adorados como o primeiro casal antepassado dos humanos. São, em geral, representados como criaturas metade serpente e metade humano.

Pan Gu apareceu pela primeira vez cerca de 300 a.C. E, por fim, pouco depois, um novo personagem, chamado Yu Huang, também conhecido como Imperador de Jade, é o último da lista, cujo surgimento em relatos escritos data da época do estabelecimento do taoísmo na China, por volta do século II d.C.

Fênix e Dragões

O fenghuang é um pássaro mitológico que reina sobre todos os outros. Os machos são chamados feng e as fêmeas, huang. Nos tempos modernos, tal distinção de sexo não é mais feita e as duas denominações foram fundidas numa só para que o pássaro fosse levado em consideração como feminino, da mesma forma como é com o dragão, que é essencialmente considerado

masculino. O fenghuang também é chamado de “galo celestial”, já que, por vezes, toma o lugar do galo comum no zodíaco chinês. Na região oeste da China é chamado de fênix e de pássaro Ho-Oh. Diz-se que sua imagem faz parte do imaginário popular há mais de sete mil anos.

Conta a lenda que a fênix (usemos daqui para frente o nome mais conhecido por nós) nasceu do sol. Sua plumagem mistura todas as cores conhecidas e seu trinado é uma melodia de cinco notas. A ave banha-se apenas das águas puras que descem da montanha chamada Kunlun, uma das maiores cordilheiras da Ásia que se estende ao longo de mais de 3.000 quilômetros.

Dizem que onde a fênix vai as 360 variedades de pássaros se reúnem para lhe prestar homenagem. Assim como os demais animais que são considerados espirituais, a fênix possui em si ambos os sexos: macho e fêmea. A idéia de que a fênix renascia das cinzas, entretanto, não é desta versão, mas sim do mito egípcio.

Falemos agora do dragão, outro mito típico dos chineses. Junto com a fênix, a tartaruga e o unicórnio, forma o grupo de animais que estava ao lado de Pan Gu quando este criou o mundo. Assim, o mítico animal é aqui uma força do bem, ao contrário de sua versão européia e cristã. O desenho de seu corpo é composto de partes de outros animais místicos: ele possui olhos de tigre, corpo de serpente, patas de águia, chifres de veado, orelhas de boi, bigodes de carpa, uma enorme juba de leão e outras partes não tão citadas. É considerado o símbolo da energia do fogo, que destrói, mas que depois disso, permite o renascimento das coisas. Representa também a sabedoria e o Império chinês. Sua forma mais comum de representação é o dragão de quatro patas, cada uma com quatro dedos para frente e um virado para trás, conhecido como dragão imperial. A variação que carrega uma pérola numa das patas é chamada de dragão das águas marinhas. Isso porque os dragões chineses controlam a água nas nações de agricultura de irrigação.

Curiosamente é considerado até hoje tabu deformar uma representação de um dragão. Um exemplo disso foi uma campanha publicitária recente que mostrava o jogador norte-americano de basquete LeBron James matando um dragão e batendo num velho mestre de KungFu, que foi imediatamente censurada pelo governo chinês após protesto público que acusou a empresa de desrespeito.

Os dragões chineses são comumente associados com a água. Acredita-se que sejam regentes de cachoeiras, rios e até do tempo. Há quatro reis dragões, cada um representando um dos quatro mares: o mar do leste, o mar sul, o mar ocidental e o mar norte (visto como o lago Baikal). Graças a essa associação, esses animais são vistos como responsáveis por fenômenos aquáticos relacionados ao tempo. Antigamente muitas vilas, especialmente as que se localizavam perto de rios e mares, tinham templos dedicados ao seu respectivo rei dragão. Em época de seca ou de enchente era comum que os nobres e oficiais locais oferecessem sacrifícios para satisfazer seu dragão.

Entre os mais conhecidos estão:

- **Yinlong** : um dragão que ajudou uma vez um homem chamado Da Yu a parar uma enchente do rio Amarelo ao abrir canais com sua cauda.
- **Fucanglong** : dragão do mundo subterrâneo que guarda tesouros enterrados. Toda vez que ele sai provoca a erupção de vulcões.
- **Canglong** : dragão que possui o poder de controlar ventos e chuvas.
- **Jiaolong** : dragão sem chifre que vive em pântanos.

O Herói

Não apenas de criaturas fantásticas e de gigantes vive a mitologia chinesa. Um dos contos mais interessantes fala sobre um herói chamado Hou Yi, conhecido como o arqueiro que derrotou nove sóis. Uma história interessante que lembra em muitos aspectos os contos gregos de Apolo, o deus solar.

Conta a lenda que, durante o reinado do imperador Yao (2358 – 2258 a.C.), apareceram no céu ao mesmo tempo dez sóis, que causaram secas muito graves.

Todos queriam saber por que havia tantos sóis no céu. Descobriram que Xibe, a mãe-sol, dera à luz dez filhos. Todos moravam juntos no lago Tanggu, que ficava além dos confins do mar. Como todos os dias os dez sóis brincavam no lago, suas águas eram sempre muito escaldantes e impossíveis de serem usadas fosse para o que fosse. No centro do lago havia uma grande árvore, que era chamada de Fusang, que tinha mais de mil metros de altura e mil braçadas de circunferência. Também tinha dez ramos, para onde os sóis iam descansar.

O Imperador Celestial havia determinado que todos os dias um deles tinha que trabalhar para que a terra ficasse iluminada para os humanos. Porém, os sóis não queriam saber de nada e ficavam apenas se divertindo.

Mas mesmo assim resolveram cumprir as ordens do Imperador Celestial. Viam, durante as jornadas pelo céu, que o mundo terrestre era muito bonito e que gostariam muito de ficar mais tempo por lá, mas suas ordens determinavam que cada sol que estivesse trabalhando só poderia descer à Terra uma vez a cada dez dias. Por causa disso, eles começaram a conversar entre si e a lastimar o fato de que tinham que ficar no lago nove a cada dez dias. Até que, revoltados e incitados por um de seus irmãos, os dez deixaram o lago e resolveram ir brincar nos céus. É claro que o resultado não podia ser mais catastrófico: em pouco tempo o mundo apresentava um aspecto tétrico, pois a luz dos dez iluminava a Terra por completo e a deixava sem uma única sombra. A temperatura subiu vertiginosamente e os rios secaram. Vegetação e flores murcharam. Os humanos respiravam com dificuldade e foram se esconder em grutas.

O imperador Yao, comovido com o sofrimento do povo, resolveu falar com os dez sóis. Mas estes, gostando de ficarem entregues à brincadeira, simplesmente ignoraram o soberano. Yao recorreu ao Imperador Celestial que, furioso ao descobrir o que os sóis estavam fazendo, chamou seu guerreiro Hou Yi e ordenou-lhe que fosse à Terra para castigá-los. Deu-lhe um arco vermelho e dez flechas brancas para que ele cumprisse sua missão. E lá se foi o herói.

Quando Hou Yi chegou à Terra viu que, de fato, os humanos penavam sob o calor dos dez sóis e então armou o arco com a primeira das flechas brancas. Disparou-a e o objeto rasgou os ares até atingir um dos sóis. Ouviu-se um estrondo celeste e o atingido tornou-se uma bola de chamas que se despedaçou quando chegou no solo.

Assustados com o que acontecera, os outros nove sóis tentaram fugir o mais depressa possível, mas o herói arqueiro atingiu sem piedade um após o outro. Quando só havia uma flecha em sua algibeira o Imperador Yao o deteve. E assim a Terra voltou a ter apenas um sol, que encarava o herói pálido de medo. A temperatura da Terra voltou ao normal e a população saiu das grutas, voltando à normalidade.

Hou Yi foi logo interpelado pelos habitantes chineses para que aceitassem o convite para ficar por lá mais alguns dias e que os ajudasse a se livrar de outras criaturas e calamidades que os perseguiam. O convite foi

aceito e o herói matador de sóis desfrutou de alguns dias de paz e foi o protagonista de muitas outras aventuras.

A Deusa

Um herói divino na Terra só poderia causar algum tipo de problema mais cedo ou mais tarde. Depois de matar os nove sóis, castigado um demônio das águas e matado grande número de animais e aves selvagens, Hou Yi ganhou o respeito dos seres humanos e percorreu todas as regiões oferecendo sua ajuda. Um dia, depois de uma longa caçada, ele buscava água para beber enquanto atravessava um riacho em seu caminho para casa, deparou-se com uma jovem que bebia água com a ajuda de um bambu oco. Aproximou-se dela e pediu para usar o bambu. Ela percebeu o arco e as flechas que ele carregava e soube quem era. Em agradecimento pelo bem que Hou Yi fizera para todos, ela concordou em ceder o bambu. Ele, por sua vez, encantado com a beleza dela, escolheu uma das mais preciosas peles de raposa prateada que tinha acabado de caçar e deu-a de presente. Conversaram e ele soube que ela se chamava Chang E e que seus pais haviam sido vítimas dos animais selvagens da floresta e que ela agora vivia sozinha.

Comovido com o passado dela, o herói percebeu, ao tentar consolá-la, que estava apaixonado. Casaram-se e tornaram-se inseparáveis, pois viajavam e caçavam sempre um na companhia do outro. E por isso o herói resolvera desconsiderar a ordem do Imperador Celestial de voltar ao céu.

O tempo passou e depois de três anos de vida conjugal Chang E soube que o Imperador Celestial havia chamado seu marido de novo. Eles choraram muito e não queriam se separar. E quando o Imperador Celestial soube que o herói havia se casado com uma mortal e estabelecido família no mundo, ficou furioso e demitiu-o de suas funções. Hou Yi não se arrependeu, pois gostava mais da vida terrena do que a que tinha no céu.

Mas havia ainda um problema: por mais que amasse Chang E, ela ainda era mortal. E ele agora também o era. Um dia ele disse que iria atrás de um remédio que garantiria que ambos pudessem viver eternamente. Assim ele se preparou para empreender essa viagem. Era a primeira vez após o casamento que ambos se separariam. Assim, Hou Yi montou em seu corcel e partiu rumo ao oeste.

Ele chegou até a região onde morava a mãe-imperatriz, que possuía uma parteira que curava tudo, inclusive a morte. Passou por vilarejos mil e terras despovoadas até alcançar a região do Rio das Águas Afogadoras e na Montanha das Chamas Ardentes, que só conseguiu atravessar devido à sua grande astúcia. Quando chegou às portas do palácio, a imperatriz já sabia de sua chegada. Assim deu-lhe uma garrafa que continha o elixir, preparado à base de pêssegos da Árvore da Imortalidade. Mas recomendou que o conteúdo fosse dividido de maneira igual para ele e sua esposa e que se apenas um deles bebesse transformar-se-ia num ser divino e voaria para o céu sem jamais poder voltar à Terra.

O herói voltou para sua esposa e entregou-lhe o elixir para que ela o guardasse num lugar seguro até o momento em que ambos fossem bebê-lo.

Enquanto isso, Feng Meng, considerado o melhor dos alunos de Hou Yi, mostrava-se orgulhoso na ausência do mestre, além de agir com inveja e perversão. Todos os dias ele ansiava em ver Hou Yi morrer para tomar seu lugar como o melhor arqueiro do mundo. Quando soube que o herói tinha ido buscar o elixir da imortalidade sentiu-se imediatamente ameaçado. Um dia aproveitou que o herói havia ido caçar e foi furtivamente até a casa dele. Apontou uma flecha para Chang E e exigiu que ela lhe entregasse o elixir.

Surpreendida pelo acontecimento ela tentou argumentar com o vilão, mas em vão. Pressionada por ele, sabia que não poderia entregar o elixir a tão desprezível criatura. Mas não queria morrer e, por isso, tirou o elixir de seu esconderijo e num golpe só engoliu todo o seu conteúdo para depois correr em direção à porta da rua. Mal chegara do lado de fora e começou a sentir-se leve a ponto de começar a subir em direção ao céu. Assim, atingiu a Lua e ficou num palácio de Jade e Esmeraldas, conhecido como Palácio de Guanghan, lá se estabelecendo em meio às lágrimas, pois sabia que agora era uma deusa e que jamais veria de novo seu marido.

Quando o herói voltou da caça ficou sabendo do que aconteceu e, tomado pela tristeza, partiu em busca do vilão, que estava escondido no bosque. Feng Meng apenas aguardou a chegada de seu ex-mestre para, sempre sorrateiro, sair das sombras e, aproximando-se por trás, desferir-lhe golpes de porrete até matá-lo.

A morte de Hou Yi foi vingada por seus outros discípulos, que, ao saberem do que Feng Meng fizera, perseguiram-no, cercaram-no e amarraram-no numa árvore grande e depois o mataram cada um com uma flecha.

Assim termina a história da bela deusa que foi privada de seu amor e que passou a viver na Lua, onde encanta todos até hoje com sua ternura pela memória do marido morto. Apesar de bem instalada e imortal, ela está condenada a chorar para sempre a morte do homem que ama.

Três Augustos e os Cinco Imperadores

Como podemos ver pelas histórias narradas, alguns imperadores são citados. De fato, apesar de serem considerados personagens míticos, a maioria deles chega a ter seu período de atividade descrito como se fosse uma pessoa real. Por isso, vale a pena encerrarmos este capítulo falando um pouco sobre esses imperadores.

Na verdade, não foram apenas imperadores os principais personagens desses mitos. Há também os chamados Augustos. Conhecidos como os Três Soberanos, são considerados semideuses que usavam seus poderes mágicos para melhorar as vidas de seus súditos. Essa qualidade, que lhes garantiria a posse de uma grande virtude, teria feito com que vivessem até uma idade avançada e que governassem por longos anos de paz e prosperidade.

A principal fonte para conhecer esses míticos personagens é a obra chamada *Registros do Historiador* , de autoria de Sima Qian (145 a 90 ou 85 a.C.), astrônomo, matemático e historiador chinês da Dinastia Han do Oeste (206 a.C. a 220 d.C.). Como era filho de historiadores, Qian realizou várias viagens com seus pais e conheceu diferentes lugares. Por isso, teria feito um esforço de interpretação de tudo o que via, e justamente por isso ninguém se atrevia a contestar uma informação que ele dava.

Sua obra descreve a história chinesa da época do mítico Imperador Amarelo até a sua própria época. O conteúdo é considerado sistemático quando fala sobre a história chinesa e influenciou a prosa na China. Hoje esse livro tem a mesma importância que os registros de Heródoto.

Possui no total 130 capítulos, classificados em categorias conforme o esquema a seguir:

- 12 capítulos de Benji com a biografia dos principais líderes desde o mítico Imperador Amarelo até Qin Shi Huang (o chamado Primeiro Imperador) e os reis das Dinastias Xia, Shang e Zhou. Há também as

biografias de quatro imperadores e uma imperatriz da Dinastia Han antes de sua época;

- 30 capítulos de Shijia com biografias de todos os líderes, nobres e burocratas notáveis, sendo a maioria destes do Período das Primaveras e Outonos e do Período dos Reinos Combatentes;
- 70 capítulos de Liezhuan com todas as biografias das figuras mais importantes do período como Lao Zi, Mozi, Sun Tzu e Jīng Kē;
- Oito capítulos de Shu, com registros econômicos e culturais dos períodos enfocados pelo conteúdo do livro;
- Dez capítulos de Biao, uma espécie de cronologia de eventos.

Assim, segundo os *Registros do Historiador* , os Três Augustos são:

- o Deus Celestial, que teria governado durante cerca de 18 mil anos.
- o Deus Terreno, que teria governado por cerca de 11 mil anos.
- o Deus Humano, que dominou por aproximadamente 45.600 anos.

Outras duas fontes, as obras *Yundou shu* e *Yuanming bao* , das quais pouco se sabe, identificam os Augustos como sendo Fu Xi e Nu Wa, já citados quando falamos sobre o casal do mito da criação, que teriam justamente sido os ancestrais da humanidade e sobreviventes de uma grande inundação nos mesmos moldes do dilúvio bíblico. O terceiro seria Shennong, um deus que teria inventado a agricultura e que foi o primeiro a ter utilizado uma planta para uso medicinal.

Outras fontes que citam os Augustos são o *Shangshu dazhuan* e o *Baihu tongyi* , que mencionam a mesma seqüência de nomes, mas trocam Nu Wa por Suiren, que seria o deus criador do fogo. Outra obra, o *Diwang shiji* já troca Nu Wa pelo Imperador Amarelo, considerado o maior ancestral de todo o povo chinês.

Por fim, temos o grupo dos Cinco Imperadores, considerados reis sábios e de moral perfeita, que, de acordo com o *Registros do Historiador* , são:

- o Imperador Amarelo (Huang Di), que teria reinado entre 2698 e 2599 a.C. É considerado o ancestral de todos os chineses da etnia Han, o maior grupo étnico da China.
- Zhuanxu, que reinou entre 2514 e 2436 a.C. Seria neto do Imperador Amarelo e é conhecido por ter feito grandes contribuições para a astrologia e para o calendário, além de reformar a religião em oposição ao sistema xamânico vigente.

- Ku, que teria reinado entre 2436 e 2366 a.C. Bisneto do Imperador Amarelo.
- Yao, que teria reinado entre 2358 e 2258 a.C. Sua benevolência e diligência serviram de modelo para os futuros monarcas e imperadores da China.
- Shun, que teria reinado entre 2255 e 2195 a.C. Também conhecido como Grande Shun, foi muito glorificado por suas virtudes por parte de Confúcio e seus seguidores.

Yao e Shun são também conhecidos como os Dois Imperadores. Juntamente com Yu (2194 – 2149 a.C.), que é o sucessor de Shun e fundador da Dinastia Xia, que é a primeira dinastia descrita pela historiografia tradicional chinesa, são considerados pelos confucionistas modelos de líderes e exemplo de moral pessoal.

Nessa s lendas cada força da natureza ganha papel de um personagem consciente.

Capítulo 5
A Economia Chinesa

É de se esperar que um país com uma história tão longa e uma tradição quase inquebrantável, que conseguiu um lugar de destaque no panorama mundial moderno, tenha uma economia estável e que faça tudo o que está em seu alcance para caminhar a passos largos e se tornar uma superpotência dominante, algo como um substituto da União Soviética para competir com os Estados Unidos pelo domínio do mercado mundial.

Porém, na prática, a situação mostra-se bem diferente. Claro, como veremos neste capítulo, a China possui, de fato, uma economia forte, mas também enfrenta alguns problemas difíceis de serem resolvidos a curto ou longo prazo. O principal deles é o mercado pirata que corre solto por lá.

Sim, caro leitor, você não leu errado. A pirataria é infelizmente a principal responsável pela divulgação da famosa frase “Made in China” que circula em alguns produtos. E muitos são os jornalistas que tiveram oportunidade de conferir isso por si mesmos. Claudia Trevisan, que cito muito neste trabalho, é uma delas. Segundo seu depoi mento, o mercado pirata daquele país ataca as marcas mais celebradas do mundo e cujos originais também podem ser encontrados por lá. De Dior a Prada, de Rolex a Nike, de Columbia a Louis Vuitton, todos eles se acumulam em shopping centers (meio parecidos com os encontrados na cidade de São Paulo, a julgar pela descrição). E mesmo sabendo que se tratam de produtos ilegais, os comerciantes (que nem de longe chegam a ser discretos) recebem todos os dias milhares de compradores, entre chineses e estrangeiros.

É quase inconcebível que, se você tem dinheiro para fazer uma viagem turística, vá para a China só para obter um produto pirata. Mas é assim que a coisa funciona. Aparentemente, o mercado de produtos piratas tornou-se hoje uma atração turística tão procurada quanto a própria Muralha da China. Pequim, por exemplo, possui um dos pontos mais fortes de pirataria organizada, com grande parte dos produtos sendo vendida com etiquetas e

até certificados de garantia. Segundo alguns depoimentos, tudo se parece com o original nos detalhes, com a diferença mais aparente no preço.

Vejamos o que Trevisan diz a esse respeito:

"Os chineses têm uma histórica habilidade para cópias e são capazes de reproduzir quase tudo: tacos de golfe, roupas, tênis, bolsas, sapatos, CDs, DVDs e outros incontáveis bens de consumo. Em Pequim há três grandes locais de venda de produtos falsificados e uma profusão de outras pequenas lojas, que oferecem um menor número de produtos."

Um desses lugares é o chamado Mercado das Pérolas. O local é especializado na venda de relógios, óculos, canetas, produtos eletrônicos, malas e bolsas. Todos falsificados nos mínimos detalhes. O local, que possui cinco enormes andares, apresenta, entretanto, produtos legítimos como as pérolas que dão nome ao mercado. Uma das lojas mais procuradas chama-se Yashow, que oferece roupas esportivas, tênis, casacos, roupas infantis, malas e bolsas.

Curiosamente, a entrada do shopping center apresenta uma porta de vidro com um enorme cartaz em chinês e inglês, em que se lê um comunicado endossado pelas várias marcas internacionais que são lesadas nas vendas. Trata-se de uma advertência para que os clientes que lá entrarem tenham consciência de que "a venda e a compra de produtos falsificados é crime" e que a polícia seja avisada caso produtos ilegais sejam oferecidos. Aparentemente, o que acontece é que o nível de sofisticação nas cópias é tamanho que muitas vezes a loja que as oferece mistura produtos originais com os falsificados a ponto de ninguém mais conseguir saber como identificar a diferença. O que não impede que os clientes continuem chegando e adquirindo vários produtos que são levados dentro de malas que também são falsificadas na maior parte das vezes.

Um dos pontos mais ligados à pirataria era a chamada Rua da Seda, que funcionava a céu aberto e que terminou por ser transferida em 2005 para um luxuoso prédio erguido na principal avenida de Pequim. A cara de pau das pessoas que trabalham lá é tanta que houve uma vez em que funcionários chineses caíram na besteira de incluir o local num passeio turístico com pessoas que trabalhavam para o governo norte-americano, justamente o país que mais cobra da China providências no combate à pirataria.

Falando assim parece ser uma atividade fútil, reservada apenas àqueles que possuem dinheiro para gastar numa viagem dessas. Mas na prática é complicado para qualquer um resistir aos preços lá cobrados. Para se ter uma idéia, Trevisan conta que é possível, por exemplo, encontrar um casaco Hugo Boss, que normalmente valeria uns US$ 70,00 sendo comercializado por menos da metade desse preço. Gravatas de grifes como Salvatore Ferragamo saem por absurdos US$ 6,00 e jaquetas impermeáveis da Pacifictrail por US$ 15,00. O governo chinês já se manifestou muitas vezes contra a pirataria, mas até agora a situação ainda continua. E quando eventualmente algum veículo estrangeiro ou mesmo local ataca a questão, os comerciantes reagem com bom humor e alegam apenas que, depois de inventarem o papel, a tinta, os fogos de artifício e nunca receberam um único centavo por suas criações do ocidente, por que pagariam pelo uso das invenções ocidentais?

Independente da seriedade da questão uma das cenas mais hilárias que se pode observar nesses mercados e em outros que vendem produtos sérios é o velho hábito da barganha. Para os ocidentais, a barreira da língua parece ser o principal motivo para não se fazer absolutamente nada quando nos vemos num ambiente assim, mas os chineses são vendedores persistentes e não deixam que você passe numa boa. Pouquíssimos deles falam inglês, mas suas táticas são um teatro à parte. A começar pelo hábito que eles possuem de falar termos como *look*, *cheap* e *good* com um "a" no final (que torna as palavras em *looka*, *cheapa* e *gooda*).

A forma de abordagem é sempre a mesma: o cliente pára nas lojas, olha a mercadoria e pergunta o preço. Esse é o começo de uma verdadeira guerra em que eventualmente o vendedor levará sempre a melhor. Trevisan conta:

"O vendedor mostrará uma tenacidade surpreendente diante de todas as recusas e desculpas do eventual cliente. Em vez de dar o preço, muitos chineses oferecem uma calculadora ao potencial comprador e perguntam 'how much?', como se não fosse sua a obrigação de dizer o preço da mercadoria."

Até aí não é muita novidade, pois há mercados semelhantes em países árabes em que é impossível sair sem bater boca (mesmo que seja na base do teatro) antes de sair com um tapete ou um turbante embaixo do braço. Mas os chineses levam esse teatro a sério e chegam a fazer cenas que deixam

não só o cliente constrangido como também muitas vezes se tem a nítida impressão de que se participa de uma cena de comédia norte-americana.

Trevisan acrescenta que um comprador esperto nunca cairá nessa cilada e exigirá que o vendedor diga seu preço. Porém, esse detalhe não importará muito, pois, como cliente, ele terá a obrigação de exigir menos, sempre algo inferior à metade. Quando a negociação se inicia, ambos os envolvidos poderão ficar um bom tempo discutindo o valor com a ajuda da calculadora, que nunca é dispensada. É claro que cada um tentará demover o outro e reagirá com “indignação”. Afinal, o blefe é uma das principais características desse tipo de “ritual”.

Caso a negociação chegue a um impasse, só restará ao cliente fingir desinteresse e sair andando. Os relatos sobre os acontecidos são simplesmente de fazer qualquer um imaginar a cena e começar a rir: o vendedor invariavelmente vai atrás do cliente com a mercadoria e pergunta sempre “how much?” até aparecer algum tipo de interesse. Por fim, o vendedor acaba se rendendo às exigências do cliente e, com a cara feia habitual nessas ocasiões, fecha finalmente o negócio.

Já houve casos em que o cliente não conseguiu um desfecho assim, o que pode acontecer, e termina por voltar com “o rabo no meio das pernas” caso seu interesse pela mercadoria seja maior do que o que está disposto a pagar.

Mas o teatro mesmo pode envolver gestos físicos. Trevisan conta que levou uma amiga que estava em Pequim para visitar uma banca justamente no Mercado das Pérolas e se viu interessada por um casaco Burberry. Toda vez que elas se cansavam de barganhar e faziam menção de irem embora eram agarradas pelo braço e a própria jornalista quase foi “nocauteada” (para usar palavras dela) ao tentar intervir na negociação, já que se sentia na obrigação de oferecer algum tipo de ajuda para sua hóspede. A discussão ainda incluiu momentos de berros e empurrões até que a amiga dela conseguiu o casaco (imitação, claro) por menos de US$ 20.

Outro amigo da jornalista acrescentou que, quando está na China, só se convence de que chegou a um bom preço quando os vendedores perdem a paciência e partem para dar socos em seu braço. E o mais interessante é que, em todas as fontes consultadas para a preparação deste trabalho, relatos assim podem ser encontrados. Todos sabem que isso tudo não passa de teatro, mas o mais cômico é que se prestam ao papel assim mesmo. Afinal, é dinheiro que entra.

Noções sobre a Economia Chinesa

Não se deixe enganar com as aparências. Nem tudo na China é baseado em atividades de cópia ou falsificação. Ou as multinacionais não se prestariam ao trabalho de se instalarem naquele país. A economia informal gerada pela pirataria é um problema mais administrativo do que um retrato do país.

Mas é melhor irmos por partes e analisar o assunto com outros olhos. Vamos ver algumas noções básicas. Sabemos, pelos relatos históricos, que a China teve um desenvolvimento econômico notável desde a proclamação da República, ocorrida em 1949. A partir de 1978, quando houve tanto a reforma quanto a abertura do país, o ritmo de crescimento de sua economia mantém-se em 9% ao ano. Um dos últimos números divulgados sobre o assunto, no ano de 2003, mostrava que o PIB (Produto Interno Bruto) atingiu, naquele ano, a impressionante marca de US$ 1,4 trilhão, o que fez com que se posicionasse no sexto lugar do *ranking* mundial, logo após Estados Unidos, Japão, Alemanha, Inglaterra e França. No final daquele mesmo ano, o PIB per capita ultrapassou os mil dólares.

Ainda seguindo os dados divulgados naquele ano, temos o patamar de 5,5 trilhões de renminbis (o nome oficial da moeda da China, cujas unidades são chamadas de yuans), enquanto o valor global de vendas a varejo atingiu 4,6 trilhões de renminbis. Já o valor total do comércio realizado com o exterior somou 850 bilhões de dólares, o que fez com que superasse a Inglaterra e a França e ocupasse o quarto lugar mundial atrás apenas de Estados Unidos, Alemanha e Japão.

Falar sobre economia pode ser um tanto tedioso por causa da grande profusão dos números envolvidos. Porém, eles são necessários para se entender a importância de uma boa posição econômica.

Após duas décadas de reforma e construção da modernização, fatores que foram determinantes para que ganhasse a sede dos Jogos Olímpicos de 2008, o país mudou sua posição de uma economia planificada para um tipo de mercado socialista, com uma significativa melhora de seu sistema econômico. Diz texto do Consulado da China:

"Paralelamente a isso, a área jurídica vem sendo aperfeiçoada com maior abertura, o que fez com que o ambiente para o investimento melhorasse, também o sistema financeiro está numa fase de reforma

constante. Tudo isso oferece fundamentos para maior desenvolvimento econômico da China.”

Hoje a economia da China é a quarta maior do mundo em termos de Produto Interno Bruto, com um volume de 2,2 trilhões de dólares, segundo artigo publicado em 2007 pela *Revista Época.* Cerca de 70% de seu PIB vem dos setores secundário e terciário e a economia do setor público, de acordo com artigo da Revista *Business Week* em 2005, é controlada por cerca de 200 empresas estatais que atuam nas áreas de indústria pesada e utilidade pública. Graças a esses resultados, o país é responsável hoje por 13% da economia mundial, o que não é de se estranhar, já que sua população equivale a 21% do total de habitantes do planeta Terra. Hoje em dia é a maior produtora de alimentos e manufaturas do globo e perde apenas no valor mundial para os Estados Unidos em mineração e no setor de serviços.

Esse esforço todo é baseado na participação que mantém como integrante de um tratado internacional conhecido como APEC (Asia-Pacific Economic Cooperation), um bloco econômico que tenciona transformar o Pacífico em uma área de livre-comércio. Desse acordo participam países asiáticos, americanos e da Oceania.

AGRICULTURA

Um dos problemas que a China enfrenta é onde e como conseguir comida para sua numerosa população, já que grande parte do seu território não é propício à agricultura. Mesmo assim, cerca de 60% de sua população se dedica ao plantio de itens como arroz, cereais, milho e trigo, voltados ao mercado interno, nas principais regiões agrícolas, que são localizadas na parte oriental, ou seja, nas planícies e regiões próximas aos rios. As produções agrícolas voltadas para a indústria incluem tabaco, algodão, cana-de-açúcar, chá e amoras.

Fora isso, o país dispõe de recursos abundantes como ferro, manganês, tungstênio, estanho, carvão mineral e petróleo, o que os deixa numa situação confortável quanto aos recursos minerais e energéticos, a ponto de apresentar um dos maiores índices de crescimento mundial.

O total de grãos produzidos pelos chineses beira 450 milhões de toneladas por ano. Além disso, a criação de suínos também é significativa e

atinge cerca de meio bilhão de animais. Apesar de todas as dificuldades que enfrenta por causa de suas terras cultiváveis, é o maior produtor mundial de arroz, hortifrutigranjeiros, trigo e o segundo maior de milho. O aumento da produtividade observado nos últimos tempos fez com que a China aumentasse sua produção agropecuária em cerca de 45% na agricultura e pelo menos quatro vezes mais na pecuária entre os anos de 1999 e 2000, ao mesmo tempo em que reduzia para 15 milhões de hectares as terras cultiváveis.

Nos últimos anos, a modernização da agricultura (um reflexo direto da abertura do país, que permitiu importar tecnologia antes inexistente) fez com que os chineses consumissem alimentos difíceis de serem encontrados em sua mesa antes da chamada Revolução Verde (originária da década de 1950 e que também afetou a produção da Índia). Por exemplo, hoje há grande consumo de carne bovina: em 1950 era permitido que cada chinês consumisse cerca de 250 gramas de carne por ano e hoje esse número aumentou para seis quilos desde 2000.

A alimentação dos chineses sofreu muitas modificações. Em 1970, por exemplo, para cada dez porções de alimentos, oito eram de arroz, uma de carne de porco ou ave e uma de hortaliças. A partir de 2000 essas proporções foram redefinidas e hoje chegam a porções quase idênticas de cada alimento consumido.

O panorama das áreas cultiváveis mudou muito desde o começo da década presente. Hoje a China possui, de acordo com seu Consulado, apenas 1,27 milhão de km^2 , que corresponde a apenas 7% da área cultivada total mundial, concentradas principalmente nas planícies e regiões de rios na Zona Leste. Essa redução que se observa é principalmente devido ao crescimento populacional, que invariavelmente invade antigas plantações e as transformam em áreas de residências. Diz o Consulado:

“O desenvolvimento acelerado da agricultura da China começou depois da reforma rural em 1978. Ao longo dos 20 anos, dentro do quadro de propriedade coletiva, orientada pelo mercado, a reforma na zona rural da China mudou o regime tradicional e explorou a nova forma de economia coletiva no contexto da economia de mercado. A reforma traz aos camponeses benefícios que liberou e desenvolveu a força produtiva rural, incentivou o rápido crescimento da produção dos alimentos e a otimização gradual da estrutura agrícola, fazendo com que a agricultura da China

obtivesse êxitos significativos. Atualmente, a produção de grãos, algodão, semente de colza (também conhecida como couve-nabiça), tabaco, carne, ovo, produtos aquáticos e vegetais da China ocupam o primeiro lugar do mundo.”

Nos últimos anos, a agricultura é a prioridade do governo chinês, que ainda passa por um processo de ampliação de investimentos no setor. A intenção é deter um pouco o fluxo de trabalhadores rurais que continuam a chegar aos grandes centros urbanos e tornam a mãode-obra barata e abundante. Assim, as zonas urbana e rural teriam o mesmo tipo de desenvolvimento harmonioso.

INDÚSTRIA

Enquanto a agricultura preocupa os dirigentes chineses para que mantenha seu nível de desenvolvimento, a indústria chinesa já conseguiu feitos notáveis, o principal deles é a ultrapassagem de seus maiores concorrentes. Hoje o país domina alguns setores como informática (principalmente na construção de computadores), eletrodomésticos e produção de aço. Também é o maior produtor mundial de carvão, com produção superior a 1,7 bilhão de toneladas, e também é o maior consumidor desse mesmo produto, que fornece cerca de dois terços das necessidades do país.

A grande obra das Três Gargantas (Chángjiāng Sānxiá Dà Ba, em chinês pinyin), em 2006, forneceu ao país a maior hidrelétrica do mundo. Sua construção foi iniciada em 1993 e no final de 2004 já tinha quatro turbinas em funcionamento. Estima-se que em mais alguns anos terá um total de 26 turbinas, que gerarão uma capacidade de 18.200 megawatts, o que destitui a hidrelétrica de Itaipu, até então considerada a maior do mundo, desse posto. Esse projeto contou com a participação de diversas empresas brasileiras de consultoria, visto que a experiência nacional adquirida com usinas como a de Furnas e de Tucuruí, além da própria Itaipu, a capacitavam para isso. O vertedouro (canal artificial executado com a finalidade de conduzir com segurança a água por meio de uma barreira, em geral uma barragem, ou destinado a auxiliar na medição da vazão de um dado fluxo de água) está projetado para a capacidade de 110.000 m^3 /s, o que a torna a maior do mundo em vazão de água. A hidrelétrica permitirá à China aumentar o

fornecimento de energia hidrelétrica, essencial para a contínua expansão da indústria e dos centros urbanos.

Todo esse esquema de expansão contínua é propiciado graças a dois fatores importantes: a forte centralização da política nas mãos do PCC, que criou condições propícias para o investimento estrangeiro por meio da adoção da economia de mercado e do controle das relações de trabalho; e a mão-de-obra abundante e barata, que é razoavelmente qualificada. Esses dois, mais o fato de os recursos minerais por lá serem abundantes, criaram um ambiente propício para o rápido crescimento econômico.

Entretanto, o que pode parecer uma bênção financeira pode, quando menos se espera, tornar-se um problema. A mesma mão-deobra abundante é, ao mesmo tempo, um fator diferenciador e uma dificuldade, já que o governo tem a constante preocupação em criar oportunidades para absorver esses trabalhadores. Também são preocupações constantes dos dirigentes comunistas de lá a dependência de recursos energéticos externos, principalmente do petróleo (um dos motivos que levou o país à construção da hidrelétrica das Três Gargantas) e o enfraquecimento do controle central do PCC, que leva a uma instabilidade política. Sim, apesar de todo o esforço para manter o país com pulso firme, o partido ainda é uma entidade política, que por isso está sujeito a perda de controle central.

Absolutamente nada disso atrapalha o crescimento constante de 9,5% ao ano que o país apresenta e que leva os especialistas a preverem que, se esse ritmo continuar, a China pode ultrapassar os Estados Unidos entre 2020 e 2040. Conta o Consulado:

"Depois de 50 anos de desenvolvimento, a produção dos principais produtos industriais aumentou a um ritmo de dezenas ou até centenas vezes. Vários produtos industriais foram vendidos para todo o mundo. Desde 1996, a produção de aço, ferro, carvão, fertilizantes agrícolas e televisores tem-se mantido em primeira classificação do mundo. Em 2003, o valor acumulado das indústrias da China atingiu 53,612 trilhões de yuans, um aumento de 12,6% em comparação com o mesmo período do ano passado. Atualmente, a China pode fabricar satélites terrestres e aparelhos industriais sofisticados além de aviões, navios e autocarros. Um sistema industrial independente completo e de alto nível tecnológico foi estabelecido. De hoje em diante, a China ainda vai aplicar a estratégia de

motivar a industrialização com a informatização a fim de impulsionar o desenvolvimento econômico.”

Serviços

Falemos agora de outra área que está em franca ascensão na economia chinesa, que é a de serviços. Como quase todos os demais setores, também este começou a registrar grande crescimento a partir do final da década de 1970. Segundo os especialistas, esse crescimento se deve ao aumento desse tipo de produto cerca de 39 vezes acima do aumento anual. Para se ter uma idéia, o valor acumulado dos serviços subiu de 86,05 bilhões de renminbis para impressionantes 34,533 trilhões de renminbis por ano, ritmo considerado superior ao do volume total do Produto Interno Bruto do mesmo período.

Em 2003, houve o impacto de epidemias como a SARS (do inglês *Severe Acute Respiratory Syndrome* ou Síndrome Respiratória Aguda Grave), além de outras calamidades naturais, mas isso não afetou o constante crescimento que este setor apresentou nos últimos tempos.

Como em outros países, os serviços são o setor que mais emprega trabalhadores. Na China, são cerca de 210 milhões de pessoas (em comparação com o fim da Revolução Cultural, em 1978, que só possuía 4.890 pessoas).

Hoje os trabalhadores de serviços são a segunda maior fonte de trabalho do país, englobando negócios como restaurantes, turismo, venda no varejo, finanças, seguro, informações, transporte, publicações, legislação, contabilidade, gestão logística, entre outros. De acordo com os planos divulgados pelo PCC e pelo governo, a meta é, até 2020, aumentar um terço para mais da metade do peso do valor acumulado deste setor no PIB.

Exportações e Importações

Em artigo especialmente publicado no *site* da Câmara de Comércio e Indústria Brasil-China, o Diretor da Prática Chinesa da KPMG no Brasil, Hsieh Yuan, diz:

“A China, conhecida nos anos 70 como Dragão Adormecido, despertou e, ao longo das últimas duas décadas, apresentou atividade econômica

intensa, acumulando resultados positivos e conquistando gradativamente posições político-econômicas antes limitadas aos países do G7. Vivendo o momento mais favorável em toda sua história, a China, apesar de ainda preservar valores originados do sistema comunista, segue em direção à convergência de ações com a iniciativa privada nas esferas internacional, Estado Central, província e município. Sendo assim, verifica-se o desenvolvimento do setor de matéria-prima bruta e processada, além da aquisição de marcas globais de alta tecnologia – um exemplo é a compra da divisão de PCs da IBM pela Lenovo. Sendo assim, o sistema financeiro, focado no desenvolvimento econômico do país, adota medidas sólidas, visando os resultados a médio e longo prazo. Algo semelhante pode-se dizer a respeito da política de comércio internacional, que mesmo mantendo alguns valores protecionistas, apresenta uma equipe experiente de negociadores e defensores da quebra de barreiras comerciais. Outro ponto a favor da economia chinesa é o crescimento constante de investimentos estrangeiros no país, considerado um dos principais alvos das multinacionais.”

É claro que isso significa que uma das portas de entrada mais procuradas pelas nações que querem tirar uma fatia do Dragão Adormecido é mesmo o setor de importações e exportações. O próprio Yuan afirma, por exemplo, que seu país “apresenta reais oportunidades de negócios ao Brasil”. E não é para menos, visto que o comércio exterior avançou nos últimos anos do 32º lugar em 1978 para 15º em 1989, depois subiu para o 10º lugar em 1997 e 6º em 2001. Nesse mesmo ano, o volume de importação e exportação rompeu pela primeira vez a marca dos US$ 500 bilhões, chegando a US$ 509 bilhões (nas importações) e US$ 650 bilhões (nas exportações), o que representou um aumento de 24,7, 4,6 e 1,57 vezes em comparação ao resultado obtido durante 1978, 1989 e 1997, respectivamente.

Em 2002, o volume do comércio exterior subiu para US$ 620,77 bilhões e em 2003 alcançou a marca dos US$ 851,2 bilhões, um aumento de 37,1% em comparação com o ano anterior.

Números à parte, é importante frisar que a China mantém hoje relações comerciais com mais de 220 países e regiões do mundo todo, incluindo a Ilha de Formosa, os Estados Unidos, a União Européia, a ANSA (Associação dos Países do Sudeste Asiático), a Coréia do Sul, a Austrália, a Rússia, o Canadá, entre outros.

Isso significa que a China aproveita de formas variadas o capital estrangeiro que recebe? Com certeza sim, pois recebe dinheiro de investimentos diretos, indiretos e de empréstimos para o exterior. Entre os anos de 1990 e 2001, o país recebeu cerca de US$ 51,08 trilhões, dos quais US$ 37,8 trilhões vinham de investimentos diretos no estrangeiro.

Economia Estatal

E como ficam os investimentos que o estado faz? Para responder, precisamos dar uma espiada numa rápida notícia que foi divulgada há pouco tempo. Hu Jintao, presidente da China, pressionou por algum tempo o governo nacional para que obtivesse o *status* de economia de mercado. É claro que o Brasil concedeu o que Jintao tanto queria depois de análises cuidadosas. Mas qual é a importância disso? Isso equivale a dizer que as decisões feitas sobre investimentos e preços são comandadas por forças de mercado e sofrem pouca ou nenhuma intervenção estatal.

Na visão de Claudia Trevisan, esse reconhecimento força o Brasil a tratar a China pelas mesmas regras aplicadas a outros países com os quais realiza transações comerciais e abrir mão das facilidades que tinha para impor restrições às importações chinesas.

Diz ela:

"Quando assinou o protocolo de entrada na Organização Mundial do Comércio (OMC), em dezembro de 2001, a China aceitou ser considerada uma economia em transição por um período de quinze anos. Como era um país comunista, no qual o Estado controlava toda a economia, a suposição era que ainda havia uma série de distorções que afetavam a maneira como preços, investimentos e crédito são definidos, o que poderia ter conseqüências sobre as condições de concorrência entre os produtos chineses e os dos demais países."

Antes que algum leitor tenha um nó na cabeça, vamos esclarecer: sim, a China obteve uma enorme abertura a partir do malfadado ano de 1978, mas ainda hoje, de acordo com os complicados e longos relatórios econômicos dos especialistas, a economia chinesa ainda é dominada em parte por decisões do Estado. Entretanto, ninguém, por mais que conheça os trâmites legais ou faça PHD em economia chinesa, sabe ou pode apontar um cálculo

preciso sobre qual é a participação estatal no setor público, uma vez que há empreendimentos de difícil classificação. A julgar pelas projeções que alguns analistas arriscam, isso seria algo que giraria entre 40 e 50% do PIB.

Hoje em dia, o país conta com cerca de 146 mil empresas estatais que atuam nas mais diversas áreas. Somente em 2003, seu patrimônio do comando chegava aos US$ 1,4 trilhão, o que pode ser comparável, por exemplo, ao PIB da mesma época. Esses dados demonstram que o PCC ainda possui um trabalho hercúleo pela frente, que é desmontar a estrutura da economia estatal vigente há muito em sua sociedade.

O curioso é que, segundo o balanço financeiro daquele mesmo ano, apenas metade das estatais rendeu algum lucro e como o setor emprega cerca de 64,4 milhões de pessoas, o partido fica sem saída para resolver a questão, já que fechar as portas daquelas que não dão lucro não é tido como uma saída viável.

E não pensem vocês que o Estado não faz nada porque não quer. Segundo levantamentos estatísticos entre 1997 e 2002, cerca de 97 mil delas deixaram de existir porque foram liquidadas pelo Estado ou transferidas para sociedades particulares. E passar para a privatização na China ainda é considerado um processo bastante obscuro. Para se ter uma idéia, os ativos públicos muitas vezes vão parar no controle de gerentes e executivos que comandaram a venda dessas mesmas empresas, além de não haver leilões públicos, preço mínimo ou concorrência estabelecida, o que pode soar para nós ocidentais como um processo meio sem pé nem cabeça.

Claudia Trevisan acrescenta:

"Falta tanta transparência a este processo que o próprio governo decidiu suspendê-lo temporariamente depois de várias suspeitas de enriquecimento ilícito de ex-gerentes e funcionários que se apropriaram do patrimônio das estatais a preço de banana."

O governo decidiu criar, em 2003, uma entidade responsável pela consolidação e por gerir o patrimônio das estatais. Chama-se SASAC (*State-owned Assets Supervision and Administration Commission* ou, em português, Comissão de Supervisão e Administração de Ativos Estatais). Seu principal objetivo é transformá-las em empresas globais competitivas. A SASAC nacional administra 197 empresas que foram escolhidas por

serem consideradas estratégicas pelo PCC e já se espalha pelas províncias por meio de suas filiais.

INFRA -ESTRUTURA

Para encerrar, faltam apenas algumas linhas sobre os investimentos em infra-estrutura. Comecemos pelas rodovias. Atenta à importância da malha rodoviária, a China investiu muito nesse setor para ter atualmente 12 auto-estradas que cruzam o país, alcançando cerca de 350 mil quilômetros de extensão.

Em 2008, o sistema de linhas principais da rodovia nacional foi concluído e cidades como Pequim e Shanghai passaram a ser interligadas por auto-estradas de alto nível, o que eleva para 200 o número de cidades que se comunicam por meio delas.

No setor ferroviário também está presente a expansão. Até 2003, havia cerca de 73 mil quilômetros de extensão de linhas ferroviárias, dos quais 20 mil são de linhas duplas e 180 mil quilômetros estão eletrificados. Nesse mesmo ano foi inaugurada a primeira ferrovia que cruza o mar, a Ferrovia Yuehai, em funcionamento desde janeiro de 2003. Outro destaque é a ferrovia Qinghai-Tibete, construída em altas altitudes, que possui 1.142 quilômetros e foi concluída em 2006.

Porém, o que interessa mesmo a qualquer um que queira fazer negócios na China é o setor de tecnologia. Por exemplo, a telefonia chinesa já tem mais de 260 milhões de usuários de telefone fixo e possui um aumento de 49,08 milhões de usuários todos os anos. Em 2003, a rede de telefonia móvel cobriu todas as grandes e médias cidades chinesas e mais de duas mil pequenas cidades e distritos. Até o final daquele mesmo ano, esse número havia se elevado para 270 milhões.

Por fim, temos os números dos internautas chineses, que o último levantamento aponta ser de 100 milhões. As mesmas estatísticas dizem que o número dos chineses que passam pelo menos uma hora por semana navegando é inferior apenas ao dos norte-americanos e dos japoneses. Hoje em dia, só a China possui cerca de 300 mil *sites* no ar, número que vem crescendo constantemente desde 2001. Esse crescimento todo se deu por causa da adoção da tecnologia de cabos de fibra ótica, satélite e sistema digital. Até 2003, havia cerca de 2,7 milhões de quilômetros de cabos óticos, que logo se tornou o principal método usado para telecomunicações

informatizadas nas cidades costeiras e nas zonas mais desenvolvidas localizadas no interior do país. Hoje cerca de 90% dos municípios e distritos possuem uma rede de telecomunicação que fornece o trânsito de dados públicos.

CAPÍTULO 6
CIDADES CHINESAS

Nenhum país é completo sem suas cidades de destaque. E no caso da China há várias delas que merecem, por um motivo ou outro, ser citadas, algumas por serem pólos comerciais ou econômicos, outras pela importância turística e histórica. Todas possuem suas características sociais peculiares e algumas são mais faladas justamente por oferecerem itens que atraem a atenção dos ocidentais que, cada vez mais, se juntam aos próprios chineses no contingente turístico que domina aquele país. Afinal, para os habitantes daquele país, não há nada melhor que conhecer a terra onde eles (bem como seus antepassados, um dia) vivem.

Nossa primeira parada não poderia ser outra senão a cidade que foi escolhida para sediar as Olimpíadas de 2008: Pequim. Vejamos a seguir o que o Consulado da China tem a dizer sobre a cidade:

"Desde a fundação da Nova China, especialmente durante 20 anos, da aplicação das políticas de reforma e abertura, a cidade tem passado por grandes transformações, tornando-se cada dia mais moderna com o surgimento de muitos arranha-céus, e constante ampliação de contatos com o exterior. Atualmente, Pequim está avançando rumo uma grande metrópole internacional. A combinação de sedimentações históricas e estilos modernos atrai um número crescente de turistas internos e externos. Nos últimos anos, a cidade recebe anualmente milhões de turistas do exterior e dezenas de milhões de turistas chineses."

Para esta cidade o momento não poderia ser mais propício, já que entrou para as atenções mundiais desde 2001, quando foi eleita a sede da mais famosa competição do mundo, deixando para trás candidaturas fortes como as de Toronto (Canadá), Paris (França) e Istambul (Turquia).

Depois que ganhou a competição, a cidade se preparou para se colocar à altura da tarefa. Assim, em maio de 2007 iniciou-se a construção das 31 instalações dos Jogos Olímpicos. O governo chinês (sempre com o aval do PCC) também visou a reforma e a construção de pelo menos outros seis locais que ficam fora de Pequim (Qingdao, Hong Kong, Tianjin, Xangai e Qinhuangdao) e mais 59 centros de treinamento. Entre as maiores obras visadas para a ocasião estavam os estádios Beijing National Stadium, o Nacional Indoor, o Centro Aquático Nacional de Pequim, o Olympic Green Convention Centre, o Parque Olímpico e o Ginásio Wukesong. Por volta de 85% dos seis principais locais de competição tiveram investimentos da ordem dos 2,1 bilhões de dólares. E não pensem que os chineses só visam os jogos, pois sempre sobra a decisão do que fazer com essas estruturas depois que uma competição desse porte acaba. Mas eles já têm a solução: todas as estruturas serão usadas em futuras competições e treinamento de equipes esportivas.

Por que a cidade recebeu tanta atenção? Por certo não foi apenas por ser a capital de um país que cada vez mais chama atenção do público mundial, mas sim por ser também uma cidade que apresenta uma bagagem cultural muito forte, além das estruturas básicas para sediar uma competição assim, como segurança e vigilância.

Vejamos agora a cidade sob o ponto de vista turístico. Uma pequena lista de atrações turísticas foi divulgada pela Internet que pretende colocar Pequim como um dos principais destinos turísticos por muito mais do que o ano das Olimpíadas. Para se ter uma idéia, a lista inclui, entre outros pontos, locais como a Cidade Proibida, a Grande Muralha da China, o Templo do Céu (o maior complexo de templos taoístas da cidade, construído em 1420), o Templo do Sol (um dos quatro altares construídos para o Sol em 1530 e usado por imperadores das Dinastias Ming e Qing), o Templo de Confúcio (construído em 1320 e dedicado ao culto de Confúcio), o Parque Beihai (o local predileto dos chineses daquela cidade para a prática dos movimentos do Tai Chi Chuan ou Tai Ji Quan, no original), o Zoológico de Pequim, a Rua Wangfujing (principal rua comercial), o Shichahai (um dos pontos mais procurados para o estabelecimento de mansões ou templos numa área que inclui três lagos no norte da cidade), a Praça Tiananmen (também conhecida de Praça da Paz Celestial) e o Salão do Povo (um dos lugares mais ligados à Revolução Comunista). Assim, atrações na cidade não faltam para entreter as horas de turistas.

Essa importância toda se dá em parte pelo fato de Pequim (conhecida internacionalmente como Beijing) ser o centro político e cultural do país. Está situada ao norte da Planície de Huabei, numa localização que a coloca na mesma latitude que Roma (na Itália) e Madri (na Espanha), o que a deixa com climas semelhantes apesar da distância. As três cidades são conhecidas por terem o clima temperado continental das monções, com inverno e verão prolongados e primavera e outono curtos e secos. A temperatura média anual registrada por lá é de 11,8º C, um verdadeiro gelo para nós de países mais quentes. Os pesquisadores afirmam que o clima daquela região já foi mais quente e úmido do que é hoje.

Florestas e lagos como os de Shichahai ajudam na manutenção de grande parte das criaturas que vivem na área urbana.

Pequim possui uma história antiga que remonta há mais de 3.000 anos. Boa parte dela já foi narrada quando falamos das dinastias que reinaram na China durante o capítulo de abertura deste trabalho. Para nós, aqui, apenas importa acrescentar que a cidade já foi capital de diversos reinos que compunham a China, principalmente durante as Dinastias Qin e Han, quando assumiu a posição de uma das mais importantes cidades do norte do país. Quando a China se tornou um país unificado, as Dinastias Jin, Yuan, Ming e Qing oficializaram a cidade como a capital definitiva. Cerca de 34 imperadores viveram nela.

Se lembrarmos que o local foi ligado ao Homem de Pequim (ou *homo erectus pekinensis*), que foi descoberto próximo à cidade, sua importância histórica sobe ainda mais.

A região, pelas descobertas dos arqueólogos chineses, sempre teve uma cidade presente desde o ano de 1000 a.C., período em que a capital do Estado de Yan (um dos reinos da China ainda não unificado durante a Dinastia Zhou e o Período dos Reinos Combatentes) foi erguida em Ji, que teoricamente ficava próxima da atual Pequim, embora essa localização exata seja até hoje desconhecida. Sabe-se apenas que foi abandonada no século VI.

No período seguinte, quando as Dinastias Tang e Song reinaram, havia apenas pequenas aldeias na região. Segundo alguns estudos históricos, a última Dinastia Jin cedeu grande parte da sua área fronteiriça ao norte (incluindo a área de Pequim) para a Dinastia Liao durante o século X. Os Liao fundaram uma segunda capital chamada Nanjing (traduzida como Capital do Sul). Quando os Jin derrotaram e conquistaram os Liao e o norte

da China, uma terceira cidade foi fundada, que recebeu o nome de Zhongdu (traduzida como Capital Central). Essa cidade foi arrasada pelos mongóis de Genghis Khan e reconstruída tempos depois. Chamava-se então Grande Capital e ficava ao norte de Jin. Essa interação entre as duas cidades marca o início da Pequim contemporânea. Marco Pólo chamou a zona de Cambaluc. Aparentemente foi Genghis Khan, graças às suas aparentes pretensões ao trono da China, quem teve a idéia de localizar a capital próxima de sua origem mongol, o que serviu para realçar a importância da cidade.

Por volta de 1403, o Imperador Zhu Di (1360 – 1424), da Dinastia Ming, subiu ao trono depois de uma longa guerra civil e de ter assassinado seu próprio sobrinho. Ele então mudou a capital, que era no sul, mais para o norte e chamou-a de Beijing. Os pontos mais chamativos da cidade, como A Cidade Proibida (entre 1406 e 1420) e o Templo do Céu (1420), foram construídos mais tarde. Já a Praça da Paz Celestial, que ficaria mais famosa em nossos dias pelo triste massacre de estudantes que lá aconteceu em 1989, tem um certo histórico de conflitos: foi queimada duas vezes durante a Dinastia Ming e reconstruída por volta de 1651.

Depois que a República da China foi proclamada em 1911, a capital foi novamente alterada para a cidade de Nanquim (Nanjing no original) e Beijing tornou-se Beiping. Foi ocupada pelo Japão durante a II Guerra Sino-japonesa (entre 1937 e 1945 durante a II Guerra Mundial) e durante essa ocupação foi a capital do Comitê Executivo do Norte da China, um estado marionete que mandou e desmandou na região norte do país até a rendição do Japão aos Aliados em 1945.

Depois desses acontecimentos, houve a Guerra Civil Chinesa, quando os comunistas entraram na cidade sem confrontos violentos em 1949. Em outubro desse mesmo ano é anunciada a criação da República Popular da China pelo PCC de Mao Tse Tung.

Pequim tornou-se o gigante que é hoje após as reformas econômicas perpetradas por Deng Xiaoping, quando a zona de Guomao, onde hoje se localiza o China World Trade Center, tornou-se uma grande área comercial, tal como Wangfujing e Xidan. Outras zonas, como a de Zhongguancun, são hoje o centro principal da indústria eletrônica chinesa.

Hoje, a cidade ainda enfrenta os problemas típicos dos grandes centros urbanos, como a grande quantidade de veículos no tráfego. Embora haja muitos que usem bicicletas e motocicletas, que possuem faixas exclusivas

nas ruas, o tráfego ainda possui problemas de encontros e batidas entre carros e veículos de duas rodas.

Sobre as bicicletas, a jornalista Claudia Trevisan conta:

“Para evitar o agravamento do caos no trânsito, as cidades possuem vias separadas para as bicicletas, ao lado das destinadas aos carros. Mas isso não evita o encontro de ciclistas, pedestres e carros nos cruzamentos, com evidente desvantagem para os desprovidos de quatro rodas e maior ainda para os que não possuem nem ao menos duas.”

Também não é de se espantar, já que a China possui no total 500 milhões de bicicletas, cerca de um terço das existentes no mundo todo. Esse número corresponde a quase três vezes a população de todo o Brasil e sugere que há uma média de mais de 100 bicicletas para cada grupo de 100 famílias, segundo Trevisan. Ela ainda conta que cenas como a de um chinês no interior que levava pelo menos três carneiros vivos amarrados na garupa de sua moto são comuns e provavelmente é esse tipo de abuso que acaba causando os acidentes.

Mas não é apenas o trânsito que perturba Pequim. A poluição do ar e a destruição do patrimônio histórico com a chegada em grande escala de imigrantes de outros pontos do país também estão entre as causas de preocupação das autoridades.

O quadro abaixo traz uma breve cronologia da cidade.

Data	**Fato Histórico**
700.000 a.C.	Época do Homem de Pequim.
1045 a.C.	A cidade de Ji é fundada na região de Pequim.
226 a.C.	O Primeiro Imperador ocupa Ji.

581-618	A cidade passa a se chamar Zhuojun.
618-907	A cidade passa a se chamar Youzhou.
916-1125	Torna-se a capital de Liao com o nome de Nanjing.
1153	Torna-se a capital de Kin com o nome de Zhongdu.
1215	Cidade ocupada por Genghis Khan e chamada de Yanjing.
1272	Torna-se a capital de Yuan com o nome de Dadu.
1368	Passa a se chamar Beiping durante o Império Ming.
1403	Renomeada para Beijing.
1406	Começa a construção da Cidade Proibida.
1421	Torna-se a Capital Ming.
1564	Expande-se para o sul para assumir o atual tamanho da cidade.

1644	Torna-se a Capital Qing.
1860	Forças aliadas franco-britânicas invadem a cidade e queimam os jardins Yuanmingyuan (Jardins da Perfeita Claridade), complexo de palácios onde os imperadores Qing viviam.
1900	Forças Aliadas invadem a cidade para suprimir a Guerra dos Boxers, em que a Sociedade Secreta dos Punhos Harmoniosos e Justiceiros se opunha à dominação estrangeira e à corte Manchu.
1911	A Revolução liderada por Sun Yat Sen coloca um fim à dominação da Dinastia Qing.
1912	Fundação da República da China. O nome da cidade volta a ser Beijing.
1937	Japoneses invadem Pequim.
1945	Derrota do Japão na II Guerra Mundial.
1949	Fundação da República Popular da China.

Fonte: Beijing Official Website International .

SHANGAI

Nossa próxima parada será numa cidade que todos conhecem de nome e que muitos a confundem com a capital chinesa. Shangai (que a forma

aportuguesada deixa como Xangai) é considerada uma das mais belas do mundo e é um dos pontos turísticos mais recomendados pela Câmara do Comércio e Indústria Brasil-China.

O nome da cidade pode ser traduzido como “Sobre o Mar”. E de fato ela se situa a 31,14 graus de latitude norte e 121,29 graus de longitude leste, na parte central do litoral leste da China. É o portão de entrada para a grande bacia do rio Chang (conhecido por nós como rio Yang Tse). Também é lembrada por seus nomes antigos, Hu e Shen, e por ser um dos cenários mais usados por Hollywood nas histórias que se passam naquele país, como o famoso *A Dama de Shangai,* de Orson Welles, com sua então esposa Rita Hayworth.

A cidade é tida como um dos quatro municípios centrais da China, ou seja, está sob administração direta do governo central. As demais são Pequim, Tianjin e Zhongjing. Com um clima agradável na maior parte do ano, é um dos maiores centros econômicos e comerciais do país, com uma base industrial que atinge várias áreas de produção.

Possui uma população estimada em 13 milhões de habitantes espalhados entre as zonas urbana e rural. O exterior possui uma imagem concreta de que a cidade é uma metrópole próspera e rica em recursos humanos, o que não deixa de ser uma verdade considerandose a mão-de-obra abundante e barata.

Mas mais do que se destacar por esses aspectos, a cidade também ressalta um lado verdadeiramente curioso, o da revolução urbanística e arquitetônica pela qual vem passando nos últimos tempos. Trevisan afirma que Shangai foi escolhida pelo PCC como o cartão postal da nova economia de mercado que dominou a China nos últimos anos.

Às margens do rio Huangpu há ainda sinais de pelo menos dois instantes antagônicos da história daquele país: o esplendor econômico e o passado de humilhação por causa das imposições do domínio estrangeiro. Ela conta:

“Em Puxi, que significa ‘a oeste de Huangpu’, estão os edifícios europeus construídos no século XIX e início do XX, quando a cidade foi ocupada por potências externas, que a transformaram em seu quartelgeneral no país. Na outra margem, em Pudong, ‘a leste de Huangpu’, está a materialização da nova China, com suas torres futuristas que, iluminadas à noite, parecem integrar o cenário de Flash Gordon.”

A ascensão dessa cidade começou no fim da primeira Guerra do Ópio (ocorrida entre 1839 e 1842) quando teve que se abrir ao tráfico comercial com os países ocidentais. Não demorou muito para que assumisse o monopólio de metade do comércio externo da China, o que a levou a atingir um grande desenvolvimento urbano e demográfico. Antes que a II Guerra Mundial estourasse, era considerada o maior centro comercial do extremo oriente, com uma população estimada em cerca de 4,3 milhões de habitantes, parte chinesa e parte européia, esta última mantinha o direito de extraterritorialidade e possuía um regime jurídico próprio.

Essa situação atípica da cidade nasceu a partir dos excessos praticados pelos rebeldes *taipings* de setembro de 1853 a fevereiro de 1855, uma espécie de governo alternativo que surgiu na cidade de Nanquim e que protestava contra a presença estrangeira na cidade e o governo Manchu (só para constar, essa revolta foi sufocada com a ajuda de exércitos ocidentais). Shangai foi então internacionalizada e o serviço da alfândega marítima passou para mãos estrangeiras, uma maneira de controle administrativo que passou em 1858 para outros portos. A situação era complicada e não tardou para que gerasse uma nova tentativa de revolta pelos mesmos *taipings* , que novamente foi repelida com a ajuda de uma força que combinava voluntários e as marinhas francesa e inglesa.

Shangai logo se tornou permanentemente uma colônia cosmopolita controlada por forças estrangeiras ocidentais. Porém, esse período de neutralidade não poderia durar para sempre e desandou quando a República foi proclamada no país e algumas guerras civis estouraram logo em seguida, principalmente entre 1925 e 1926 quando uma ver dadeira onda de xenofobia [1] assolou a cidade, o que serviu de desculpa para o desembarque de forças expedicionárias estrangeiras, que se engajaram em violentos combates.

Por volta de 1930, Shangai já era um dos mais importantes e maiores portos marítimos da Ásia, com edifícios de escritórios rodeando o porto às margens do rio Huangpu, conforme observou a jornalista Trevisan.

Mas o período das invasões ainda não havia terminado. Após a rendição japonesa em 1945, foi a vez de os norte-americanos ocuparem a região a pedido de Chiang Kai Sheck, que temia que a ocupação fosse efetivada por Mao Tse Tung e suas tropas comunistas. Depois que os nacionalistas se retiraram para Taiwan em 1949 e a profunda reorganização do país começou, as condições de vida mudaram radicalmente e Shangai tornou-se

parte integrante da República Popular da China. Esse momento afetou os habitantes estrangeiros que abandonaram a cidade para refazerem seus negócios em Hong Kong.

Ao longo dos anos, Shangai tornou-se reconhecida nacional e internacionalmente por sua aparência de metrópole próspera e rica em recursos humanos. A cidade virou um ponto turístico imperdível para quem vai para a Ásia, atraindo um número cada vez maior de visitantes e participantes chineses e estrangeiros. De olho nessas pessoas e no potencial comercial delas, são realizados vários eventos turísticos que atraem grandes multidões, como o Festival de Turismo de Shangai, a Feira Anual do Templo Longhua (o maior e mais ativo templo budista da cidade), a Festa de Ano Novo Lunar (realizada no mesmo templo), a Festa da Flor do Pessegueiro (que acontece no Subdistrito de Nahui), o Festival do Jasmim Fragrante, o Festival Internacional do Chá e a Festa da Laranja, apenas para citar algumas atrações.

Essa riqueza aparente possui uma fonte em comum: a produção industrial, um recurso maior até do que a renda gerada com as trocas comerciais que a cidade realiza com os países do exterior. As principais indústrias que lá estão estabelecidas trabalham no ramo de maquinaria, mecânica (principalmente para o mercado das bicicletas), têxteis (como seda, lã e algodão), eletrônica, borracha, couro e alimentos. Também possui grandes instalações siderúrgicas, metalúrgicas e químicas, que fabricam produtos como fertilizantes, plásticos e tintas.

Pela grande variedade de indústrias, as lojas e estabelecimentos comerciais da cidade constituem-se em verdadeiros paraísos para aqueles que adoram comprar. Os principais pontos de compra são a Avenida Nanjing (o ponto considerado o número um em termos de compra), a Huaihai, a Jiling e a Sichuan, entre outras. Tanto estas quanto as que pertencem ao Pudong são bem iluminadas e possuem grandes letreiros multicoloridos, com estoques capazes de satisfazer os mais exigentes consumidores.

Mas não é só do comércio que vive a fama da cidade. Shangai também é famosa por sua comida, com mais de mil restaurantes que servem 16 dos estilos culinários chineses além da cozinha internacional como a francesa, a russa, a italiana, a inglesa, a alemã, a japonesa, a indiana, a muçulmana e a vegetariana, entre outras variedades.

Shangai também possui excelentes transportes aéreos e marítimos, reconhecidos mundialmente por sua eficiência, rapidez e qualidade. Para se ter uma idéia, uma das atrações mais interessantes de lá é o moderno trem-bala (chamado Maglev), que percorre seu trajeto sobre um colchão magnético no percurso entre o aeroporto e o centro da cidade em poucos minutos. Trevisan observa que o trem-bala tem custo alto e é considerado economicamente inviável, tanto que não foi adotado em nenhum outro local do mundo para fins comerciais. A jornalista acrescenta:

"Na China nem sempre a lógica capitalista orienta as decisões. O governo de Shangai banca o prejuízo e o Maglev continua a percorrer seu trajeto de trinta quilômetros em sete minutos e meio. A sensação de extravagância é reforçada pelo fato de o destino final do trem refrescar pouco a vida dos viajantes, que desembarcam em Pudong a cinco paradas de metrô do centro de Shangai, em Puxi, do outro lado do rio."

Essa terra de prosperidade visível e quase palpável foi aberta aos investimentos estrangeiros apenas em 1985. Até 1990, a região onde hoje se vê o Pudong era uma zona totalmente agrícola e ocupada por plantações, mangues e criações de animais. Essa região passou a ganhar o status de zona econômica especial pouco tempo depois. E todos, absolutamente todos os detalhes estão sob o controle rígido do PCC. Enquanto Pequim se preocupa com as Olimpíadas, Shangai passa por transformações semelhantes em sua estrutura urbana para sediar a Exposição Mundial de 2010 com investimentos em infra-estrutura da ordem dos 48 bilhões de dólares. Essas mudanças podem ser vistas em maquetes especiais expostas no Museu de Planejamento Urbano de Shangai, na Praça do Povo, em Puxi.

XIAN

Para quem nunca esteve na China é difícil escolher para onde ir uma vez que já se encontra fora dos limites de Pequim ou de Shangai. Por isso, o melhor mesmo é fazermos um resumo de algumas das cidades mais comentadas pelos turistas e preferidas por aqueles que passaram férias ou foram lá a negócios. Lembramos apenas que as cidades apresentadas a seguir são um misto de pontos turísticos com culturais e até algumas são

consideradas pontos de negócios. Mas o melhor mesmo é que todas elas têm muito a oferecer dentro da enorme variedade cultural que é a China.

Comecemos por Xian, a cidade perto da qual estão os túmulos do Vale dos Imperadores e onde foram encontradas as estátuas de terracota dos exércitos de Qin Shi Huang Di e de Jing Di. Xian é a capital da província Shaanxi, que fica na região noroeste do país numa área muito elevada e espaçosa, posição que era vista na antiguidade como reservada apenas para aqueles que tinham uma posição nobre. E foi apenas por esse detalhe que a cidade foi escolhida como capital por doze reinos antigos.

Em um passeio pela cidade, que aos poucos se tornou um importante sítio arqueológico (apesar das proibições de escavações nos túmulos dos imperadores), pode-se observar todo o charme de sua história milenar. Além das escavações e estátuas de guerreiros, pode-se observar a Ópera de Shaanxi, a muralha e o canal que continuam protegendo silencio samente a cidade. A muralha possui 14 quilômetros e já existia desde a época da Dinastia Tang há cerca de dois mil anos. Foi reforçada depois pela Dinastia Ming há cerca de 600 anos. Xian é uma das poucas cidades que ainda hoje conserva sua muralha intocada e o melhor é que esta maravilha arquitetônica não afeta de maneira nenhuma o trânsito da cidade, cujos veículos em baixa velocidade entram e saem ao atravessar um arco da muralha. Curiosamente, a muralha, na época dos Tang, era feita de barro quando, reforçada pelos Ming, foram colados tijolos pretos com arroz glutinoso no exterior para que ficasse mais sólida.

A cidade possui no total quatro portas. A do sul é chamada de Porta da Tranqüilidade Eterna, enquanto a do Norte é a Porta da Segurança, a do leste a Porta da Alegria Eterna e a do oeste a Porta da Estabilidade. Todos os nomes foram cuidadosamente escolhidos para trazer boa sorte à cidade. A bandeira que tremula acima da muralha representa a austeridade do poder imperial, uma vez que era a partir dela que passavam as tropas do governo em revista.

Além da muralha, há pelo menos duas outras construções simbólicas que merecem ser citadas, que são a Torre do Sino e a Torre do Tambor. Uma está virada para a outra na praça do centro da cidade há mais de 600 anos. São consideradas as maiores torres existentes da China e são donas de uma imponência que não perderam mesmo depois que os grandes arranha-céus surgiram em Xian. Têm esses nomes porque a cidade costumava saudar o amanhecer ao som dos sinos e o entardecer ao som dos tambores.

Durante a Festa da Primavera, evento que é realizado anualmente, a TV Central costuma transmitir o som do sino da dita torre aos chineses de todo mundo, pois seu som significa que o ano novo chinês está começando e dessa maneira transmitem-se votos positivos.

Ao sul da cidade, há o chamado Bosque das Lápides, onde é conservado um grande número desses marcos em pedra que contém preciosas inscrições históricas. Aparentemente, a idéia da criação desse espaço remonta ao ano 1090, durante o reinado dos Song, e tinha por função conservar os *Treze Clássicos,* considerados como os mais antigos documentos literários chineses que datam do segundo milênio antes de Cristo e são uma coletânea de poemas populares transmiti dos pela tradição. Os livros mais importantes que foram compostos numa época anterior à era cristã foram reunidos em treze volumes, que receberam esse nome.

No que tange ao Bosque das Lápides, parece que lá há cerca de 2.300 lápides, em que algumas delas correspondem ao registro dos Treze Clássicos, além de haver outras comemorativas, como uma que relembra a fundação de uma igreja cristã ocorrida no ano de 781, com inscrições em chinês e em assírio.

Essas lápides são originárias de um antigo costume em que os chineses registravam as obras de escritores e poetas famosos, além de grandes acontecimentos, na esperança de que aquelas enormes estruturas de pedra pudessem perpetuar os assuntos lá gravados, algo bastante parecido com o que faziam com as estelas egípcias. O tal bosque concentra em si os manuscritos de todos os famosos calígrafos chineses ao longo da história. Lá se pode estudar em detalhes a evolução da escrita chinesa e o desenvolvimento de sua caligrafia.

LHAÇA

Vamos agora para a cidade de Lhaça, a capital da Região Autônoma do Tibete. Ocupa uma área total de 29.052 km [2] e está situada ao norte da Cordilheira do Himalaia.

Quando se fala dessa região, a imagem que nos vem à cabeça é de uma região em que as baixas temperaturas reinam supremas. Porém, na vida real, a coisa é bem diferente. Em Lhaça (que é traduzida como “Lugar onde Habitam os Imortais”) predomina o tempo bom, com pouca chuva, e não faz muito frio durante o inverno ou muito calor no verão. A temperatura

média anual é de 7,4o C [2] com precipitações pluviométricas anuais de 500 mm que acontecem principalmente durante os meses de julho, agosto e setembro. O que realmente chama a atenção é o fato de que a luz solar deve atingir a impressionante marca das três mil horas por ano, o que lhe concede o título de Cidade da Luz Solar e a torna um destino ideal para veraneio. E isso tudo apesar de a cidade estar localizada no Planalto Qinghai-Tibet, o chamado "Teto do Mundo", numa altitude média de 3.600 metros acima do nível do mar.

Parece ser bastante simpática, mas possui algumas desvantagens, principalmente para quem vai lá pela primeira vez. Por exemplo, todos reclamam numa primeira vez de dores de cabeça e de dificuldade de respiração. Tanto que o próprio governo local recomenda que, na primeira vez, o visitante descanse para se adaptar ao ambiente. Os melhores meses em que a cidade recebe seu fluxo de visitantes é entre abril e outubro.

CANTÃO

Pequim pode ser a sede dos Jogos Olímpicos, mas Cantão, a exemplo de Shangai, está também de olho num evento internacional, desta vez os Jogos Asiáticos de 2010, o mais importante evento esportivo exclusivo para atletas asiáticos. Até o fechamento deste livro não havia sido divulgado o investimento financeiro, mas calcula-se que seja algo tão grandioso quanto o aplicado para Pequim ou Shangai [3] .

Cantão (chamada de Guangzhou, no original) é uma cidade localizada no sul China. É a capital da província de Guangdong e possui cerca de 5,7 milhões de habitantes. O nome de Cantão vem de uma designação antiga dada pelos ingleses e que se tornou padrão para os ocidentais, que se originou possivelmente de uma tentativa de aportuguesamento ou de um processo de tornar o nome mais fácil segundo a língua francesa.

A cidade em si é um importante porto localizado no rio das Pérolas, o terceiro maior do país. Por ele dá para se chegar até o mar da China Meridional. Segundo o censo de 2000, a cidade tinha uma população de 6 milhões de habitantes. Hoje estima-se que esse número tenha subido para pelo menos 8,5 milhões, o que a tornaria a cidade mais populosa da província e a terceira área metropolitana mais populosa da China.

Segundo a Câmara de Comércio e Indústria Brasil-China:

“Guangzhou, capital da província de Guangdong, é um dos mais importantes meios de entrada para a China assim como Shangai e a capital Beijing. É um exemplo da China moderna com política indiscutível e uma economia de peso. Sua história pode ser traçada desde 2.200 anos atrás, quando um militar fundou o reino independente de Kayne no subúrbio Panyu. Sendo a rota marítima da seda o ponto de partida, Guangzhou teve contato direto com o ocidente por mais de dois mil anos, o que faz o povo da cidade ser indiferente aos assuntos ocidentais.”

Alguns dos pontos mais interessantes da história de Cantão são, por exemplo, que a cidade se tornou parte do Império da China por volta do século III a.C. e que comerciava com a Índia e a Arábia já durante a Idade Média.

O monopólio do comércio com esse porto era de propriedade dos portugueses em 1511. Foi apenas a partir do século seguinte que os ingleses obtiveram autorização para negociação, que depois foi seguida por franceses e holandeses no século posterior. Após a I Guerra do Ópio, em 842, o comércio deixou de ser restrito e foi autorizado para que uma concessão franco-britânica fosse estabelecida entre os anos de 1856 e 1946.

Um dos eventos mais divulgados e que envolve aquela cidade é a chamada Feira de Cantão. Trata-se de uma feira multissetorial inaugurada em 1957 que apresenta mercadorias para exportação e é considerada a maior e mais importante do país. É lá que uma grande variedade de expositores oferece mais de 100 mil tipos de produtos com qualidade e preços altamente competitivos. A feira possui duas edições por ano, que são divididas em duas fases cada e conta com a participação de aproximadamente 200 países, cerca de 200 mil visitantes e 14 mil expositores. Além dos produtos expostos, a feira é considerada uma excelente oportunidade para os visitantes estabelecerem cooperação técnica com os expositores, além de disponibilizar serviços como inspeção de mercadorias, seguros, transporte, entre outros.

“Desconfiança, temor ou antipatia por pessoas estranhas ao meio daqueles que os ajuíza, ou pelo que é incomum ou vem de fora do país; xenofobismo.” (*Dicionário Eletrônico Houaiss de Língua Portuguesa*)

Para a realidade chinesa 7,4º C realmente não é tão frio, diferente do nosso ponto de vista.

Os valores aplicados a Pequim e Shangai giram em torno de 2,1 bilhões de dólares, como citado anteriormente.

CAPÍTULO 7
O COMUNISMO CHINÊS

É muito difícil falar sobre a China sem citar a importância que o sistema comunista teve ali. Se hoje o país é uma potência comparável às maiores do lado ocidental, muito dessa evolução se deu por causa do comunismo chinês.

Para que possamos entender bem essa evolução é necessário termos alguns dados em mente. A jornalista Claudia Trevisan, que viveu um tempo por lá, conta que o país viveu um momento de euforia com a conversão às regras do mercado consumidor. Hoje já é possível encontrar as grandes marcas dos mais diversos setores da economia (de um McDonald's a um Hotel Sheridan) operando por lá, o que mostra que o país está, de fato, mais aberto ao conceito da globalização, mas que, a maioria, que se deixa levar por toda essa aparência, esquece-se que "o processo de transformação do país foi iniciado e é conduzido com mão de ferro pelo Partido Comunista".

Para os ocidentais, acostumados com a propaganda negativa gerada pela época da Guerra Fria e dos constantes ataques dos Estados Unidos à Cuba, é normal pensar que o comunismo de fato é um siste ma mais prejudicial do que benéfico. Isso não significa que os "vermelhos" são um sistema perfeito (como a maioria deles não o é), mas o sucesso comercial chinês é uma prova de que basta uma compreensão completa de seus princípios para obter bons resultados.

Diz a jornalista:

"Não é fácil especular sobre os caminhos que a História teria percorrido se o país não mudasse de rumo (com relação à abertura para o exterior), mas o fato é que o PCC (Partido Comunista Chinês) é o principal sobrevivente do terremoto que se abateu sobre a ex-União Soviética e o leste europeu no fim dos anos 1980 e princípio dos 1990."

Esse ponto de vista é contestado por muitos pesquisadores. Não o fato de que foi importante para a China se abrir para a globalização, mas sim de que o comunismo de lá influenciou seu desenvolvimento. Vejamos o que diz esta notícia, que é da BBC de Londres e foi publicada em 2002:

"Depois de duas décadas de reformas econômicas, o comunismo na China é apenas de fachada; nem mesmo os integrantes do Partido Comunista acreditam na filosofia implantada no país após a revolução de 1949, liderada por Mao Tse Tung. A opinião é do historiador e pesquisador da Universidade de Pequim, Eric Vanden Bussche, um brasileiro que vive há cinco anos na China e, fluente em mandarim, sabe como poucos do que está falando. Para ele, apesar de as reformas terem transformado a economia chinesa, o país ainda não está preparado para a democracia."

Teria a situação mudado tanto assim no país em alguns anos única e exclusivamente por causa dos Jogos Olímpicos de 2008? A opinião de Bussche não bate com a de Trevisan, que percorre as páginas de sua já citada obra exaltando os aspectos da evolução e da organização do comunismo chinês.

Para poder avaliar melhor esse e outros quesitos, é necessário fazermos uma pequena viagem no tempo para entendermos as circunstâncias pelas quais o comunismo entrou na China. Todos com certeza já ouviram falar na figura principal dos "vermelhos chineses", como são conhecidos em alguns textos especializados Mao Tse Tung e sua Revolução Cultural. Odiado por uns e exaltado por outros, a figura desse líder, como acontece com a maioria dos líderes comunistas, não atinge uma unanimidade entre as pessoas. Mas ninguém nega que esse foi uma espécie de "mal necessário" para o desenvolvimento do país.

Tudo começa no início do século passado. A China era vista como uma nação decadente, um país que não refletia de forma alguma seu glorioso passado imperial. O controle vinha de fora, mais precisamente da Europa, cujas nações a retalharam e humilharam seu povo de muitas formas. Imaginem, por exemplo, um país com 400 milhões de habitantes e alguns estrangeiros onde, em locais públicos, viam-se placas com dizeres do tipo "É proibida a entrada de cães e de chineses no jardim."

A dominação do estrangeiro era total. Isso acontecia principalmente porque os europeus contavam com uma propaganda massiva interna e a

conivência dos imperadores chineses da Dinastia Manchu (um outro nome para a Dinastia Qing), que dominavam o país desde o século XVII. Essa dominação do estrangeiro era tanta, porque as nações, que bancavam as imperialistas, contavam com uma propaganda massiva interna e a conivência dos imperadores chineses da Dinastia Manchu (o outro nome para a Dinastia Qing), que dominavam o país desde o século XVII. Esses imperadores pareciam não se importar em absoluto com o fato de que o país estava muito atrasado e que entregava suas riquezas para a elite e para os exploradores estrangeiros. De fato, há registros que indicam que os chineses cultivavam muito arroz, mas não só não comiam grande parte do que plantavam como também contavam os grãos para preencher seus pratos.

É importante lembrar que o contexto histórico que levou à Revolução Chinesa não foi algo que começou do nada. O totalitarismo encontrou um campo fértil para crescer por lá porque o povo estava completamente sem auto-estima, uma característica que também se deparou em outros países que receberam ditadores de braços abertos, como a Alemanha de Adolf Hitler ou a Rússia de Josef Stalin. Mao pode ter sido um governante que abriu as portas para o desenvolvimento do país, mas a verdade é que a passagem dele, de Hitler e de Stalin pelo poder custou ao projeto de construção de nações igualitárias (um objetivo em comum no caso dos três nomes citados) mais de 100 milhões de vidas no século passado.

Mao Tse Tung

Mas quem era essa figura que foi tão importante para o crescimento chinês? Vamos conhecer um pouco sobre sua vida.

O teórico marxista, político, revolucionário, poeta, soldado e governante comunista nasceu em 26 de dezembro de 1893 na aldeia de Shaoshan, localizada na província de Hunan. Era filho de camponeses e freqüentou a escola até os 13 anos de idade, quando a deixou para trabalhar como lavrador. Esse tipo de vida era muito desgastante para ele, uma vez que entrava em conflitos pessoais com seu pai, o que o fez sair de casa para estudar na capital da província, Changsha. Foi lá que conheceu as idéias políticas ocidentais e tomou contato com o líder nacionalista Sun Yat-Sen, que hoje é conhecido como o pai da China moderna.

A partir de outubro de 1911, começou a Revolução que se manifestava contra a Dinastia Manchu, que ficou conhecida como Revolução Xinhai (ou Revolução Hsinhai), nome retirado do ano chinês de Xinhai, que era o corrente. O movimento marcou o fim da última dinastia imperial.

Esses conflitos chegaram até a província de Hunan e Mao decidiu se alistar como soldado no exército revolucionário e lá permaneceu até a proclamação da República Chinesa, em 1912. Nos seis anos seguintes, estudou na Escola Normal de Hunan, onde aprendeu filosofia, história e literatura chinesa. Seu empenho para a absorção de conhecimento nessas áreas foi essencial para sua formação e logo se tornou um líder estudantil com participação em várias associações.

O passo seguinte foi se mudar para Pequim, em 1919, e foi naquela cidade que começou seus estudos universitários em Filosofia e Pedagogia. Arrumou um trabalho na Biblioteca Universitária e logo travou contato com Chen Tu Hsiu e Li Ta Chao, fundadores do Partido Comunista Chinês (PCC) (veremos mais para frente detalhes sobre o partido).

Chegamos ao chamado Movimento Quatro de Maio, que foi importante para o desenvolvimento da China comunista. Vejamos o que o historiador Voltaire Schilling diz sobre o assunto:

“Outro fator de grande importância no desenvolvimento da história revolucionária da China foi a I Guerra Mundial. Em 14 de agosto de 1917, os chineses declaram guerra à Alemanha na esperança de contar com a colaboração das potências colônias no período pós-guerra. Solicitavam que a) as grandes potências renunciassem às suas esferas de influências na China, b) as tropas estrangeiras fossem retiradas, c) lhes fossem abolidas a jurisdição consular e os correios postais estrangeiros e, por último, d) lhes fossem devolvidas as concessões e territórios arrendados, bem como a restituição das alfândegas. No grande tratado de Paris de 1919, acertado entre vencedores e derrotados da I Guerra Mundial, as demandas chinesas para pôr fim ao estatuto semicolonial em que a China se encontrava não foram aceitas, pois a Inglaterra, a França e o Japão negaram-se a acatá-las, apesar de elas terem o apoio do Presidente Wilson.”

Assim, o fracasso dos diplomatas chineses na Conferência de Paz de Paris provocou grandes manifestações estudantis em Pequim, todas elas contra a dominação estrangeira e a incompetência do governo chinês. Tudo

era um reflexo de uma explosão social iniciada em 1919 e que terminou por atingir várias regiões do país. A massa dos manifestantes nesse caso era representada por estudantes, jornaleiros, artesãos e trabalhadores.

Diante de tamanha repercussão, os ministros chineses viram-se obrigados e renunciar e a China ficou de fora do Tratado de Paz. Na prática, de acordo com os acadêmicos ocidentais, isso não influenciou muito a situação do país, mas os acadêmicos orientais discordam e apontam o movimento como "o marco da grande marcha rumo à libertação nacional". Foi exatamente essa rebelião estudantil e operária que gerou o radicalismo político que exerceu grande influência cultural por meio de sua exagerada crítica ao confucionismo e ao imobilismo social da China.

Era uma situação em que os valores antigos tão prezados pelos chineses estavam em declínio. A nova geração queria ceder ao país condições teóricas e culturais para que "superassem a mediocridade e a paralisia em que se encontrava", de acordo com texto propagado na época.

Não foi de se espantar quando os historiadores se depararam com a participação de Mao nesse movimento. Ele havia assumido uma postura de ser contra a entrega ao Japão de regiões chinesas que haviam ficado em poder da Alemanha e incitava os colegas a apoiarem essa perspectiva. Em função disso aderiu finalmente ao marxismo-leninismo.

Após a fundação do PCC, da qual Mao participou, ficou à frente do partido nos primeiros anos e insistiu na adoção de uma posição contra a linha pró-soviética dominante e confiava plenamente no potencial revolucionário dos trabalhadores camponeses, conforme pôde ser visto no chamado Inquérito sobre o Movimento Camponês em Hunan, datado de 1927.

Daqui para frente, temos uma sucessão de fatos que ajudaram na instabilidade política. A principal delas foi a oposição de Chiang Kai Shek, representante do Kuomintang, um partido político definido como conservador. O político já era muito conhecido do público em geral por ter comandado a Expedição do Norte, uma espécie de movimento que tinha por objetivo unificar a China contra os Senhores da Guerra, pessoas que dominavam algumas das regiões do país. Tornou-se o líder da República da China em 1928. De fato, Kai Shek foi o principal artífice da reunificação chinesa depois da queda do sistema feudal, além de ser uma figura até certo ponto carismática, afinal havia lutado ao lado dos grupos revolucionários que derrotaram a Dinastia Manchu e proclamaram a república.

Kai Shek uniu-se ao Partido Nacionalista de Sun Yat-sen, o Kuomintang, e esteve em Moscou em 1923, quando teve acesso a estudos sobre estratégia militar. Quando voltou à China tornou-se diretor da Academia Militar de Huangpu, em que foi assessorado por conselheiros soviéticos e por Chu En-lai, membro do recém-criado PCC que pertencia ao Kuomintang. Kai Shek assumiu a direção do Kuomintang após a morte de Sun, em 1925, quando começou a fazer uma série de duros ataques aos comunistas. Esse confronto culminou no Massacre de Shangai, em julho de 1927, quando cerca de vinte mil comunistas e trabalhadores foram massacrados.

Enquanto esses problemas aconteciam, houve a Grande Expedição, que terminou com a entrada de Kai Shek em Pequim e o estabelecimento de um governo nacionalista na cidade de Nanquim.

Porém, esse distanciamento não poderia durar muito, já que um outro problema, a ocupação da Manchúria pelos japoneses, estava em pleno andamento. Para evitar que os japoneses avançassem a partir do norte, Kai Shek sentiu-se obrigado a se aliar novamente com os comunistas em 1937. O inimigo em comum só deixou de sê-lo depois que o Japão perdeu a II Guerra Mundial para os Aliados. Foi quando comunistas e nacionalistas voltaram a se enfrentar. Em 1949, derrotado, Kai Shek e os nacionalistas fugiram para a Ilha de Formosa, onde fundou a República Nacional da China (também conhecida como República da China Nacionalista), da qual foi presidente até morrer, em 1975.

Logo após a primeira ruptura com o Kuomintang, Mao organizou um movimento revolucionário nas províncias de Hunan e Jiangxi, onde fundou em 1931 um soviete (conselhos constituídos pelos delegados dos trabalhadores, dos camponeses e dos soldados com função de órgão deliberativo) que se defendeu dos ataques com táticas de guerrilha.

Avancemos agora para o ano de 1934 em que, no mês de outubro, Mao e seu exército rompem o cerco imposto pelo Kuomintang e vão para o norte do país, onde começam a chamada Grande Marcha, que foi uma retirada das tropas do Partido Comunista Chinês (conhecidas como Exército de Libertação Popular) para fugir à perseguição do exército do Kuomintang. Esse exército, liderado por Mao e Zhou Enlai (um dos muitos líderes do PCC), era composto por cerca de 100 mil homens, dos quais 30 mil eram soldados e 70 mil camponeses. A marcha avançou até Yanan, na província de Saanxi, num gesto que marcou a história do comunismo chinês, pois

reafirmou a independência do PCC em relação ao Kuomintang e tornou Mao a figura dominante do partido.

Em julho de 1937, inicia-se o Incidente da Ponte de Marco Pólo (também chamado de Incidente Lugouqiao), uma batalha ocorrida entre chineses e japoneses em junho de 1937, que marca oficialmente o início da II Guerra Sino-japonesa entre a República da China e o Império do Japão e o início da II Guerra Mundial na Ásia. Enquanto esses acontecimentos se desenrolam, Mao passa o tempo entre 1936 e 1940 fazendo oposição aos comunistas pró-soviéticos e consegue impor seu ponto de vista, afastando assim os oponentes que ainda resistem dentro do partido.

Quando a II Guerra Mundial caminha para o seu fim, em 1945, Mao é confirmado como chefe do PCC e é nomeado presidente do Comitê Central. Assim, quando o conflito mundial termina de vez, o exército revolucionário já contava com cerca de um milhão de soldados e 90 milhões de chineses estavam sob o controle dos chineses.

No ano seguinte, em 1946, estoura a guerra civil entre nacionalistas e comunistas. Com a derrota dos seguidores de Kai Shek e sua fuga para Formosa, a República Popular da China é proclamada em 1º de outubro na Praça Tiananmen, em Pequim, e Mao torna-se presidente da República em dezembro.

Quando a Nova Constituição é promulgada em 1954, Mao inicia a transição socialista que tornou a China a terceira potência mundial, atrás apenas dos Estados Unidos e da então União Soviética. Mao manteve-se fiel à idéia do desenvolvimento da luta de classes e tentou em vão, entre 1956 e 1957, dar ao conceito um novo impulso por meio da liberdade de expressão durante a chamada Campanha das Cem Flores, também conhecida como Desabrochar de Cem Flores, que teve esse nome por causa do *slogan* “Que flores de todos os tipos desabrochem, que diversas escolas de pensamento se enfrentem!” Essa campanha visava evitar que o país se tornasse dependente de uma única escola de pensamento, um fato que estaria completamente em desacordo com as tradições locais. Os primeiros passos da campanha envolviam apenas burocratas locais e suas queixas em relação a problemas da burocracia central do partido. A partir de 1956, tornou-se mais ampla e foi aberta a qualquer pessoa que fosse ou um intelectual ou um crítico do governo.

Entre 1957 e 1958, foi iniciada a política de desenvolvimento chamada de Grande Salto para Frente, que seria baseada na industrialização

associada à coletivização agrária. Essa campanha duraria de 1958 a 1961 e deu resultados que não agradaram a todos. Segundo artigo da Revista *IstoÉ*, publicado em 1999, "no Grande Salto para Frente, Mao Tse Tung mergulhou a China num desastroso programa de comunicação da agricultura que resultou na morte de milhões de camponeses".

Analistas históricos afirmam que o "Grande Salto" provocou tamanho caos econômico que teve de ser abandonado. Estima-se, para se ter uma idéia, que o custo em vidas humanas gerou a fome mais mortífera da história da humanidade: cerca de 43 milhões de vidas, período de escassez de alimentos que beirava o Apocalipse.

A Revolução Cultural

A esta altura, o líder comunista já apresentava sinais de sua megalomania e não se deixou animar. Apesar de estar cada vez mais isolado em seu próprio partido, resolveu em 1966 lançar mais uma campanha considerada bizarra e dirigida contra os intelectuais e funcionários do partido que, segundo ele, queriam conduzir a China para o mesmo objetivo levado pela União Soviética, à qual ele continuava a se opor. Começou ao recrutar jovens para a chamada Guarda Vermelha, o braço principal da Revolução Cultural.

A Revolução (que também ganharia a alcunha de Grande Revolução Cultural Proletária) ocorreu entre os anos de 1966 e 1976 e foi realizada por estudantes e trabalhadores, que se posicionavam contra a burocracia que tomava conta do PCC. Essa repressão toda terminou por enfraquecer o poder que os inimigos de Mao possuíam.

Nos três primeiros anos da Revolução houve a formação de comitês revolucionários, que seriam as bases da Guarda Vermelha e tinham componentes das diversas forças militares do país (havia militares, camponeses, elementos do partido e até do governo envolvidos). Todos tinham por missão tomar o poder em que fosse necessário. Alegando que possuíam alguns dos "inimigos da Revolução", os estabelecimentos de ensino superior foram desativados em todo o país.

O escritor e ensaísta belga Simon Leys afirma que "a Revolução Cultural, que de revolucionária só teve o nome, e de cultural só o pretexto tático inicial, foi uma luta pelo poder travada na cúpula en tre um punhado

de indivíduos, por trás da cortina de fumaça de um movimento de massa fictício".

No geral, a Revolução tencionava manter o fervor revolucionário num estado constante de luta e superação, sem os quais a Revolução Comunista estaria fadada ao fracasso. Mao colocou em si mesmo, inclusive, o apelido de Grande Timoneiro.

Essa Revolução queria tornar cada unidade econômica chinesa (como fazendas e fábricas) em unidades de estudo e reconstrução do comunismo. Enfim, era uma tentativa de redescobrimento do comunismo em que cada unidade que participava deveria se concentrar em expandir a coletivização para o campo das idéias, um conceito que encontrava nos meios acadêmicos certa resistência, já que estes acreditavam que isso só seria possível de ser feito em centros específicos.

Para Mao, entretanto, a próxima fase da Revolução Chinesa deveria levar os conceitos econômicos a patamares ideológicos diretamente para dentro da alma do cidadão chinês.

O primeiro comitê desta nova Revolução foi formado em 29 de maio de 1966 na Universidade Tsinghua. Seu objetivo, entretanto, tornou-se logo bem mais claro: expurgar e eliminar as oposições ao presidente chinês.

Em 1º de agosto daquele ano, os dirigentes da República Popular da China aprovaram uma lei chamada "Decisões acerca da Grande Revolução Cultural Proletária", que posicionava o governo no apoio aos expurgos de intelectuais reacionários e imperialistas. Expurgos estes, claros, que foram executados pela Guarda Vermelha e que terminaram por ocorrer aos milhares.

Por cerca de quatro anos, a Guarda Vermelha expandiu sua autoridade e acelerou as execuções dos expurgos. A entidade logo se tornou a principal autoridade do país e responsável pela proteção do regime contra os "reacionários burgueses". E aqueles que caíam no desagrado desses guardas eram punidos de maneira criativa como, por exemplo, ser enviado para realizar trabalhos braçais e, assim, conhecer as tarefas diárias dos mais simples.

Enquanto Mao e seus seguidores eram duramente criticados pela iniciativa da Revolução Cultural, principalmente numa peça chama da *Hai Rui Ba Guan* ou *Hai Rui Demitido do Governo*, que mostrava de maneira satírica o conflito entre Mao e Peng Dehuai, um dos dirigentes do PCC que fora expulso por criticar a campanha do Grande Salto para Frente, revertiam

as críticas por meio de uma série de artigos que defendiam o presidente, o que terminou por caracterizar a época num "culto de personalidade" (nome dado a uma estratégia de propaganda política comum em regimes autoritários, baseada na exaltação das virtudes reais ou supostas do governante em questão, bem como da divulgação positivista e inventiva de sua figura).

Se por um lado era complicado sobreviver num ambiente desses, por outro as coisas pareciam mais apertadas ainda, pois os expurgos continuavam e eram inclusive acompanhados de rituais estranhos de humilhação. Num deles, os contra-revolucionários vestiam túnicas e eram levados às ruas com cartazes no pescoço e linchados por multidões incitadas pela Guarda Vermelha. Foi num desses eventos que Peng Dehuai foi humilhado e linchado.

O ano de 1967 viu acontecer a chamada Tempestade de Shangia, que tomou o poder na cidade de mesmo nome e colocou o controle na mão de um comitê revolucionário. Esse ato mostrou que a Revolução Cultural não estava para brincadeiras e preocupou aqueles que não apoiariam o movimento. Para fugir de qualquer tipo de perseguição, a única maneira segura era se envolver em algum tipo de atividade ligada à própria Revolução, embora mesmo nesse caso o perigo de ser "expurgado" não estava de todo afastado.

A partir de 1968, Mao foi praticamente elevado à condição de "deus vivo" e o "culto de personalidade" baseado nele ganhou proporções ainda maiores. Foi quando o *Livro Vermelho* , que continha citações do presidente e que havia sido lançado originalmente em 1964, passou a ditar todas as regras da vida chinesa.

Os dirigentes do PCC perceberam que a situação estava fora de controle e para contê-la decidiram desmantelar a Guarda Vermelha com o expurgo de alguns oficiais e o envio para trabalho nos campos de outros. Muitos dirigentes temiam as providências que Mao pudesse tomar em relação a qualquer um que tivesse grande influência no partido além dele.

Quando Mao morreu, em 1976, a Revolução Cultural terminou. O poder foi para as mãos de Hua Guofeng, que, apesar de ter recebido a confiança de Mao, tomou providências graves logo ao assumir e mandou prender os seguidores do falecido presidente, num episódio que recebeu o nome de A Camarilha dos Quatro. Os quatro em questão eram Jiang Qing (esposa de Mao), Zhang Chunqiao, Wang Hongwen e Yao Wenyuan, todos acusados

de terem promovido os excessos da Revolução Cultural. O julgamento dos componentes desse grupo aconteceu em 1980 e condenou os dois primeiros à pena de morte (depois alterada para prisão perpétua) e os dois últimos a vinte anos de prisão.

O Partido Comunista da China

Vejamos a seguir como o Consulado da China define seu principal partido em texto de autoria do Consulado:

"O Partido Comunista da China é uma pioneira vanguarda da classe operária do povo chinês e da nação chinesa. Sendo o núcleo dirigente da causa socialista de tipo chinês, o Partido Comunista da China atende às demandas do desenvolvimento da produtividade avançada, à orientação do avanço da cultura e dos interesses fundamentais do povo. O elevado ideal e o objetivo final do Partido Comunista da China é a realização do comunismo. Os Estatutos do Partido determinam: o Partido Comunista da China toma o marxismo, leninismo, pensamento de Mao Tse Tung, teoria de Deng Xiaoping e o importante pensamento de 'tríplice representatividade' como guia de ações."

A fundação oficial do Partido é julho de 1921. Entre aquele ano e 1949, o PCC ficou conhecido como a principal arma do povo contra os abusos das elites, entre eles o imperialismo, o feudalismo e o capitalismo burocrático, levando à fundação da República Popular em 1949.

Depois desse fato, o PCC dirigiu seu povo visando a "salvaguardar a independência e a segurança nacional, conseguindo transformar com sucesso a sociedade de nova democracia para sociedade socialista e dedicando-se de forma planejada e de grande envergadura à construção socialista, obtendo enormes desenvolvimentos das causas econômica e cultural sem precedentes na história", conforme definição do Consulado chinês.

Depois que a Revolução Cultural se encerrou, a China passou a uma nova fase em seu desenvolvimento. Desde 1979 tem aplicado uma política de reforma e abertura ao exterior que havia sido proposta originalmente por seu ex-líder Deng Xiaoping (1904 – 1997), que foi o dirigente-mor do país entre 1976 e 1997. É a partir dessa fase que o país começa a decolar no

sentido de se modernizar e se tornar a potência em franca ascensão que é conhecida hoje e que impressionou tanto os jornalistas nacionais.

Sobre o PCC, o Consulado ainda acrescenta o seguinte texto:

"O Partido Comunista da China desenvolve de forma ativa suas relações com o exterior e esforça-se pela obtenção de um ambiente internacional favorável à reforma e abertura e à modernização do país. Nos assuntos internacionais, o Partido Comunista da China persiste na promoção de uma política diplomática de autonomia e de paz para salvaguardar a independência e a soberania nacional da China, lutar contra o hegemonismo e a política de força, salvaguardar a paz mundial, impulsionar o progresso humano e desenvolver as relações com os diversos países do mundo na base de respeito mútuo à soberania nacional e à integridade territorial e de cinco princípios de coexistência de não-agressão mútua, não-intervenção nos assuntos internos um no outro, igualdade e benefício recíproco e de coexistência pacífica. O Partido Comunista da China estabelece e desenvolve as boas relações com os partidos de diversos países com base nos quatro princípios de autonomia, igualdade, respeito mútuo e de não-intervenção nos assuntos internos um a outro. Até agora, o Partido Comunista da China está mantendo boas relações com mais de 300 partidos de mais de 120 países do mundo."

De acordo com os estatutos do PCC, operários, camponeses, militares, intelectuais e elementos avançados de outras camadas sociais acima de 18 anos de idade que reconheçam o Programa e os Estatutos, participem e trabalhem numa organização ligada ao PCC, cumpram as resoluções do partido e paguem mensalidade a tempo, podem pedir o ingresso na entidade.

Hoje as organizações centrais ligadas diretamente ao PCC são o Congresso Nacional, o Comitê Central, jornalistas internacionais, o Secretariado do Comitê Central, a Comissão Militar e a Comissão de Supervisão Disciplinar do Comitê Central. O partido ainda realiza seu Congresso Nacional a cada cinco anos e durante seu encerramento o Comitê Central é o órgão dirigente supremo.

Durante a redação deste trabalho, o secretário-geral do PCC é Hu Jintao, responsável pela administração de cerca de 700 milhões de membros.

Claudia Trevisan afirmou, em seu livro sobre o país, que integrar os quadros do PCC hoje em dia é visto como um caminho seguro de ascensão social. Para os ocidentais ainda há a impressão de que se envolver com política nada mais é do que uma opção social, um conceito que não é partilhado pelos comunistas chineses. Trevisan conta que muitos estudantes se filiam a fim de conseguirem bons empregos e empresários usam essa ligação para facilitar suas relações com os dirigentes. Diz ela:

“Tachados de inimigos da Revolução até um passado recente, os empresários só foram admitidos no partido a partir de 2001 e abraçaram a oportunidade com entusiasmo. O PCC estima que um em cada três homens de negócio chineses é filiado a seus quadros. Nas universidades de maior prestígio do país, Pequim e Qinghua, entre 30% e 40% dos estudantes fazem parte do PCC.”

Com certeza esta é uma situação bastante diferente da descrita antes quando falamos da Revolução Cultural. Mas o que fica na cabeça das pessoas é que, se há muitos assim dispostos a se filiar ao partido, seria fácil entrar lá?

Não necessariamente. Entrar não é nem rápido nem fácil. O candidato deve obter a indicação de no mínimo dois membros, escrever uma carta de próprio punho em que descreve suas convicções políticas e o que o leva a querer ser um comunista. Caso consiga convencer, será observado por pelo menos um ano, durante o qual participará de discussões com os demais membros de sua célula. Serão eles que dirão se o candidato é adequado aos princípios partidários, uma decisão que deverá ser ratificada pela chamada “instância superior” do partido.

Trevisan acrescenta que a máquina de propaganda é um dos instrumentos fundamentais da estratégia de perpetuação no poder do PCC. Ela conta que aulas de política são obrigatórias e que a versão da história apresentada aos estudantes “enaltece o papel dos comunistas na trajetória recente da China, apesar de reconhecer equívocos como a Revolução Cultural”. Aparentemente, os chineses se arrependeram da confusão iniciada por Mao e seus seguidores e não está nem um pouco com vontade de que o erro se repita.

No final de 2005, o governo anunciou que haveria o início de um processo de “reflexão sobre o marxismo” e que isso ajudaria os chineses a

vislumbrar um país melhor sob a luz dessas transformações. Seu objetivo é tornar a China a principal referência global no estudo da ideologia marxista. Para obter esse destaque, o governo já manifestou a intenção de investir milhões de renminbis (nome da moeda oficial chinesa, cuja unidade básica é um yuan, que, por sua vez, se subdivide em 10 jiao e 100 fen) em novas traduções de obras ligadas ao tema para o chinês e outros idiomas e na atualização de livros escolares também sobre o tema.

Como se tudo isso não bastasse, a mania de grandeza dos chineses, que antes parecia ser coisa somente dos dirigentes, começa a se manifestar mesmo em seus planos estruturais. O partido também afirmou que irá mobilizar uma série de institutos para realizarem estudos para modernizar a interpretação das teorias de Karl Marx de maneira que os conceitos adotados fiquem mais próximos do caminho trilhado pelo país desde 1978. O principal deles é a Academia Marxista, que foi criada em 2005 e que é ligada ao governo.

Assim, os chineses seguem firme, preocupados com o futuro sem esquecerem o passado.

CAPÍTULO 8
ESTRUTURA SOCIAL

AS MUDANÇAS FAMILIARES

Nas últimas duas décadas, as famílias chinesas passaram por numerosas mudanças. Muito da velha estrutura e dos antigos valores tradicionais foram substituídos por novos. A visão estereotipada da família chinesa era a de um grupo extenso, com várias gerações e famílias coligadas que viviam sob o mesmo teto, sendo uma instituição auto-suficiente para seus membros e fornecedora de cuidados para as crianças e os idosos.

Porém, para a versão moderna isso não é mais verdade. Em várias cidades, a estrutura familiar é baseada no casal que vive com seus filhos e por vezes com seus parentes. Somente um número pequeno de famílias chinesas mantém os “coligados” (ou seja, seus parentes) próximos a si. Assim, a família não se vê mais com a obrigação de fornecer cuidados para crianças e idosos fora do círculo de suas relações imediatas. Eles enfatizam o núcleo principal do relacionamento, e deixam de lado os coligados.

Mas continuam a dar valor à família e mantendo os laços próximos. Há uma relação forte entre os parentes, a família e outros membros. Ainda é costume que os pais esperem pelo retorno de seus filhos ao lar na Véspera do Ano Novo Chinês, quando o país pára por pelo menos uma semana para os festejos.

A maioria desses hábitos, entretanto, não foi alterada. A convivência com as diversas etnias provou ser apenas um canal para que cada uma pudesse ter suas próprias características, mas que, ao mesmo tempo, mantém-se o hábito de uns aprenderem as tradições dos outros.

Diz o Consulado sobre a população:

“Em 2002, a taxa de crescimento demográfico natural da China continuou descendo. Até o fim do ano, o número da população do país

atingiu 1.284.530.000, entre a qual, a população urbana foi de 502,12 milhões, representando 39,1%, enquanto a população rural, 782,41 milhões, representando 60,9%. Totalmente, o país tem 661,15 milhões de homens e 623,38 milhões de mulheres. A população na faixa etária de 0 a 14 anos representa 22,4% do total; a faixa de 15 a 64 anos, 70,3%, e a população com idade superior a 65 anos atinge 93,77 milhões, representa 7,3%. Ainda em 2002, nasceram 16,47 milhões de bebês, com a taxa de nascimento de 12,86%, entretanto, morreram 8,26 milhões de pessoas, com a taxa de mortalidade de 6,41%. Por isso, a população aumentou 8,26 milhões de pessoas, e a taxa de crescimento demográfico natural foi de 6,45%.”

Esses números trazem algumas modificações que não são padrões dentro da estrutura familiar, que veremos mais para frente. Por hora, basta sabermos que a abertura do país e a convivência com os produtos estrangeiros não provocaram a completa dissipação dos hábitos tradicionais chineses.

As Etnias

Vamos primeiro nos inteirarmos sobre as principais etnias da China. Como vimos nos capítulos anteriores, já houve uma grande quan tidade de grupos étnicos na China, mas em termos numéricos são os Han que dominam. Os demais terminaram por ser absorvidos às etnias vizinhas ou simplesmente desapareceram sem deixar testemunhos de sua existência. Somente recentes indícios foram descobertos pelos arqueólogos, antropólogos e sociólogos.

O governo da República da China reconhece hoje 56 etnias. Para se ter uma idéia, vamos listar as mais conhecidas: Han, Mongol, Hui, Tibetana, Uigur, Miao, Yi, Zhuang, Buyi, Coreana, Manchu, Dong, Yao, Bai, Tujia, Hani, Cazaque, Dai, Li, Lisu, Wa, She, Gaoshan, Lahu, Shui, Dongxiang, Naxi, Jingbo, Quirquiz, Tu, Daur, Mulau, Qiang, Blang, Salar, Maonan, Gelao, Xibe, Achang, Pumi, Taquique, Nu, Uzbeque, Russa, Evenki, Deang, Baoan, Yugur, Jing, Tatar, Drung, Oroqen, Hezhe, Moinba, Luoba e Jino, assim como alguns grupos étnicos não identificados. E como conseguir se comunicar com uma variedade tão grande de línguas? Isso aparentemente não significa nenhuma espécie de obstáculo, uma vez que os

Han falam várias línguas, muito diferentes entre si. Os Han bem como os Manchu usam a chamada língua Han mais conhecida como mandarim, que se divide em oito dialetos (os do norte, Jiangsu, Zhejiang, Hunan, Jiangxi, Kejia, norte e sul de Fujian e Guangdong). Como podemos observar, as divisões e subdivisões acontecem em quase todos os elementos da vida chinesa e refletem o quanto cada aspecto é complexo.

Como etnia dominante, os Han representam 92% da população total nacional, enquanto as outras 55 minorias étnicas juntam pouco mais de 8%, uma disparidade muito grande. Todas as 56 etnias trabalham e convivem de maneira harmoniosa no país.

Vamos observar agora cada uma das etnias mais populosas, ou seja, aquelas que possuem mais de cinco milhões de habitantes. Comecemos com os Han, que somam 1,2 bilhão de habitantes e possuem uma história pelo menos de 5.000 anos. Como vimos nas histórias dos imperadores contadas no **Capítulo 1** , foi a partir daquela dinastia que a etnia herdou seu nome. Os Han possuem uma dieta composta principalmente de cereais e diversos tipos de carnes e legumes como complementos. Durante a longa história que marcou seu desenvolvimento, eles adquiriram o hábito de tomar pelo menos três refeições diárias com base em massa, arroz, milho, sorgo (o quinto cereal mais importante no mundo, antecedido pelo trigo, arroz, milho e cevada), grãos diversos e batata. Isso não significa que os pratos sejam os mesmos, pois o gosto culinário varia de acordo com a região: os Han do sul gostam de pratos adocicados, os do norte, salgados, os do leste, picantes e os do oeste, ácidos. Entre suas principais festas estão a Festa da Primavera (9 de fevereiro), a Festa das Lanternas (15 de janeiro), o Dia de Qingming (5 de abril), a Festa do Barco-Dragão (5 de maio) e a Festa da Lua (15 de agosto).

Entre as minoria étnicas, a Zhuang é a mais populosa. Os Zhuang são nativos do sul do país e vivem na Região Autônoma da Nacionalidade Zhuang do Guangxi, fundada em 1958. Possuem seu idioma próprio e dedicam-se principalmente à agricultura e ao cultivo do arroz e milho. Têm como característica peculiar a mania de cantar enquanto plantam, a ponto de a região em que habitam ser conhecida como o “oceano de canções”. Na antiguidade, essa etnia era politeísta e venerava principalmente a natureza. Desde a época das Dinastias Tang e Song eles adotaram o budismo e o taoísmo. Nos dias modernos há também penetração do cristianismo e do catolicismo, mas sem grandes influências sobre a população.

Já os Manchus se espalham por toda a China apesar de terem grandes números concentrados na província de Liaoning, localizada no nordeste do país. Também possuem língua própria, que pertence à família Altay, uma língua que pertence ao grupo turco de línguas, apesar de a convivência com os Han forçar a adoção da língua Han. A maioria deles segue o samanismo, que é a religião mais antiga da Mongólia e que cultua o espírito. Seus antepassados viviam no curso médio e inferior do rio Heilongjiang e no vale do rio Ussuri ao norte da serra Changbai no nordeste da China. Foi durante o século XII que esses antepassados, então chamados de Nüzhens, fundaram a Dinastia Jin. Em 1583, Nurhachi, que mais tarde seria imperador sob o nome Tai Zu, unificou as tribos dos Nüzhens, criou o sistema de oito bandeiras (para evitar uma assimilação completa de seu povo pela sociedade chinesa, essas bandeiras representavam divisões administrativas, geradas das tradições militares nas quais as famílias se distribuíam) e mudou o nome da etnia em 1635 para Manchu, que se mantém até hoje. Essa etnia foi uma das que mais contribuíram para a unificação da China, bem como para a ampliação de seu território e seu desenvolvimento econômico e cultural.

Passemos agora para os Hui, que possuem cerca de 9,8 milhões de habitantes por todo o território chinês, mas que se concentram principalmente na Região Autônoma da Nacionalidade Hui de Ningxia, localizada no noroeste da China. Por um bom tempo, os Hui viveram com os Han e dessa convivência veio o hábito de usarem a mesma língua. Sua origem remonta ao século VII, quando os comerciantes árabes e persas foram ao país para fazer negócios e se instalaram nas cidades de Guangzhou, Quanzhou e outras no litoral sudeste chinês. Com o passar dos anos eles se tornaram parte dos Hui. No século XIII vários imigrantes procedentes da Ásia Central, das regiões persas e árabes chegaram ao noroeste chinês para fugir da guerra, o que fez com que convivessem com os Han, uigures e mongóis, terminando por se misturar com eles de forma gradual até formar os Hui. Seu principal culto é o islamismo e mantêm hábitos especiais de alimentação, que faz com que os estabelecimentos comerciais coloquem em suas fachadas tabuletas que indicam que naquele local servem “Huis” ou “Qing Zhen” (ou seja, muçulmanos).

Os Miao são uma etnia que conta com 8,94 milhões de habitantes e que vive nas províncias de Guizhou, Yunnan, Sichuan, Hunan, Hubei e Guangdong e na Região Autônoma da Etnia Zhuang do Guangxi. Também

possuem sua própria língua, mas há um detalhe no mínimo curioso sobre isso: em 1956 eles transformaram quatro dialetos numa espécie de “língua latinizada” e unificaram seus métodos de escrita. É uma das etnias mais antigas do país e possui registros que datam de 4.000 anos atrás. Há uma lenda que conta que Chi You, que combateu os míticos Imperador Amarelo e Imperador Yan, foi o ancestral dessa etnia. É uma das etnias que mais migrou dentro do território, pois sempre enfrentou motivos como fome, doença e guerra que os forçava a tomar essa decisão. Hoje estão espalhados pelo país e possuem dialetos, vestuários, adornos e costumes diferentes.

Os 7,7 milhões de habitantes que compõem a etnia Yi vivem principalmente nas províncias do Yunnan, Sichuan, Guizhou e Guangxi. Também possuem seu próprio idioma, embora mantenham contatos estreitos com os Han e por isso mesmo entendam e até adotem em algumas circunstâncias a língua Han. Os Yi é uma das minorias mais populosas e possui ampla distribuição e longa história. São resultado de uma mistura gradual gerada pelas antigas etnias Di e Qiang há cerca de dois mil anos. Foi uma das etnias que mais manteve o sistema escravocrata predominante e só foi eliminado após 1949 por meio da reforma democrática. Um detalhe sobre eles: na antiguidade eles foram politeístas e até o começo da Dinastia Qing adotaram o taoísmo.

Por fim, resta falar um pouco sobre os Mongóis, que contam com cerca de 5,8 milhões de habitantes, vivem principalmente na Região Autônoma de Mongólia Interior, na Região Autônoma da Nacionalidade Uigur de Xinjiang e nas províncias de Qinghai, Gansu, Heilongjiang, Jilin e Liaoning. Seu povo usa a língua mongol. Essa denominação apareceu originalmente durante a Dinastia Tang, quando eram apenas uma das tribos na pradaria do norte que habitavam as regiões do leste do vale do rio Ergune e lutavam por população, gados e riqueza. Gengis Khan, que se chamava originalmente Temujin, tornou-se o líder das tribos mongóis em 1206 e fundou o Estado Mongol e depois a Dinastia Yuan. A religião deles é o lamaísmo, também conhecida como budismo tibetano (o termo lamaísmo vem da palavra tibetana lama, que significa mestre ou superior, uma denominação usada para os monges tibetanos de hierarquias superiores).

O Guanxi

A primeira reação de quem não conhece um país como a China é pensar que há mais em comum com nossas culturas do que se imagina. Bem, de fato, há muitos pontos em comum, mas há também, como em qualquer cultura, seus pontos de diferenças. Neste capítulo vamos dar uma olhada em alguns deles, que envolvem hábitos peculiares conhecidos sob enfoques diferentes.

Comecemos com um conceito que os ocidentais prezam hoje em dia e que já é apontado como uma ferramenta indispensável para quem pre tende se dar bem não só na vida pessoal como também na profissional: o chamado *networking,* ou sua rede de contatos pessoais e profissionais. Nós todos sabemos que quanto mais contatos em nível profissional você mantiver, melhores são suas chances de obter uma boa colocação no mercado de trabalho. Da mesma maneira, uma boa rede de contatos pessoais sempre vale para resolver um ou outro problema que porventura apareça. Essa prática, que os atuais analistas de mercado insistem que seja usada com muito cuidado (porque invariavelmente você acaba em débito com a pessoa que lhe ajuda), é considerada como essencial em qualquer setor da vida de uma pessoa.

Com todos os conceitos que já vimos ao longo deste trabalho sobre a honra chinesa e a tradição, será que eles cultuam a mesma opinião que nós, ocidentais? A resposta é sim, porém, com suas características modificadas. Considerado um dos elementos essenciais da sociedade chinesa, a versão oriental do nosso *networking* (que é chamada de *guanxi* , uma palavra difícil de ser traduzida para o português, mas que possui um significado aproximado de influência, relacionamentos ou conexões, sendo as três coisas ao mesmo tempo) é considerada também essencial para se obter sucesso em negócios e prosperidade em sua carreira.

Vamos dar uma olhada melhor nesse conceito. O *guanxi* descreve uma dinâmica básica nas redes de influência pessoais e é considerado algo mais amplo do que simplesmente ter conexões e/ou relações com outras pessoas. Ele gera outros conceitos, como o “ganqing” (uma tentativa de “britanizar” a palavra em chinês), que seria uma medida que reflete a profundidade de sentimento dentro de uma relação interpessoal; e o “renqing”, definido como a obrigação moral de manter uma relação.

Essa rede social é, claro, construída na base da troca de favores e eventos sociais. Assim, dizer que uma pessoa possui um “bom *guanxi* ” é o mesmo

que afirmar que ela tem condições de passar alguns obstáculos burocráticos dentro das estruturas sociais chinesas para obter o que deseja.

Porém, por mais que consultemos pessoas e livros para este trabalho, foi muito difícil entender a maneira como essas redes são construídas. Talvez pelo fato de que aparentemente seja similar às nossas próprias redes. Mas, como diz o ditado, as aparências enganam mesmo. Claudia Trevisan, por exemplo, diz sobre o assunto:

“O caminho para a construção dessa rede não é muito claro para o estrangeiro, mas ele inclui encontros com clientes em jantares e almoços, nos quais não se falará de negócios, todos beberão de maneira efusiva e, com o tempo, estarão se chamando de amigos. É um processo paciente de conquista de confiança e conhecimento mútuo, que pode demorar bem mais do que esperam muitos dos ansiosos empresários ocidentais.”

Seria a confiança chinesa unicamente baseada na capacidade que cada um tem de farrear? Com certeza para ser algo fútil e estranho para quem não se acostuma com isso, mas o mais curioso é que não se trata, de modo algum, de uma exclusividade daquele país. Pelo menos é o que os sociólogos afirmam, pois identificaram práticas semelhantes em outras culturas. Por exemplo, na Rússia o conceito de *blat* (definido como o uso de métodos informais e contatos no Partido Comunista) é muito similar, bem como o da *wasta* nos países do Oriente Médio.

O site China On Line apresenta um texto com dicas bem úteis para aqueles que querem aperfeiçoar seu *guanxi* . Vejamos alguns trechos:

“No quesito *regras gerais de conduta* :

- Em termos gerais, os chineses não são muito amigos do toque. Isso vale sobretudo para os visitantes. Portanto, evite tocar os seus interlocutores, ou qualquer forma de contato físico prolongado.
- Evite ser efusivo, principalmente com pessoas mais idosas. As demonstrações públicas de afeto são muito raras. Por outro lado, pode-se ver pessoas do mesmo sexo andando de mãos dadas, o que é apenas um gesto de amizade.
- Não se aborreça se os chineses não sorrirem quando forem apresentados. Os chineses guardam os sentimentos em vez de expressálos abertamente.

- Os chineses geralmente são muito pontuais e esperam o mesmo de seus interlocutores. O ritmo do trabalho é diverso do brasileiro: começa-se e acaba-se cedo. Compromissos poderão ser marca dos para as 9h. Jantares ou banquetes geralmente começam entre 18h30min e 19h, com os convivas pontualmente sentados à mesa nesses horários.
- É importante prestar atenção aos números, pois os chineses lhes atribuem grande importância. O número 8, por exemplo, sugere prosperidade. Já o número 4 soa como morte e deve ser evitado. Os números múltiplos de cinco são sempre recomendados.
  No quesito *conversação e comunicação* :
  É quase certo que o seu anfitrião na China não fale inglês e que se faça acompanhar por um intérprete. É também provável que as reais capacidades de entendimento desse intérprete, quanto à língua inglesa, estejam muito aquém do que se possa imaginar. E raramente ele lhe pedirá para repetir. A fim de evitar mal-entendidos, siga os comportamentos descritos abaixo:
- Utilize uma linguagem simples, martele as palavras tentando não as ligar. O emprego de palavras diferentes pode confundir o seu interlocutor e poderão surgir, facilmente, situações de contradição.
- Esclareça imediatamente qualquer mal-entendido. São freqüentes os problemas com números, sobretudo com os sufixos ingleses “teen” e “ty”, que são compreendidos e ditos da mesma maneira. Enquanto no ocidente a contagem se faz de três em três casas, na China faz-se de quatro em quatro. A unidade de contagem é o “wan” e equivale a 10.000 – um milhão corresponde a 100 “wan”. A fim de evitar confusões, é aconselhável que os números sejam também escritos. Ao escrevê-los, para um melhor entendimento por parte do seu interlocutor, abstenha-se de assinalar os milhares com qualquer pontuação.
- Mostre-se bem-humorado, mas não utilize o humor. A utilização de anedotas, expressões idiomáticas, trocadilhos, deve ser evitada. Tudo isso tem uma marca cultural muito própria que, além de não ser entendida por outras culturas, pode causar situações embaraçosas.
- Lembre-se de que as línguas ocidentais são lineares, mas a chinesa é contextual. Se na nossa língua não entendemos uma palavra, podemos ainda assim entender o sentido. Mas no contexto chinês, se uma palavra (em inglês) não é entendida, tampouco o será toda a frase. Por

isso, se perceber que algo não foi compreendido, é melhor repetir novamente toda a expressão.

- Se for possível, leve também o seu próprio intérprete. Informe-o previamente do que pretende tratar durante a reunião. A fim de que a tradução seja mais adequada, esclareça-o sobre os seus produtos e sobre sua empresa.
- Esteja preparado para ouvir mais do que de costume e também para enfrentar prolongados momentos de silêncio. Os chineses, como todos os orientais, dominam bem o silêncio e utilizam-no freqüentemente como uma estratégia de negociação. Mostrar nervosismo nessas ocasiões é contraproducente.
- Os orientais evitam dizer coisas desagradáveis ou negativas diretamente. O que se segue são algumas versões que significam "não": "vou ver o que posso fazer…"; "vou fazer o meu melhor…"; "vou pensar no assunto…"; "é capaz de ser difícil…"; "vou tentar…"; "talvez lhe seja mais conveniente…"; "acho que não tenho conhecimento disto ainda". Esta forma implícita de dizer "não" nunca fecha portas, pois a possibilidade de se voltar ao assunto, quando for oportuno, continua em pé. É importante que o estrangeiro também domine a técnica de dizer "não" de forma indireta na China.
- Não receie pedir desculpas ao menor incidente. Na Ásia, um pedido de desculpas não é uma admissão de culpa: é antes considerado virtuoso ser o primeiro a fazê-lo, a fim de amenizar qualquer situação desagradável."

Trevisan também explica que a importância do *guanxi* pode ser expressa pela freqüência com que a palavra aparece nas conversas dos chineses. Ela diz que nunca a havia escutado antes, mas que foi uma das primeiras palavras com as quais ela se acostumou. O autor de um livro citado por ela, *Chinese Business Etiquete* , o norte-americano Scott Seligman, afirma que "a chave para conseguir qualquer coisa importante na China não está na ordem formal, mas em quem você conhece e como essa pessoa vê suas obrigações em relação à você". A julgar pelas dicas de comportamento que vimos listadas acima, o que pode parecer "uma farra à chinesa" é uma maneira de aproximação pessoal entre as pessoas que dela participam, e não envolve excessos, o que com certeza deixaria a pessoa "queimada" socialmente. Como Seligman diz:

“Se você tem guanxi, pode obter quase tudo, ainda que seja contra as regras estabelecidas. Se não tem, corre o risco de dar sempre com a cara na porta e ter de enfrentar os rigores da letra fria da lei e da burocracia.”

Essa é apenas uma das leis que atingem a população, independente de sua etnia. E num país com tantas raças que fazem parte de sua população, apontar para um hábito que seja comum para todas elas é meio complicado.

Desequilíbrio dos Sexos

A estrutura social chinesa não sofre nem um pouco com as diferenças entre as etnias, mas sim com um problema mais sério, que é o desequilíbrio entre os sexos. Vejamos o que nos conta o Consulado sobre a mulher chinesa:

“Até o final de 2002, a China contou com 620 milhões de mulheres, cifra esta representando 48,5% da população total chinesa. O governo chinês dá muita atenção ao desenvolvimento e ao progresso das mulheres, adota a igualdade entre o homem e a mulher como uma das políticas fundamentais em busca da promoção do desenvolvimento social do país e estimula a participação do homem e da mulher em pé de igualdade nos assuntos estatais, no desenvolvimento conjunto e no benefício comum. O governo chinês proporciona as firmes garantias políticas e jurídicas para o progresso e o desenvolvimento das mulheres.”

As mulheres chinesas participam ativamente das diferentes atividades sociais. Isso porque, desde o meio da década de 1990, o governo chinês elaborou o Programa Qüinqüenal e o Programa Decenal sobre o Desenvolvimento das Mulheres Chinesas, dois organismos que protegem os direitos e interesses das mulheres com o objetivo de “otimizar o ambiente social do desenvolvimento das mulheres chinesas e impulsionando seu progresso integral”, conforme definição deles mesmos. Essas atividades constantes garantem o direito de terem tratamento igual ao do sexo oposto nas áreas política, econômica, cultural, social e familiar, além de proteção aos seus direitos especiais. Com esses esforços e outros que eles pretendem ainda colocar na prática, a mulher chinesa obtém, hoje, uma posição mais

elevada, com melhoria de qualidade e desenvolvimento sem precedentes na história daquele país.

O problema maior que o governo chinês enfrenta ainda é ligado à sua cultura. Isso porque há uma política que está em prática por lá que é aplicada com mão de ferro pelo PCC: a de que os casais só podem ter um único filho. Há a seguinte aplicação oficial para essa política:

“A China aplica o planejamento familiar como uma política fundamental do país em busca do desenvolvimento socioeconômico equilibrado, a melhoria da qualidade de vida da população, o aperfeiçoamento da estrutura demográfica e o controle do aumento demasiadamente rápido da população. O governo estimula que os jovens retardem o casamento, tenham tarde ou tenham poucos filhos e busquem a eugenia, além de estimular para que cada casal tenha um só filho. No campo, os casais com dificuldades concretas são permitidos terem um segundo filho vários anos depois do nascimento do primeiro. As regiões habitadas pelas minorias étnicas podem estabelecer as estipulações apropriadas, de acordo com a vontade própria de cada etnia, sua população, os recursos, o status do desenvolvimento econômico, a cultura e os costumes locais. Geralmente, um casal pode ter dois filhos, e em alguns lugares, até três. Aos casais pertencentes às minorias étnicas com pouca população, não se estabelece o controle sobre o número de filhos.”

Outras fontes falam sobre essa política de uma maneira diferente. Ao que parece ter um único filho foi uma forma implementada para evitar que a população alcançasse a casa dos 1,6 bilhão de habitantes. Esse controle de natalidade é feito com o uso de um sistema de prêmios e castigos, que fornece vantagens para aqueles que têm apenas um filho e penas severas para quem desrespeita a regra, como multas pesadas e perda do emprego. Um detalhe: na China o aborto é legal e é feito por aproximadamente US$ 50,00.

Eis que encontramos um dos principais problemas na estrutura social chinesa. Isso porque a população possui uma preferência que dura até hoje por bebês do sexo masculino o que, juntando com o custo do aborto, levou à atual situação de desequilíbrio entre os sexos. Hoje o número de homens supera o de mulheres em 40 milhões. Isso faz com que os especialistas tenham um número mais grave para 2020, que, segundo as projeções, fará

com que milhões de rapazes não se casem por “absoluta falta de parceiras disponíveis”.

Autoridades e especialistas chegam a uma mesma opinião: a de que desse desequilíbrio possa surgir problemas mais graves como o aumento da violência dentro e fora do país, o seqüestro de mulheres, a grande incidência de casamentos por dinheiro e, claro, prostituição.

E por que as coisas chegaram a esse ponto? Simples: os casais usam os exames de ultra-sonografia para verificar o sexo do bebê. Como preferem que seja menino, se caso confirme que se trata de uma menina basta abortar e começar de novo. Claudia Trevisan divulgou alguns números que são verdadeiramente assustadores: no mundo nascem entre 106 e 107 meninos para cada grupo de meninas, enquanto na China esse número sobre para 117 para cada 100. E em alguns lugares da zona rural, chega a 130 para cada 100.

O último censo chinês estima que, dos 40 milhões de homens que sobram atualmente, cerca de 23 milhões possuem menos de 19 anos. Quando a idade vai para a faixa dos 0 a 4 anos, a relação é de 122,69 meninos para cada 100 meninas, um índice pior do que o da faixa de 5 a 9 anos, que registra 119 para cada 100.

O crescente número de homens em seu contingente é uma constante preocupação para governo e entidades de defesa de mulheres e crianças porque os casos de violência contra mulheres têm aumentado. Entre 2001 e 2003, para se ter uma idéia, cerca de 42,2 mil mulheres e crianças foram libertadas de um tráfico que as leva não só para outras regiões do país como também expande seus tentáculos para alcançar outros países asiáticos, como Tailândia, Vietnã e Coréia do Norte. O Unicef (Fundo das Nações Unidas para a Infância) trabalha regular mente com o governo chinês para minimizar essa atividade no interior do país.

Essa preferência por filhos homens tem suas raízes na própria tradição chinesa. Os homens são, dentro da filosofia confuciana ainda em voga, aqueles que garantem a aposentadoria dos pais num país em que o sistema de seguridade social é precário, principalmente no campo. Para eles, é o filho e não a filha que é responsável por cuidar de pais e avós na velhice. Elas, por sua vez, têm a obrigação de cuidar da família do marido após o casamento.

Se formos para o campo a situação se agrava, pois pela própria natureza do trabalho (e o uso de força bruta) os filhos homens são bem mais

valorizados. Assim são eles caracterizados como a garantia da aposentadoria de seus progenitores e caracterizam a mão-de-obra necessária na economia rural. Porém, como no interior é uma situação bem diferente da cidade, há um relaxamento na lei: um casal que tem uma filha, por exemplo, pode ter um segundo filho desde que se espere pelo menos quatro anos. Esse "benefício" não é estendido para um casal que ganha um filho homem logo de cara.

Especialistas da Brigham Young University, nos Estados Unidos, e da University of Kent em Canterbury, na Inglaterra, dizem que, do ponto de vista histórico, a maior parte dos crimes são cometidos por homens jovens e sem laços familiares. Essa preocupação é latente pelas tentativas dos governos de diversos países com grande parte da população masculina nesses quesitos, quando são criadas campanhas militares em que os jovens são necessários. Para esses pesquisadores, o desequilíbrio sexual na China visto nos últimos anos é um fato completamente novo na história da humanidade, pois nunca se havia chegado a um ponto similar.

E se vocês pensam que os jovens são a única preocupação do governo chinês, estão enganados. Essa baixa natalidade e o aumento da expectativa de vida faz com que também os idosos cresçam a ponto de os mesmos especialistas citados anteriormente afirmarem que a China é o país que envelhece mais rapidamente no mundo. Em 2004 eram cerca de 8,4% da população, todos na faixa de mais de 65 anos. De acordo com a Organização das Nações Unidas (ONU), uma socieda de envelhece quando mais de 7% de seus habitantes tem exatamente essa faixa etária. Assim, o governo chinês, meio a contragosto, divulgou parecer em que prevê que haverá 300 milhões de habitantes com mais de 65 anos em 2027 e 400 milhões em 2044, o que corresponderá a quase 25% de sua população. E se levarmos em conta que a preocupação maior do governo de Pequim é que a população fique velha antes de ficar rica, poderemos entender se o país vir a se tornar palco de graves tensões sociais.

A previdência chinesa é considerada muito precária e estima-se que pelo menos 70% dos idosos simplesmente não possuem nenhum tipo de amparo hospitalar e que uma quantidade ainda maior não possui seguro-saúde. No final da década de 1990, o governo iniciou uma série de reformas no setor previdenciário, mas ainda deverão se passar alguns anos até que comecem a fazer efeito.

E situações desesperadas pedem providências desesperadas. Vejamos um trecho da seguinte notícia, publicada pelo jornal *Folha de S.Paulo* em novembro de 2005:

“Uma mulher em estado de coma foi enviada, ainda viva, a um crematório porque seus familiares não tinham mais dinheiro para pagar seu tratamento médico, informou nesta sexta-feira a imprensa local. You Guoying, 47, sofreu uma hemorragia cerebral e esteve durante três dias no hospital da cidade de Taizhou, antes que seus familiares a enviassem para o crematório municipal, após convencerem o motorista da ambulância de que ela estava morta. Mas, pouco antes de ser iniciada a cremação, um funcionário percebeu que Guoying ainda estava respirando, e alertou policiais e autoridades locais. Wei Zhen, a filha de Guoying, disse à Televisão Central da China que seu pai tinha decidido enviar sua mãe para o crematório porque a família não podia mais arcar com as despesas hospitalares. ‘Não temos outra saída. Não temos dinheiro’, declarou Wei, que ganha 50 euros (US$ 60) por mês trabalhando em uma fundição, assim como seu marido, menos do que ganhavam seus pais, ambos catadores de lixo da cidade de Taizhou (na Província oriental de Zhejiang). Segundo Wei, a família pegou 22 mil yuans (R$ 6.100, aproximadamente), dinheiro emprestado por amigos e familiares, pelo tratamento médico de Guoying, mas cada dia de hospitalização custava 5.580 yuans (R$ 1.540, aproximadamente). ‘Não podíamos conseguir mais dinheiro’, acrescentou a filha.”

Aparentemente, o caso terminou bem, pois uma vez que a história foi divulgada pela televisão chinesa começaram a aparecer doações para ajudar a família, mas isso é apenas um exemplo de como as famílias chinesas encaram determinadas situações. Como acrescenta Trevisan, por hora a função de cuidar dos idosos ainda é dos filhos. Diz ela:

“O controle de natalidade cria um cenário que os demógrafos chamam de 4-2-1: um único filho tem a obrigação de sustentar os pais e os avós paternos e maternos na velhice.”

CAPÍTULO 9
CIÊNCIA E TECNOLOGIA

A BÚSSOLA

A humanidade deve muito para as mentes chinesas. Em termos de tecnologia e ciência é vasta a lista de contribuições daquele povo. Para se ter uma idéia, na antiguid ade já haviam aquelas que são consideradas as Quatro Maiores Invenções da Antiga China: a bússola, a pólvora, a prensa e o processo de fabricação de papel.

Vamos ver cada uma dessas invenções. As primeiras referências na literatura chinesa à existência do magnetismo estão num livro do século IV a.C. chamado *O Livro do Mestre do Vale Demônio* , quando, em determinado trecho, lê-se o parágrafo "o imã faz o ferro se aproximar ou um atrai o outro". Já a primeira referência a um aparelho magnético usado para encontrar direções está num livro da Dinastia Song datado do período entre os anos 1040 e 1044 d.C. Lá vemos uma de scrição que fala de um "peixe que aponta", feito de ferro, que flutua numa tigela de água e se alinha com o sul. O aparelho é descrito nessa obra como um "meio de orientação na escuridão da noite". Entretanto, a primeira bússola magnética suspensa foi descrita, num livro datado de 1088, por Shen Kuo, um sábio com várias atribuições (incluindo geólogo, astrônomo, embaixador, general militar, matemático, cartógrafo, engenheiro hidráulico, botânico, zoólogo, farmacólogo, escritor e burocrata) que atuou durante o governo da Dinastia Song na China (e que viveu entre 1031 e 1095).

Por grande parte da história chinesa, a bússola permaneceu na forma descrita acima. De acordo com o pesquisador britânico Joseph Needham (1900-1995), os chineses das Dinastias Song e Yuan faziam uso de uma "bússola seca", embora esse tipo não tenha sido tão usado quanto o outro. Essa bússola "seca" era um tipo colocado numa caixa de madeira em forma de uma tartaruga suspensa de cabeça para baixo num quadro, com o imã

dentro dela preso por cera. Se rotacionada, a agulha, geralmente localizada no rabo da tartaruga, sempre apontava para a direção norte.

Uma curiosidade: quem assistiu à série do filme *Piratas do Caribe*, com Johnny Depp, deve se lembrar da bússola do capitão Jack Sparrow, que ficava dentro de uma espécie de caixa de madeira. Esse era um modelo de "bússola seca", adotado na China depois que estava em uso entre os piratas japoneses do século XVI, que, por sua vez, tomaram a idéia do desenho da peça dos europeus. Mas os modelos chineses adaptados ficaram muito tempo em uso, resistindo até o século XVIII.

A PÓLVORA

A maioria das fontes, que cita a China como país da invenção da pólvora, aponta os alquimistas chineses como os responsáveis diretos por seu descobrimento.

Aparentemente, eles a descobriram por acaso enquanto buscavam o famoso elixir da imortalidade que encantou muito os imperadores chineses, em especial Qin Shi Huang Di (conforme já relatamos no **Capítulo 2** deste trabalho). O salitre era conhecido dos chineses desde meados do século I d.C. e há evidências do uso dessa substância, em combinação com enxofre em várias soluções de uso medicinal. Um texto alquímico do ano de 492 observa que o salitre produz "uma chama púrpura" que o distingue de outros sais inorgânicos, o que torna possível avaliar e comparar as técnicas usadas na purificação dos elementos selecionados. Em muitos relatos árabes e latinos não há nenhuma referência às técnicas de purificação até aproximadamente o começo de 1200.

Já a primeira referência à pólvora (ou seja, com um relato mais próximo do que conhecemos) está num texto taoísta chamado *Zhenyuan Miaodao Yaolüe*, datado de meados dos anos 800. Lá lemos o seguinte trecho:

"Alguns têm aquecido enxofre, salitre e realgar (um composto de sulfureto de arsênico) misturados com mel; (a mistura) resulta em fumaça e chamas, o que deixa suas mãos e rostos queimados, e mesmo a casa inteira onde trabalham fica em chamas."

Contrário à crença popular, os chineses não usam a pólvora apenas em fogos de artifício. De fato, as receitas sobreviventes mais antigas para a

fabricação do composto são encontradas num tratado militar chamado *Wujing Zongyao*, datado de 1044, que contém três, sendo duas para a fabricação de bombas de fumaça envenenada. Essas fórmulas utilizam cerca de 27 a 50% desse material em seu preparo. Experimentos com diferentes níveis de salitre eventualmente produzem bombas, granadas e minas terrestres.

No final do século XII, já existiam granadas de ferro recheadas com pólvora capazes de explodir seus recipientes de metal, como as atuais. Outro tratado militar, chamado *Huolongjing*, do século XIV, possuía receitas de pólvora com níveis de mitratos que iam de 12% a 91%, sendo que seis delas tinham essa composição voltada para "máxima força explosiva".

Outro detalhe interessante sobre a pólvora na China: no século XIII já havia por lá as primeiras experiências com lançamentos de foguetes (em tamanho menor, claro, que os de hoje) e a fabricação da arma mais antiga existente, um descendente dos primeiros lança-chamas. O mesmo texto ainda fala sobre canhões alimentados à base de pólvora.

A Prensa Chinesa

A terceira das Grandes Invenções é a prensa. Muito antes da invenção de Johann Gutenberg, já havia um sistema de impressão em atividade na China desde o ano de 1040, inventado por Bi Sheng (990 – 1051) com base em tipos móveis feitos de argila cozida.

O pesquisador chinês Shen Buo (1031 – 1095) descreveu assim o sistema de Sheng:

"Quando quer imprimir, ele pega uma moldura de ferro e a coloca na placa de mesmo material. Na primeira, ele aloca tipos e os junta. Quando a moldura está cheia, o todo forma um só bloco sólido. Então ele coloca o conjunto no fogo para esquentá-lo. Quando a cola está ligeiramente derretida, ele pega uma placa e a pressiona contra a superfície dos tipos, para que estes fiquem como uma pedra de amolar. Para cada caractere há vários tipos, e para certos caracteres comuns possuem pelo menos 20 ou mais tipos cada, para serem preparados para a sua repetição na mesma página. Quando os caracteres não estão em uso são organizados com

etiquetas de papel, um para cada grupo, e mantidos em caixas de madeira."

Apesar de bem úteis, os tipos de Bi Sheng se desgastavam rápido demais, o que os tornava não práticos para impressões de grande escala, além do fato de que esse tipo de argila não fornece a aderência adequada com a tinta. Por isso, esse sistema não foi adotado em grande número pelo mundo. Assim, coube a Gutenberg encontrar o método adequado para atingir esses objetivos.

O PAPEL

Por fim, temos a última das quatro invenções, o processo de fabricação de papel. Esse processo é tradicionalmente atribuído a Cai Lun, um oficial ligado à Corte Imperial durante a Dinastia Han, no ano de 105 d.C. Ele teria criado uma folha com amoreiras e outras fibras de entrecascas juntamente com redes de pesca, velhos trapos e resíduos de cânhamo.

Pesquisas arqueológicas recentes descobriram que havia papel sendo usado em Dunhuang (cidade da Província de Gansu, ao norte do país) com textos que datam do século VIII a.C., enquanto há indícios de que o papel era usado para embrulho desde o século II a.C. O papel usado como meio popular de escrita só teria se espalhado pelo país a partir do século III e no século VI folhas eram usadas também como papel higiênico.

Durante a Dinastia Tang, o papel era dobrado e costurado em sacolas quadradas para preservar o sabor do chá (essa seria a origem dos saquinhos de chá tão adotados hoje em dia no mundo todo), enquanto, na época da Dinastia Song, o governo foi o primeiro no mundo inteiro a usar o papel-moeda.

A tecnologia de fabricação de papel foi primeiramente levada para a Coréia no ano 600 e de lá importada para o Japão por meio de um sacerdote budista, Dam Jing de Goguryeo (antigo reino localizado na Manchúria do Sul), por volta de 610, quando as fibras (ou entrecascas) da amoreira eram usadas. A prensa parecia já ter sido inventada no Japão com sua utilização para promover mil orações para os templos em 760, feitas com blocos de pedra e tecnologia também importada da China.

Outras Invenções

Needham aponta, em sua obra *Ciência e Civilização na China*, uma pequena lista com as principais invenções atribuídas aos chineses. Algumas delas apareceram pouco tempo antes em outras civilizações, mas foram tornadas populares quando adotadas pelos chineses, que as exportaram para o resto do mundo. A tabela abaixo traz algumas delas.

Invenção	**Data de adoção ou criação**
Esfera armilar	Século I a.C.
Ripas de madeira	Não especificado
Correia mecânica	Não especificado
Alto forno (siderúrgica)	Século V a.C.
Coque (tipo de combustível derivado do carvão betuminoso)	Não especificado
Correntes (do tipo usado em bicicleta)	Dinastia Song (1020 - 1101)
Calendário chinês	2637 a.C.
Seda	3000 a.C.

Pasta de dentes	1400
Papel higiênico	Século II a.C.
Carrinho de mão	Século II
Câmera obscura (princípio básico da fotografia)	470 - 390 a.C.
Porcelana	206 a.C. - 220 d.C.
Guarda-chuva retrátil	21
Relógio de água	Século VI a.C.
Pipa	Por volta de 790 a.C.
Macarrão	25 - 220
Menus de restaurantes	960 - 1275
Pára-quedas	Aproximadamente século IX
Chá	Primeiro milênio a.C.

Sistema postal	206 a.C. - 220 d.C.

A Ciência Chinesa Hoje

Muita coisa mudou com o passar dos anos. A tecnologia e a ciência caminham a passos largos na China e seus experimentos e pesquisas já renderam até parcerias para incrementação de seu programa espacial, agora que o da ex-União Soviética parece não encontrar uma maneira de subsistir no mundo pós-guerra.

Vamos agora analisar o panorama geral científico e tecnológico do país. Comecemos com o texto do Consulado, que conta:

“Desde a adoção da estratégia de ‘prosperar o país através do ensino científico’, a China vem concedendo muita importância ao desenvolvimento da ciência e aumentado os investimentos nas pesquisas científicas e exploração tecnológica. Em 2003, a China destinou 150 bilhões de yuans às pesquisas científicas e de novas tecnológicas, ocupando 1,35% do PIB. Os principais programas tecnológicos e científicos se concentram em pesquisas básicas, pesquisas de altas e novas tecnologias, setor agrícola, desenvolvimento da indústria, tecnologia aeroespacial, defesa, entre outros. O programa foi estabelecido através de estudos e discussões dos grupos concernentes de especialistas organizados pelo Ministério da Ciência e Tecnologia da China, que seleciona os órgãos de pesquisas científicas através de concorrência. O país possui uma capacidade de pesquisa científica e exploração técnica em todos os setores. Em algumas áreas de investigação básica e de alta e nova tecnologia, os resultados obtidos já atingiram ou se aproximam do nível internacional. O número das teses divulgadas nas publicações internacionais dos cientistas chineses ocupa o 5º lugar do mundo e o número dos requerimentos das patentes também tem um aumento significativo. Isso evidencia o aumento consecutivo da capacidade da criação da China.”

Os programas divulgados de pesquisas indicam que a atuação dos cientistas chineses atinge um número grande de campos. Vejamos alguns dos mais comentados pela grande mídia. As pesquisas básicas são

desenvolvidas dentro do *Programa do Desenvolvimento e Pesquisas Básicas Importantes*, iniciado em março de 1997 e chamado de Plano 973. As áreas mais importantes, que são alvo de pesquisa desse plano, são agricultura, energia, informática, recursos ambientais, saúde, materiais e demais problemas científicos relativos à economia nacional e o desenvolvimento social.

O governo chinês liberou recentemente alguns bilhões de yuans para o Plano 973, que, com esse dinheiro, iniciou mais de 300 projetos. Os primeiros já tiveram seus resultados divulgados por meio de intensa investigação científica nas áreas de nanotecnologia, genética e paleontologia, entre outros. Um dos exemplos mais divulgados é a pesquisa do seqüenciamento genético do arroz, divulgado em 2002, que fez com que surgisse o gene do arroz.

ALTA TECNOLOGIA

Outro plano que é muito divulgado é o *Programa Nacional de Desenvolvimento e Pesquisa de Alta Tecnologia* , proposto por quatro cientistas em março de 1986 chamado Plano 863. A partir do "desenvolvimento da tendência mundial da tecnologia e a demanda e capacidade real da China", conforme divulga seu Consulado, o Plano 863 atua na pesquisa de sete áreas e 15 temas, incluindo biotecnologia, aeroespacial, laser, automatismo, energética e de novos materiais.

Os resultados dessas pesquisas são considerados extremamente satisfatórios pelos dirigentes chineses e são um dos principais motivos para o crescimento tecnológico do país, uma vez que permitiram que a China formasse gradualmente uma estratégia de pesquisa e exploração de alta tecnologia correspondente à escala nacional. Esse setor foi formulado para servir de base para a investigação da alta tecnologia e exploração de seus produtos. Suas descobertas formaram um novo quadro sobre o assunto no país e obtiveram muitos resultados no mundo todo e aumentaram o nível e o poder desse tipo de investigação. Como exemplo, pode-se citar a produção recente de Fangzhou e Longxin, ambos *chips* potentes e que colocaram o supercomputador Shenteng 6800 da Legend como o quinto entre os 500 melhores do mundo.

No site da Câmara de Comércio e Indústria Brasil-China noticiava que a China já havia se tornado o terceiro maior produtor de alta tecnologia do

mundo. Vejamos o texto:

"A China se tornou a terceira maior indústria manufatureira de eletrônica e tecnologia da informação (IT) do mundo, anunciou hoje aqui a Comissão Estatal de Desenvolvimento e Reforma (CEDR) da China. A indústria manufatureira de eletrônica e tecnologia da informação da China obteve um faturamento total em vendas de 1,88 trilhão de yuans (US$ 222 bilhões) em 2003, 34% mais que no ano anterior. No mesmo ano, a China exportou produtos de alta tecnologia no valor de US$ 110 bilhões, um aumento de 63% em relação ao ano passado e representou mais de um terço do total de exportações do país. A CEDR disse que as exportações de produtos de alta tecnologia da China registraram uma mudança histórica porque presenciaram superávits mensais consecutivos de comércio desde outubro passado. A China se tornou o maior produtor de telefones celulares, televisores e monitores do mundo, e constitui entre 30 e 35% da produção total mundial. Uma porção importante dos produtos é exportada para outras partes do mundo."

A agência de notícias Xinhua, órgão oficial do governo chinês, noticiou:

"As zonas de desenvolvimento industrial de tecnologias de ponta da China, que começaram a ser estabelecidas há mais de 10 anos, estimularam um grande número de empresas orientadas ao mercado com alta capacidade de inovação técnica e concorrência. Em uma entrevista exclusiva à Xinhua, o ministro da Ciência e Tecnologia, Xu Guanhua, disse que, como produtos da reforma e abertura do país, as zonas de alta tecnologia respondem à tendência da nova revolução tecnológica e concorrência internacional."

Trocando em miúdos, pode-se afirmar que as pesquisas tecnológicas são hoje um dos principais fatores do constante crescimento econômico da China e que, muito em breve, tornarão-se um dos pólos mais importantes de pesquisa da Ásia, ultrapassando inclusive o Japão, nas projeções dos especialistas internacionais.

Tecnologia Agrícola

O governo chinês não se preocupa apenas com a tecnologia científica. Também a área agrícola recebe sua quota de pesquisas. O principal plano desse setor chama-se Programa da Faísca, um nome que faz alusão a um antigo provérbio chinês que diz que “basta uma faísca para poder incendiar toda a pradaria”. Esse programa foi iniciado em 1986 e tem como objetivo desenvolver tecnologia avançada e prática para a ciência agrícola, além de fornecê-la para as zonas rurais, orientar os camponeses para que possam desenvolver uma economia rural baseada em princípios tecnológicos e científicos, além de promover o progresso desses setores nas empresas rurais, aperfeiçoar a qualidade dos trabalhadores rurais e poder promover o desenvolvimento sustentável, rápido e saudável tanto da agricultura quanto da economia rural.

Os cientistas ligados a este plano investigam e exploram muitas tecnologias. Por exemplo, trabalham firme no desenvolvimento de uma agricultura que atinja altos índices de produtividade, boa qualidade e alta eficiência, e que possa promover a construção do sistema de serviço socializado e o desenvolvimento da economia da envergadura das zonas rurais.

Os esforços desses pesquisadores trabalham diretamente com uma série de empresas de tecnologia avançada “para dar um exemplo ao reajuste da estrutura dos produtos das empresas rurais e da indústria rural, formar intelectuais voltados para o emprego da tecnologia, gestão e empreendimentos rurais”, como define o Consulado. Em 2003, os cientistas desse plano conseguiram vários avanços e produziram mais de 300 novas espécies das plantas agrícolas, que foram promovidas para ocuparem mais de mil hectares de terra preparados especialmente para elas e criaram novos métodos de irrigação que economizam mais de 30% do consumo de água. Essa produção modernizada provocou um aumento na receita dos camponeses.

Isso, claro, não impede os chineses de visitarem outros países a fim de conhecer as tecnologias em agricultura e pecuária, inclusive no Brasil. A Secretaria de Comunicação Social do Estado de Mato Grosso noticiou uma dessas visitas, ocorrida em 2004. Vejamos um trecho do texto:

“Representantes do Governo da Província chinesa de Ningxia estiveram reunidos com o secretário de Estado de Assuntos Estratégicos, Cloves Vetoratto, para conhecer tecnologias usadas por Mato Grosso na pecuária

e agricultura (principalmente, em algodão) (…). 'Essa visita é muito importante para Mato Grosso, principalmente às vésperas de uma viagem para China. O interesse do Governo de Ningxia no nosso Estado é plausível, já que nossa economia é parecida, notadamente na agricultura e pecuária. Podemos dizer que somos Estados-irmãos', comentou o secretário de Assuntos Estratégicos."

A China e o Espaço

Em 2005, os jornais e *sites* de notícia na Internet anunciavam o lançamento do terceiro satélite conjunto. A Embaixada da China noticiou na ocasião:

"Brasil e China lançarão o terceiro satélite produzido em conjunto, o CBRES-2B, entre 18 e 21 de setembro, na Base de Lançamento de Sa télites de Taiyuan, capital da província chinesa de Shanxi, cerca de 750 quilômetros de Beijing. A data final só depende das condições meteorológicas. O equipamento é o terceiro da série do projeto de sensoriamento remoto sino-brasileiro e fornece imagens da Terra aplicáveis a áreas como agricultura, hidrografia, educação e ambiente. Todo o banco de imagens está disponível de graça na Internet a empresas, órgãos governamentais, universidades e escolas, que só precisam se cadastrar para acessar o material. A novidade do CBRES-2B é a instalação de uma câmera mais potente, a Câmera Pancromática de Alta Resolução (HRC), que será capaz de fornecer imagens mais detalhadas de áreas menores e que serão úteis especialmente para estudos sobre zonas urbanas, explica o coordenador do programa CBRES no Instituto Nacional de Pesquisa Espacial (INPE), Ricardo Cartaxo, em entrevista telefônica exclusiva à Agência Oficial Xinhua. Este equipamento captará imagens de um mesmo ponto na Terra a cada 130 dias, tempo cinco vezes maior do que a antiga CCD, cujo intervalo de revisita era de 26 dias."

O CBRES-2B foi desenvolvido numa parceria do INPE com a Academia Chinesa de Tecnologia Espacial e custou cerca de US$ 15 milhões, valor que está abaixo dos investimentos nos satélite anteriores (US$ 300 milhões), dos quais 70% de investimento chinês e 30% brasileiro.

O lançamento de satélites artificiais não é a única atividade chinesa que envolve o espaço. O programa de vôos tripulados foi iniciado oficialmente em 1992 e possui três etapas básicas: primeiro, enviar aeronautas chineses para o espaço; depois conquistar a tecnologia da ligação espacial e montar laboratórios espaciais; por fim, estabelecer uma estação espacial em longo prazo para resolver problemas técnicos dos vôos de testes espaciais.

No final de 1999, o país lançou a primeira cápsula empregada num vôo simulado, chamada de Shenzhou I. Nos três anos seguintes foram realizadas três missões não tripuladas até que, enfim, foi lançado o primeiro astronauta chinês em outubro de 2003, Yang Liwei, na Shenzhou V. A China tornou-se, assim, o terceiro país do mundo a desenvolver esse tipo de missão, atrás apenas de Estados Unidos e Rússia.

Sobre a Shenzhou V, pode-se dizer que se trata da cápsula com maior diâmetro no mundo. Possui capacidade para levar três astronautas. A cápsula foi lançada pelo foguete chamado Longa Marcha II, o mais potente da China.

CAPÍTULO 10
PALAVRAS EM CHINÊS

Os ideogramas chineses (sinais que representam sons fonéticos) são bem diferentes dos nossos e por isso mesmo causam uma certa ansiedade nas pessoas (pelo menos nos ocidentais) que estão para aprender a língua. Antes de vermos algumas palavras e frases úteis, é necessário fazermos uma rápida revisão para mostrar como a língua chinesa se comporta.

O chinês, ou língua sinítica, pode ser considerado uma língua (ou família de línguas) e é originário dos idiomas indígenas falados pelos chineses Han, que representam cerca de 92% da população, que forma um dos dois ramos da família sino-tibetana de línguas. Cerca de um sexto da populaç ão mundial (o que dá mais ou menos um bilhão de pessoas) falam alguma forma de chinês como língua nativa. Muitos lingüistas modernos consideram a divisão das variedades chinesas como “línguas” ou “ dialetos” como controversa. Estima-se hoje que a família da língua chinesa reúne cerca de 1,2 bilhão de pessoas, das quais 850 milhões falam o chinês mandarim. Esse número ultrapassa qualquer outra língua falada no mundo.

O chinês falado caracteriza-se por seu alto nível de diversidade interna, embora todas as variedades dessa língua sejam por tom e análise. Há entre seis e 12 grupos regionais principais de chinês, número que pode variar devido ao esquema de classificação. Desses o mais popular é o mandarim, seguido pelo wu (com 90 milhões de falantes), o min (com 70 milhões) e o cantonês (também com 70 milhões). Muitos desses grupos são mutuamente inteligíveis, embora alguns, como o xiang e o mandarim do sudoeste, compartilham termos em comum e certo grau de compreensão entre si.

O chinês é classificado como uma macrolíngua com 13 sublínguas no ISO 639-3 (que é o padrão internacional de línguas), embora a identificação das variedades como múltiplas “línguas” ou “dialetos” de um único idioma é uma questão de consenso.

A forma padrão do chinês falado é o mandarim padrão, que é baseado no dialeto de Pequim. Essa é a língua oficial da República Popular da China, da República da China (também conhecida como Formosa ou Taiwan), bem como uma das quatro línguas oficiais de Singapura. O mandarim padrão é uma das seis línguas oficiais das Nações Unidas (as outras cinco são inglês, francês, russo, espanhol e árabe).

Das outras variedades citadas, o cantonês é comum e influente nas comunidades além-mar e é uma das línguas oficiais de Hong Kong, juntamente com o inglês. Com o português, também é falado em Macau, considerada a última colônia européia na China e que voltou ao controle dos chineses desde 1999.

O min nan, parte do grupo min, é largamente falado no sul de Fujian, em Formosa, onde é conhecido como taiwanese ou hoklo, e no sudeste da Ásia, em que domina as regiões de Singapura, Malásia e as Filipinas e é conhecido como hokkien.

As Subdivisões

Vamos agora ver mais de perto as subdivisões da língua. Os sete grupos que são tradicionalmente reconhecidos, por ordem de tamanho da população, são:

- Guan, falantes do mandarim, que são no total 83 milhões de componentes;
- Wu, que incluem os habitantes de Shangai, com 77 milhões;
- Yue, que são os cantonenses, com 71 milhões;
- Min, que incluem os habitantes de Formosa, com 60 milhões;
- Xiang, com 36 milhões;
- Hakka, com 34 milhões;
- Gan, com 31 milhões.

Recentemente, os lingüistas chineses distinguiram três outros grupos além dos sete tradicionais descritos acima. São eles:

- Jin, a partir do mandarim;
- Hui, a partir do wu;
- Ping, que inclui parcialmente os cantonenses.

Há também alguns grupos menores que não foram ainda classificados, como os falantes do dialeto danzhou, oriundos dos Danzhou, na Ilha Hainan, ao sul da China continental; o xianghua (que não deve ser confundido com o já citado xiang), falado no oeste da província de Hunan; e o shaozhou tuhua, falado ao norte da província de Guangdong.

A língua dungan, falada na Ásia Central, é bem próxima do mandarim. Porém ela não é considerada como sendo uma língua chinesa por ser escrita com um alfabeto cirílico [1] . É falada por pessoas fora da China da raça Dungan e que não são consideradas como de etnia chinesa.

No geral, todos esses grupos de dialetos não possuem ligações entre si, embora o mandarim seja a língua predominante no norte e no sudoeste, e as demais línguas sejam mais faladas na China central ou na região sudeste. Muitas vezes, como no caso da província de Guangdong, os lá nascidos apelem para as grandes variações da língua.

Como acontece em áreas com grande diversidade lingüística, não é claro como os idiomas das várias partes da China devem ser clas sificados. Há uma publicação que é considerada uma das principais fontes de dados sobre essas línguas, com estatísticas para mais de seis mil línguas, além de fornecer dados como números de falantes, localização geográfica, dialetos e genética. É a *Ethnologue: Languages of the World* , uma revista impressa da *SIL International* (*Summer Institute of Linguistics* ou Sociedade Internacional de Lingüística), cujo trabalho, de princípios cristãos, é estudar principalmente línguas minoritárias para propiciar a seus falantes textos bíblicos em sua própria língua materna. É essa mesma revista que lista, na China, um total de 14 variações do chinês (número que pode, segundo alguns especialistas, variar de sete a 17, dependendo do esquema de classificação usado). Como exemplo, é citado o caso do idioma Min, que é dividido em min do norte (também conhecido como minbei ou fuchow) e o min do sul (minnan ou amoy-swatow). Os lingüistas foram, até agora, incapazes de determinar se sua inteligibilidade mútua é tal para que essa divisão não fosse necessária.

No geral, o sul montanhoso da China apresenta uma diversidade lingüística maior que o norte. Em partes do sul, o dialeto de uma cidade grande pode ser inteligível apenas para os vizinhos mais próximos. Por exemplo, a cidade de Wuzhou fica a 193 quilômetros de Guangzhou, mas seu dialeto está mais para o cantonês padrão falado em Guangzhou do que

em Taishan, que fica a 97 quilômetros ao sul de Guangzhou e é separado daquela cidade por vários rios.

Há ainda algumas formas da língua chinesa que merecem ser comentadas. Vejamos algumas curiosidades:

- o dialeto chamado wenli é uma versão totalmente literária, sendo pouco usado na forma falada;
- o chinês escrito é baseado no dialeto beijing e recebeu influências de outras variedades como do mandarim do norte;
- o idioma que se ensina nas escolas é chamado putonghua.

Há ainda mais outras! Esse tipo de diversificação parece amedrontador, mas não é mais diferente do, por exemplo, português falado no sul e no norte de nosso país.

Palavras Básicas

Agora é hora de vermos algumas das palavras básicas na língua chinesa. Fale normalmente, mas preste atenção na colocação dos acentos para dar a tônica necessária às sílabas selecionadas.

Palavra em português	**Palavra em chinês**
Sim	Shì
Não	Bú shì
Obrigado	Xìe xìe
Muito obrigado	Feicháng gàn xìe/Hhenv gàn xìe
De nada	Bú yòng xìe

Por favor	Qíng
Desculpe	Dui bu qi
Oi	Niv haov
Adeus	Zài jiàn
Bom dia	Zaov an
Boa tarde	Wuv an
Boa noite	Wanv shàng haov

Fonte: Site Chinês.info

Quando Se Conhece Alguém

A boa educação é item indispensável para poder conhecer um país estrangeiro, principalmente dono de uma cultura tão diferente da nossa. Por isso, a tabela a seguir traz alguns termos usados quando se é apresentado a alguém.

Termo em português	**Palavra em chinês**
Como se chama?	Niv jiào shen me míng zi?

Muito prazer.	Henv gao xìng yù jiàn niv.
Como está?	Niv haov ma?
Onde vai?	Niv yào qù nav liv?
Onde vive?	Niv zhù zài nav liv?
Que horas são?	Jí dianv zhong le?

Fonte: Site Chinês.info

Dias Da Semana

A próxima tabela traz os dias da semana. A maneira como eles são falados em chinês é uma seqüência numérica. A palavra “semana” (xingqi) é seguida de um número que indica o dia. Assim, segunda-feira é “semana um”, terça-feira é “semana dois” e assim por diante. A exceção é o domingo, em que as palavras “tian” ou “ri” significam ambas “dia”.

Dia da semana	**Em chinês**
Segunda-feira	Xing qí yi
Terça-feira	Xing qí èr
Quarta-feira	Xing qí san
Quinta-feira	Xing qí sì

Sexta-feira	Xing qí wuv
Sábado	Xing qí liù
Domingo	Xing qí rì/xing qí tiàn

Fonte: Site Chinês.info

MESES

Falemos agora dos meses. De acordo com a filosofia chinesa, há 64 hexagramas (aqueles conjuntos de linhas que formam desenhos), dispostos em seis linhas das forças opostas de ying e yang, feitas a partir das combinações possíveis de trigramas (desenhos que correspondem às oito possibilidades de combinação de ying yang em três linhas, elementos que estruturam o livro chinês *I Ching* ou *Livro das Mutações*).

Cada hexagrama possui uma interpretação específica diferente, que determina os efeitos das opções na vida da pessoa que a consulta. Assim, a união dos 12 trigramas referentes aos 12 meses do ano forma o ciclo das mutações.

Mês	**Nome em chinês**	**Número do hexagrama correspondente**
Janeiro	Yi yuè	19
Fcvcreiro	Èr yuè	11
Março	San yuè	34

Abril	Sì yuè	43
Maio	Wuv yuè	1
Junho	Liu yuè	44
Julho	Qi yuè	33
Agosto	Ba yuè	12
Setembro	Jiuv yuè	20
Oucubro	Shf yuè	23
Novembro	Shí yi yuè	2
Dczcmbro	Shí ér yuè	24

Fonte: Site Chinês.info

REFEIÇÕES

Nossa próxima tabela mostra algumas palavras usadas nas refeições. Para nós, ocidentais, a comida chinesa caracteriza-se principalmente pelo uso dos *chopsticks* (ou pauzinhos), adotados como talheres em países como China, Japão, Vietnã e Coréia. Esses pauzinhos são feitos de madeira, bambu, marfim ou metal, e apenas algumas vezes de plástico. O par é manuseado com a mão direita, entre o dedo polegar e os dedos anelar,

médio e indicador. Ao contrário do que se pensa, servem para pegar pequenos pedaços ou empurrá-los diretamente para a boca.

Um detalhe interessante: como apenas 10% da superfície da China é composta de terras cultiváveis, a pecuária não é uma fonte importante de alimentação. As proteínas animais foram trocadas pela soja, que é hoje a principal fonte protéica de um país que só conheceu o uso do leite e de seus derivados há pouco tempo.

Pela tradição chinesa, os alimentos não só devem acalmar o apetite como também devem possuir propriedades curativas. A comida de lá se baseia em conceitos que inspiram equilíbrio para o corpo até mesmo em ocasiões fartas como grandes banquetes. Todas as refeições são feitas em grupo para poderem degustar vários pratos. Os restaurantes de lá não estão acostumados a receber clientes solitários.

Alimento	**Nome em chinês**
Pão	Miàn bao
Refrigerante	Qì shuiv
Café	Ka fei
Chá	Tsá
Suco	Guov zhi
Água	Shuiv
Cerveja	Pí jiuv

Vinho	Jiuv
Sal	Yán
Pimenta	Hú jiao
Carne	Roù
Vaca	Niú roù
Porco	Zhu roù
Peixe	Yú
Ave	Jia qinv
Vegeiais	Cài
Frutas	Shuiv guov
Batata	Mav líng shuv
Salada	Sa là
Sobremesa	Tián pinv
Sorvete	Bing qi lín / xuev gào

Fonte: Site Chinês.info

FAMÍLIA

A tabela a seguir traz os principais termos familiares:

Relação familiar	**Equivalente em chinês**
Mulher/esposa	Qi ziv
Marido	Zhàng fu
Filha	Nüv er
Filho	Ér zi
Mãe	Ma ma
Pai	Ba ba
Amigo	Péng youv

Fonte: Site Chinês.info

NA CIDADE

Não é só de turismo natural que o país vive. Suas diversas cidades possuem vários estilos arquitetônicos. Os centros econômicos de Pequim e

de Shangai estão nas regiões norte e oeste, respectivamente. A oeste está a panorâmica Lhaça, que possui forte identidade étnica; no sul encontramos Kunmin, onde predomina a primavera em quatro estações.

As cidades chinesas espalham-se por uma superfície de 9,60 milhões de m^2 . Além das citadas também são muito procuradas: Tianjin, Chongqing, Shenzhen, Hangzhou, Dalian, Nanjing, Xiamen, Guangzhou, Chengdu, Shenyang, Qingdao, Ningbo, Harbin, Jinan e Changchun etc. E outras, como Harbin, Jilin, Zhenzhou, Zhaoqing, Liuzhou e Qingdao, além de Xian, onde foi encontrado o fabuloso exército de terracota (conforme relatado no **Capítulo 2**).

Item	**Correspondente em chinês**
Informação turística	Liuv yóu wèn xún chù
Correio	Yóu jú
Museu	Bó wú guanv
Banco	Yín háng
Polícia	Jingv chá jú
Hospital	Yi yuàn
Farmácia	Yào fáng
Loja	Diàn

Restaurante	Jiuv lóu
Escola	Xúe xiáo
Igreja	Jiào táng
Banheiro	Xiv shouv jian
Rua	Jie
Praça	Fang/Guang chang
Torre	Tav
Ponte	Qiáo

Fonte: Site Chinês.info

Criação atribuída a São Cirilo, missionário cristão ortodoxo búlgaro; alfabeto utilizado por algumas das línguas eslavas como o russo, o bielorrusso, o ucraniano, o búlgaro, entre outros, e também por línguas não eslavas como o mongol.

BIBLIOGRAFIA

ABREU, Antonio Daniel. *Seleção. Mitologia Chinesa – Mitologia Primitiva. Quatro Mil Anos de História através das Lendas e dos Mitos Chineses* . Landy, 2000.

BARFIELD, Thomas. *Perilous Frontier: Nomadic Empires and China.* John Wiley, 1992.

FAIRBANK, John King & GOLDMAN, Merle. *China: a New History.* Harvard University Press, 2006.

–. *China: uma Nova História.* L&PM Editores, 2007.

FAIRBANK, John King & MACFARQUHAR, Roderic k. *History of China.* Cambridge USA, 1992 .

HARPER, Damian. *China* . Lonely Planet, 2007.

HIBBERT, Christopher. *Los Emperadores de China* . Folio Espanha, 1998.

MOTE, Frederick W. *Imperial China 900-1800* . Harvard University Press, 2003.

O Livro Ilustrado dos Mistérios . Publifolha, 2001.

PHILIP, Neil. *O Livro Ilustrado dos Mitos* . Marco Zero, 1996.

SCHWARTZ, Benjamin I. *China and Other Matters* . Harvard University Press, 1996.

SPENCE, Jonathan D. *Search for Modern China* . WW Norton, 1999.

TREVISAN, Claudia. *China: o Renascimento do Império* . Planeta, 2006.

Sites na Internet

Agência de Notícias Xinhua (www.xinhuanet.com).

BBC Brasil (www.bbc.co.uk/portuguese/).

Beijing Oficial Website International (www.ebeijing.gov.cn).

Câmara de Comércio e Indústria Brasil-China (www.ccibc.com.br).

China On-line (www.chinaonline.com.br).

China Radio International (http://portuguese.cri.cn/).

Chinês.info (www.chines.info).

Descobrir a China (www.a-china.info).

Embaixada da República Popular da China no Brasil (www.embchina.org.br).

História por Voltaire Schilling (http://educaterra.terra.com.br/voltaire/mundo/indice.htm).